

NOVOS RUMOS

ANO II

Rio de Janeiro, semana de 20 a 26 de maio de 1962

Nº 64

Diretor — Mário Alves

Redator-Chefe — Orlando Bomfim Jr.

Gerente — Guttemberg Cavalcanti

Astronave de cinco toneladas

Soviéticos Preparam o Envio do Homem ao Espaço Sideral

Reportagem na 6.ª pág. do 1.º caderno

«O Globo» e o Espião



— Os russos abateram um avião americano...
— Selvagens! Era um avião civil de meteorologia!



— Mas ele sobrevoava a URSS...
— Porque o piloto estava desorientado!



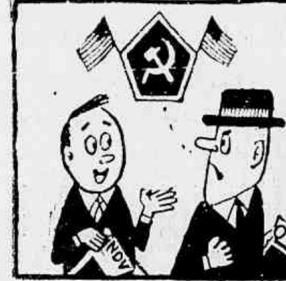
— A 2.000 quilômetros no interior do território soviético?
— Assassinos! Matar um civil!



— Mas era um militar. E está preso...
— Mentira! Propaganda!



— Aqui estão as provas: o avião fotografava objetivos militares e...
— É um cúmplice dos bolcheviques!



— Mas foi Eisenhower que mandou o espião!
— Mentira! Ike assumiu a responsabilidade porque é «durão». Tudo foi golpe de propaganda dos comunistas para sabotar a Conferência de Cúpula e desmoralizar «O Globo»!

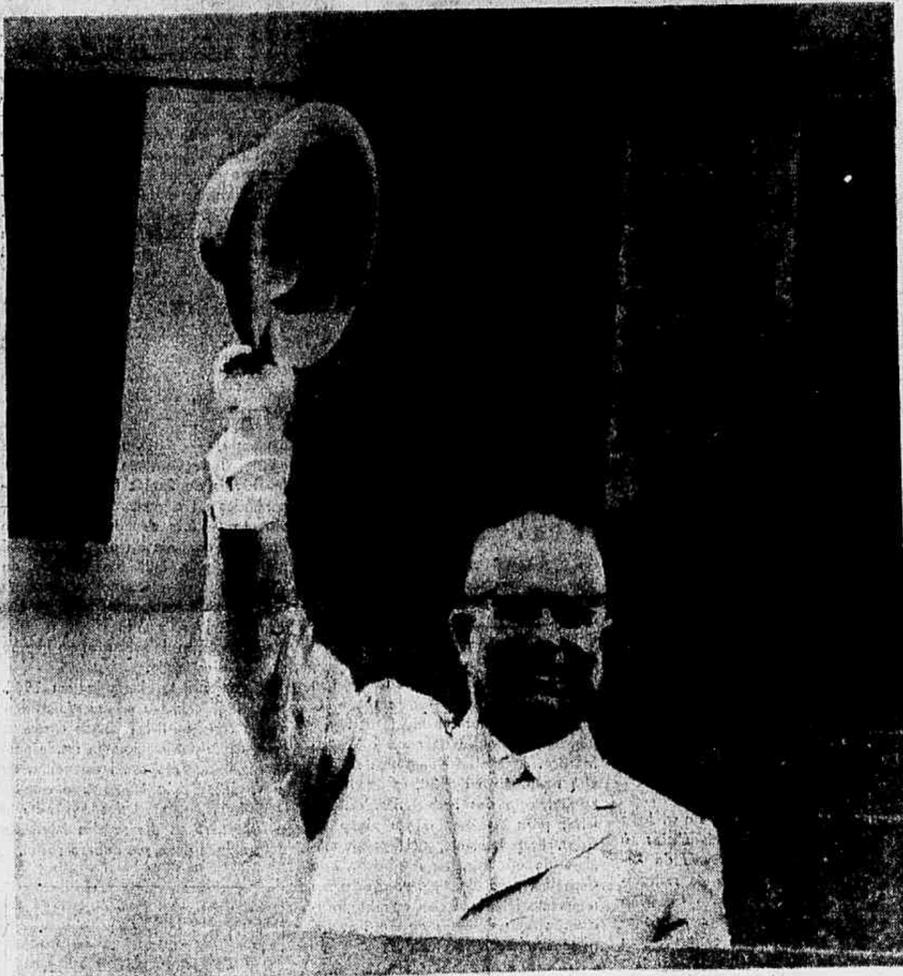
Fracassou a Conferência de Paz

O CULPADO É EISENHOWER

Povo Carioca Reafirma: A Solução é Lott-Jango

Candidatos e dirigentes dos partidos ouviram e aprovaram, no grande comício de terça-feira última em Bangu, a mensagem do povo carioca: a chapa nacionalista precisa vencer em 3 de outubro.

(Leia na página 3 do 1º caderno)



E agora, Mister Ike?



«Na semana passada o presidente disse o contrário do que disse agora. Como podemos saber o que ele irá dizer na próxima semana?» perguntou o deputado Melvin Price numa sessão do Congresso norte-americano, referindo-se a Eisenhower. O mundo inteiro aguarda ansioso o novo capítulo desta novela de mentiras de Eisenhower.

QUE o opróbrio e a responsabilidade recaiam sobre os agressores, culpados pelo fracasso da conferência de chefes de Estado — diz a nota da delegação soviética à reunião de Paris, depois de apontar à humanidade as manobras dos círculos imperialistas que pretendem impedir a cessação da guerra fria e a solução pacífica dos litígios internacionais. A agressão à URSS, poucos dias antes de iniciar-se a conferência, e a recusa terminante de Eisenhower em reconhecer o caráter criminoso da violação do espaço aéreo da União Soviética foram atos friamente premeditados, com o propósito evidente de tornar impossível o simples encontro de Kruschiov com o chefe de um Estado que mandara agredir o seu país. Personalidades públicas de todo o mundo, inclusive conhecidos juristas brasileiros condenam esta estúpida violação do direito internacional. Leia matérias na 6ª e 7ª págs. do 1º caderno e na 6ª pág. do 2º caderno.

Você pode estudar

em Moscou

NOS últimos dias, vimos recebendo dezenas de cartas, de vários pontos do país, mandadas por pessoas que pedem informações e esclarecimentos sobre a «Universidade de Amizade dos Povos», iniciativa do Governo soviético que permitirá a jovens de todo o mundo frequentar os cursos ministrados na URSS. Em nossa próxima edição daremos respostas a essas cartas. Chamamos, porém, a atenção dos leitores para a reportagem que publicamos neste número, na 1ª página do 2º caderno, acerca de como vive o estudante na URSS.

Causa do Fracasso

FAUSTO CUPERTINO

A CONFERÊNCIA de cúpula, que devia dar novos passos no sentido da coexistência pacífica entre todos os Estados, não chegou a se realizar. Sugerida desde 1957 pelo governo soviético, tornada possível pelo degelo iniciado em 1959 nas relações internacionais e ansiosamente esperada pelos povos de todo o mundo, a conferência foi, entretanto, sabotada e torpedeada pelos inimigos do relaxamento da tensão internacional. Na comunicado que liquidou as esperanças de um entendimento na conferência de Paris, os governantes dos Estados Unidos, Inglaterra e França procuram responsabilizar a União Soviética pelo fracasso das negociações. Procurando inútilmente inocentar-se, Eisenhower afirma que Kruschiov foi a Paris com o propósito deliberado de levar a conferência ao fracasso. Os fatos, contudo, são claros e desmentem a manobra norte-americana.

A RESPONSABILIDADE do governo dos Estados Unidos é reconhecida pelos próprios círculos políticos ianques. A violação do espaço aéreo soviético por um avião norte-americano duas semanas antes do início da conferência e a subsequente afirmação do Departamento de Estado e do próprio Eisenhower de que os Estados Unidos continuariam adotando estas e outras medidas hostis em relação à União Soviética, numa política de «guerra preventiva», foram indicadas por Adlai Stevenson como a verdadeira causa do fracasso da reunião. A declaração do ex-candidato do Partido Democrata à presidência vem mostrar que mesmo nos Estados Unidos a opinião pública democrática compreende que o governo de Eisenhower tem que assumir perante o mundo a responsabilidade por ter sido bloqueado temporariamente o caminho que leva à paz e ao desarmamento universal.

A REUNIÃO de alto nível foi preparada pelos Estados Unidos com um ato de agressão à União Soviética e com a defesa aberta de uma política agressiva que considerava a espionagem como uma «necessidade vital» para a segurança norte-americana. Nestas condições, é claro que não havia possibilidade de se chegar a qualquer acordo. A negativa de Eisenhower em condenar o ato de agressão à URSS e sua obstinação em não renegar a política que defende e consagra este ato equivale a condenar de antemão ao fracasso as negociações, a passar por cima da mesa da conferência. Mesmo depois de anunciar que os votos não seriam reiniciados, Eisenhower deixou claro que a presença de Kruschiov na reunião se tornaria significativa que a União Soviética retirava sua exigência de que os Estados Unidos condenassem os atos de agressão contra o território da URSS. Dessa forma, Eisenhower se negava mais uma vez a condenar a política de força que ele próprio sabe que é absolutamente incompatível com o princípio de solução pacífica dos problemas internacionais.

CONCORDAR com estas condições seria concordar com a opinião pública mundial fosse iludida por uma aparência de paz que encobriria a continuação do perigo de conflito mundial representado pela política de força — de «guerra preventiva». A defesa da segurança e da soberania da URSS e da paz mundial não permite ao governo soviético qualquer tolerância quanto a métodos agressivos, mesmo que encobertos por uma participação da ONU. A volta ao clima de guerra fria não interessa à União Soviética da mesma forma que não interessa aos povos de todo o mundo. Mas o que menos interessa ainda é a consagração e perpetuação desse clima a pretexto de resolver os problemas internacionais, com a consagração do espionagem e não do desarmamento, com a adoção da política «à beira da guerra» e não dos princípios da coexistência pacífica.



Metalúrgicos Homenageiam Astrojildo

Os veteranos sindicais metalúrgicos comemoraram, no último dia 25, o primeiro aniversário do seu Grêmio. Foi uma festa de velhas recordações, impregnada de otimismo, realizada no Palácio do Metalúrgico. Os veteranos, muitos dos quais com mais de 40 anos de dedicação às lutas sindicais, pres-

taram uma homenagem especial ao escritor Astrojildo Pereira, nesse colaborador e um dos fundadores do Partido Comunista do Brasil. Escritor, crítico literário e jornalista sempre ligado ao movimento operário, Astrojildo recebeu comovido a homenagem dos

velhos companheiros metalúrgicos. Os veteranos do movimento sindical carioca também foram homenageados na pessoa do líder Roberto Moreno. Na foto, o velho operário Manoel Alves da Rocha, presidente do Grêmio dos Veteranos, cumprimenta Astrojildo Pereira.

LOTT E JANGO DERAM POSSE AO CONSELHO

Trabalhadores Fluminenses Ratificam Unidade Sindical

A I Convenção Sindical dos Trabalhadores do Estado do Rio foi encerrada em Volta Redonda com uma grande comício, no qual compareceram mais de 10 mil pessoas. O ato, que se realizou no dia 1º de maio, contou com a presença do vice-presidente da República, sr. João Goulart; Marechal Teixeira Lott, candidato nacionalista à presidência da República; governador Roberto Silveira; vice-governador Celso Pecanha; o secretário do Trabalho, sr. Wandir Carvalho; o embaixador Amaro Peixoto; e outras personalidades.

A Convenção teve início no dia 29 de abril, com a participação de 300 delegados eleitos nos mais importantes municípios fluminenses. Os convencionais debateram e ratificaram as resoluções aprovadas no II Conferência Sindical Nacional, e no II Congresso dos Trabalhadores do Estado do Rio. A par de inúmeras outras decisões, os convencionais resolveram intensificar a luta pela encampação da Companhia

Brasileira de Energia Elétrica, subsidiária da Bond and Share; pela ampliação da Companhia Nacional de Alcalis; da Fábrica Nacional de Motores; e instalação da Refinaria de Petróleo de Duque de Caxias.

Lott e Jango deram posse

O marechal Teixeira Lott e o sr. João Goulart, candidatos nacionalistas à presidência e vice-presidência da República, assinaram a ata de reestruturação e de posse do novo Conselho Sindical dos Trabalhadores Fluminenses, que é uma entidade congregadora de todas as categorias profissionais, e que tem como objetivo coordenar, em todo o Estado, a luta dos trabalhadores pela execução do programa de atividades aprovado na I Convenção. Os srs. Roberto Silveira e Celso Pecanha, respectivamente Governador e vice-Governador do Estado do Rio, tam-

bém, assinaram a ata de reestruturação do Conselho, dando posse a sua atual diretoria.

A Comissão Executiva do Conselho ficou composta de 13 membros e de um órgão auxiliar constituído de 7 departamentos, entre os quais o de Estatística. A Comissão Executiva se reunirá no próximo dia 20, às 18 horas, no Sindicato dos Rodoviários, em Niterói, para elaborar o seu plano de ação. Posteriormente, num prazo máximo de 60 dias, reunir-se-á todo o Conselho, para discutir e aprovar o seu regimento interno. Dessa reunião participarão representantes de todas as entidades sindicais fluminenses

Festa campestre

Está programada uma grande festa campestre para o próximo dia 29, das 8 às 17 horas, na agradável Fazenda São Bento, em Caxias. Dotada de uma grande piscina, crianças e adultos encontram em São Bento, horas de alegria e prazer. Um grande baile e um monumental show animados por artistas profissionais darão maior alegria aos excursionistas que encontrarão, em Caxias, ônibus das linhas Saracunã-Compos Eliseos, Parada Angélica, Piabetá, Boa Sorte, Belfort Roxo (via lote 15), Roiz da Serra, por Cr\$ 5,00, e Mantiqueira, por Cr\$ 7,00. Todos ao lado da Praça 23 de Outubro. Os convites para essa grande festa podem ser encontrados na Gerência de NOVOS RUMOS.

Federação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas

MENSAGEM

Ao ensejo da data de 1º de maio de 1960, a Diretoria da Federação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas concita todos os seus Sindicatos filiados e aos trabalhadores gráficos brasileiros, a redobram seus esforços e unidade de ação na conquista da Lei Orgânica da Previdência Social e Regulamentação do Direito de Greve, bem como, Revisão do Salário Mínimo e Combate simultâneo à Carestia de Vida.

Estando prevista para julho deste ano o I Congresso Sindical Nacional, desejamos que os nossos filiados desenvolvam o máximo de suas atividades no sentido de se fazerem presentes neste Conclave de importância fundamental não só para os gráficos brasileiros, como também para os trabalhadores de nossa Pátria.

SALVE o 1º de maio de 1960.
SALVE o I Congresso Sindical Nacional e
VIVA a Unidade de Ação dos Trabalhadores Brasileiros
DANTE PELLACANI, Presidente
ASSIS BRASIL, Secretário
NEWTON OLIVEIRA, Tesoureiro

SINDICATOS CARIOCAS DISCUTEM

Ação Para o "Dia de Protesto"

Três assuntos estão sendo debatidos em assembleias sindicais específicas dos trabalhadores cariocas:

- 1) Dia do Protesto;
- 2) eleição dos delegados ao Plenário da CPOS;
- 3) Posição face ao documento das três Confederações. As assembleias serão realizadas até o próximo dia 28, e o resultado delas comunicado à CPOS (Comissão Permanente das Organizações Sindicais do Estado da Guanabara).

A CPOS, em virtude da onda de protestos contra o manifesto lançado

pela CNTI, CNTT e CNTC, no dia 1 de maio, resolveu recomendar aos sindicatos cariocas que debatam o referido documento em assembleias gerais, na mesma oportunidade em que estiverem discutindo os preparativos para o Dia do Protesto Contra a Carestia e pelas reivindicações do movimento operário, estudantil e do funcionalismo.

A CPOS, entidade a qual pertence o sr. Ari Campista, um dos signatários dos documentos das Confederações, resolveu que só se pronunciará sobre o referido manifesto após ter ouvido a opinião das bases, através das assembleias sindicais.

Nesse sentido, providenciou o envio da cópia do citado manifesto a todos os sindicatos, com a recomendação de que os mesmos, pelas suas assembleias, digam se no documento das Confederações está expresso o pensamento das nossas Convenções sobre a liberdade e autonomia sindicais; se a parte programática reflete o aprovado em nossos conclaves; se é justo as três Confederações chamarem a si os destinos do Movimento Sindical Brasileiro, embora existam outras Organizações Sindicais Nacionais.

Assembleias

Para tratar do assunto já foram convocadas as assembleias dos metalúrgicos, para o dia 27, às 19 horas; químicos, dia 27 às 19 horas; têxteis, dia 20. O sindicato dos bancários e os de outras categorias profissionais também realizarão as suas assembleias entre os dias 25 e 28 do corrente. Grande parte dessas reuniões serão promovidas ao calor da campanha de reivindicações salariais devendo, por isso mesmo, serem incluídas na ordem do dia um ponto relativo a campanha salarial.

Comícios

Precedendo a realizações de suas assembleias, os sindicatos já estão empenhados na campanha de esclarecimento aos trabalhadores e ao povo sobre o Dia de Protesto, divulgando o seguinte slogan: «Não Comprem Nada no Dia 31». Nesse mesmo dia, 31, serão realizados os seguintes comícios: na Praça da Bandeira, às 19,30 horas; em Padre Miguel e em Irajá, às 20 horas. Milhares de volantes e faixas estão sendo distribuídos pelos bairros, divulgando as palavras de ordem do Dia de Protesto que são: luta contra a carestia, restrição da remessa de lucros para o exterior, Direito de Greve, justas dietas e bases para o ensino, defesa da indústria nacional, Classificação de Cargos do Funcionalismo, e Lei Orgânica da Previdência Social

Congresso Nacional dos Rodoviários

SALVADOR — Bahia (Do Correspondente) — Vinte delegações de trabalhadores rodoviários, representando os profissionais do volante de todo o País, estiveram reunidos nesta cidade, nos primeiros dias de abril, no I Congresso Sindical dos Condutores de Veículos Rodoviários do Brasil. Os congressistas discutiram assuntos relacionados com a previdência social, Justiça do Trabalho, liberdade e autonomia sindicais, direito de greve e emancipação nacional. O II Congresso ficou convocado para o dia 1.º de maio de 1961, devendo-se realizar em Niterói, no Estado do Rio.

Reivindicações

Os congressistas aprovaram as resoluções do II Convenção Sindical Nacional e incluíram em sua plataforma de reivindicações, entre outras, as seguintes questões: 1) participação de representantes sindicais nas comissões técnicas de trânsito; 2) desclassificação do «flagrante» nos acidentes de veículos que devem ser considerados como acidente de trabalho; 3) parte de arma para os motoristas que transitam em longas viagens em caminhões de carga; 4) criação do Ministério do Transporte; 5) participação de motoristas com mais de cinco anos de profissão nas bancas examinadoras; 6) oficialização do ensino técnico, aproveitando as escolas existentes; 7) concessão aos motoristas das mesmas facilidades para compra de carros nacionais que são oferecidas aos deputados senadores.

NOVO LIVRO DE FILOSOFIA MARXISTA

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO FORMALISMO E DAS CONTRADIÇÕES por Álvaro de Faria

Nesta obra o autor se propõe a dar uma solução à questão que segundo o «Kommunist», órgão do Comitê Central do PCUS, é a tarefa fundamental da filosofia marxista de nossos dias: a de encontrar a unidade da dialética, da teoria do conhecimento e da lógica.

1 volume, brochura, com 410 páginas. Cr\$ 180,00

Livraria das Bandeiras Ltda. Rua Riachuelo, 342 — Loja 2. Telefone: 36-4871 — S. Paulo. Atendemos pelo Reembolso Postal.

Defende Teu Direito

Gratificação — A decisão recorrida condenou a empresa a restituir a gratificação de Natal, considerando que a mesma vinha sendo paga habitualmente, a todos os empregados e sem dependência de lucros. — Se a gratificação, além de habitual, era concedida mesmo que não houvesse lucro, não pode ser identificada como simples liberalidade. Ac. STF, 1ª Turma (Rec. ext. 48.589). Relator: Nelson Hungria, «Ementária Trabalhista», fevereiro de 1960.

A habitualidade da gratificação anual paga pelo empregador equivale ao ajuste tácito e se incorpora às condições do contrato de trabalho. Ac. TST, 3ª Turma (Proc. 977/57). Relator: Hildebrando Bisaglia.

havendo os empregados, nos recibos dados à sua empregadora, reconhecido que as gratificações que lhes foram pagas constituíam mera liberalidade, não envolvendo qualquer obrigação patronal, não se pode ter tais gratificações como obrigatórias. Ac. TST, 2ª Região (Proc. 88/57). Relator: Wilson Batalha.

Não integram a remuneração do empregado as gratificações de balanço, por serem aleatórias, incertas e dependerem do arbítrio do empregador. Ac. TRT, 2ª Reg. (Proc. 2.599/57). Relator: Hélio Guimarães.

As gratificações de Natal constituem ato de mera liberalidade do empregador, e podem, pois, ser retiradas a seu critério exclusivo. Ac. TST, 1ª Turma (Proc. 985/56). Relator: Caldeira Neto.

Integram o salário, para efeito do cálculo de indenização, as gratificações mensais concedidas, habitualmente, há cerca de dez anos. Ainda que liberalidade fosse, teria perdido pela reiteração, no correr do tempo, aquele sentido de generosidade e de gratiosidade. Ac. TST (Proc. 1.088/56). Relator: Mario L. de Oliveira.

Empregado que recebe gratificação de clientes contra proibição expressa do contrato, da justa causa para a dispensa. Ac. TRT, 1ª Região (Proc. 1.588/57). Relator: Délio Maranhão.

Corjeta — Quando fixadas nas notas de despesas apresentadas ao freguês, não podem as corjetas ser aplicadas na integração do salário-mínimo devido ao empregado. Ac. TRT, 2ª Região (Proc. 35/57). Relator: José Fava.

Não se confunde com a corjeta e pode ser assim computada para a integração do salário-mínimo a «taxa de serviço», paga pelos freguês por exigência da empregadora, que a arrecada e controla. Ac. TRT, 1ª Reg. (Proc. 1.400/57).

A corjeta diretamente recebida dos freguês, compreendendo-se na remuneração do empregado até o limite do seu conhecimento pelo empregador. Ac. TRT, 1ª Região (Proc. 274/58). Relator: Alvaro Ferreira da Costa.

Greve — Não justifica a demissão do empregado sua simples ausência ao trabalho em período de greve. Essa a tese que melhor se conforma com a norma constitucional que proclama a greve como um direito e que, por ser posterior ao Decreto-lei 9.070, derogou este, naquilo que lhe é contrário. Ac. TST, 2ª Turma (Proc. 2.228/57). Relator: Oscar Saraiva.

A parte punitiva do Decreto-lei 9.070, de março de 1946, está revogada pelo dispositivo constitucional garantidor do direito de greve. Ac. TRT, 2ª Reg. (Proc. 2.366/57). Relator: Hélio Guimarães.

Nota Sindical

O Manifesto Repudiado

Continua encontrando a mais veemente repulsa dos trabalhadores de todo o país o manifesto de encomenda assinado pela CNTI, CNTC e CNTTT. O referido documento, lançado no dia 1 de maio, apregoa a submissão do movimento sindical brasileiro a atividade divisionista da CIOIS (Confederação Internacional das Organizações Sindicais Livres) e da ORIT (Organização Regional Interamericana do Trabalho), ao mesmo tempo que renega a plataforma de unidade na luta política, econômica e social que vem sendo aprovada por unanimidade em todos os conclaves regionais e nacionais dos trabalhadores brasileiros.

Logo que o infeliz documento foi divulgado pela imprensa, inúmeros dirigentes sindicais cariocas e paulistas se manifestaram contra o seu conteúdo divisionista e reacionário, denunciando, inclusive, o insultuoso propósito do Governo dos Estados Unidos de destinar, através da ORIT e da CIOIS, por conta do famoso ponto IV do plano de ajuda aos países subdesenvolvidos, uma polpuda verba em dólares para alimentar a cúpula da CNTI, CNTC e CNTTT, num esquema de luta contra a unidade do movimento operário, procurando, desse modo, ferir de morte, como se isso fosse possível, o processo crescente de participação dos trabalhadores brasileiros e de suas entidades sindicais na luta efetiva pela sua emancipação econômica e política.

O movimento sindical brasileiro tem uma tradição de luta, e principalmente de luta política, que o torna imune, já a essa altura, às manobras veladas ou ostensivas dos serviços da burguesia reacionária e do imperialismo norte-americano. É uma tradição que os cárceres do Estado Novo não conseguiram suprimir, e nem os dólares lanques conseguiram enxovalhar.

A luta contra o atraso econômico e contra a dominação imperialista em nosso país é parte inseparável do programa de ação do movimento sindical brasileiro. Os esforços dos trustes lanques da ORIT, da CIOIS e de seus pais — mandados nativos para dividir o movimento operário brasileiro e restringi-lo às atividades econômicas, como mera pedinte de melhores salários, encontra a justa repulsa dos trabalhadores brasileiros.

O que os trabalhadores esperavam da CNTI, CNTC e CNTTT não era o lançamento de uma nota divisionista, estranha, pela essência do seu conteúdo, aos princípios que norteiam o movimento sindical brasileiro. O que os trabalhadores esperavam, esperam e exigem dessas Confederações é que elas cumpram as resoluções que aprovaram na II Convenção Sindical Nacional, entre as quais se encontra a que manda convocar o Congresso Nacional dos Trabalhadores para julho próximo. Essa resolução foi ratificada pela maioria esmagadora das entidades sindicais do país, que já se preparam para enviar os seus delegados ao Estado da Guanabara, onde instalarão, provisoriamente a 14 de julho, o seu Congresso Sindical Nacional. As resoluções desse conclave é que refletirão, mais uma vez, o pensamento dos trabalhadores brasileiros acerca dos seus próprios problemas e dos problemas nacionais.

Nilson Azevedo

B. Calheiros Bomfim

Panorama PR, Jânio e Petrobrás

No caso do apoio dado pela Convenção Nacional do Partido Republicano a candidatura de Jânio Quadros há, dentre outros, dois aspectos a assinalar. Primeiro, a fração que ela representa é linha nacionalista antes impressa àquele partido pelo patriota Artur Bernardes, um dos mais combativos batalhadores na luta pelo monopólio estatal do petróleo. Ela que agora essa tradição é violentada, e em circunstâncias ainda mais odiosas por se achar à frente do PR precisamente um filho de Artur Bernardes. Tratando a memória de seu líder naquilo que foi o ponto mais alto dos últimos anos de sua vida — a defesa de nosso petróleo — decide o PR entregar-se exatamente ao candidato dos trusts petrolíferos, amigo e agente de Rockefeller, e que já prometeu ser um dos seus primeiros atos, caso se eleja, a liquidação da Petrobrás. Mas há outro aspecto a destacar: o fracasso, que certamente nada tem de casual, do comando político da candidatura Lott nas cúpulas partidárias. O fato é que o PR era até então um elemento das forças majoritárias, um partido situacionista. Como explicar, nesse caso, que faltando menos de cinco meses para as eleições e sendo o marechal Lott oficialmente o candidato das forças situacionistas, tenham os ministros Arnaldo Falcão e Amaral Peixoto permitido que se desgarrasse do bloco majoritário um de seus componentes? Seria absurda infantilidade aceitar-se que esse resultado tenha surpreendido um homem como Arnaldo Falcão, que conhece de solta as frechas e negações que, em face de um partido como o PR, podem decidir, sem grandes margens de dúvida, a atitude de seus dirigentes. Tudo leva a crer, ao contrário, que o coordenador conhecia do antemão, perfeitamente, para que tudo iriam perder os votos dos convencionais. E não seria arriscado afirmar, inclusive, que o resultado dessa votação era mesmo o desejado pelo ministro da Justiça. Não serve isso, afinal, para fazer crescer a impressão de esvaziamento da candidatura Lott? E não está essa impressão de declínio da candidatura nacionalista na base das manobras insistentemente levadas a efeito contra ela pelo coordenador e outros políticos reacionários da cúpula do PSD e PTB? Ai está um fato concreto, de incontestável significação, que vale mais do que todas as hipócritas declarações de fidelidade à candidatura do ex-ministro da Guerra. Se porventura o marechal Lott acreditasse ainda na amizade de Falcão, eis uma prova edificante do que valem tais amigos. A realidade, no final das contas, faz entrar pelos olhos a certeza de que o coordenador coordena de fato — mas contra a candidatura Lott.

A cavilosa investida de Jânio Quadros contra a Petrobrás, no discurso feito em Volta Redonda, foi imediatamente rechaçada pelo marechal Teixeira Lott, que falou sem dúvida por todos os nacionalistas brasileiros. Jânio, como é óbvio, não tem a audácia de fazer ataques abertos à Petrobrás. Mas, na atual campanha eleitoral, já por duas vezes foi pilhado em investidas sub-reptícias contra o monopólio estatal do ouro negro. A primeira, em sua fracassada excursão à Amazônia. A segunda, no comício de Volta Redonda. Contraindo-se a um lema que está na consciência de todos os patriotas, Jânio afirmou que «a Petrobrás não é intocável». Em poucas palavras, o que deseja o amigo de Rockefeller é a revisão da lei 2.004, que cria a Petrobrás. Todos sabemos o que, nas presentes circunstâncias, isso significa: reaver a lei 2.004 é abrir o caminho para que nela a Standard Oil possa introduzir as brechas que considera mais urgentes a fim de, num segundo tempo, passar à ofensiva pela liquidação pura e simples da Petrobrás. Não será, certamente, mera coincidência o fato de se assinalar, agora mesmo, um recrudescimento da ofensiva dos monopólios norte-americanos em relação ao petróleo. A «Hanson's Latin American Letter» registra, em seu último número, que está se verificando «a mais vigorosa, incessante e incontrolável pressão jamais exercida pelo Governo dos Estados Unidos sobre um grande país latino-americano (o Brasil) a fim de forçá-lo a mudar sua política — nesse caso a política relativa ao petróleo». E nesse momento que Jânio propõe que se reveja a lei da Petrobrás. Mas os patriotas repetem com o marechal Lott: «A Petrobrás é intocável».

Almir Matos

Povo Carioca Reafirma: Lott-Jango é a Solução

Ma's de dez mil pessoas reuniram-se (terça-feira) última na praça principal de Bangu para ouvir e aplaudir os candidatos nacionalistas à Presidência e à Vice-Presidência da República. Caravanas formadas por comitês Lott-Jango de todos os cantos da cidade dirigiram-se para aquele subúrbio da Central, levando faixas de saudação e reivindicações nacionalistas e democráticas. Foi a manifestação política de maior amplitude e maior entusiasmo jamais realizada em Bangu.

O discurso pronunciado pelo Marechal Lott foi repetidamente interrompido pelos aplausos populares, particularmente intensos quando o candidato nacionalista fez um enérgico pronunciamento contra os lacerdogolpistas de 11 de novembro

de 55, que agora se agrupam novamente em torno do candidato Jânio Quadros e se lançam em novas intrigas destinadas a desvirtuar o processo de democratização e emancipação do país. O Marechal falou também de seu apoio à consolidação da autonomia democrática do Estado da Guanabara, e estendeu-se sobre a parte educacional de seu programa de governo, afirmando que, se eleito, centralizará, seus esforços, neste terreno, na construção em grande escala de escolas públicas e no reforço sistemático do ensino público no país.

Jango lotista

Imediatamente antes do Marechal Lott, o Vice-Presidente João Goulart já havia encontrado a mais decidida aprovação da multidão, ao comentar desmentindo as notícias divulgadas nos últimos dias por alguns órgãos da imprensa jangista, dando-o como à frente de manobras continuistas junto ao Presidente Kubitschek. Afirmando o Sr. João Goulart que está sem restrições e integralmente empenhado na campanha do Marechal Lott e na sua própria, e atribuiu as informações da imprensa a intrigas dos círculos entreguistas, interessados na divisão das forças nacionalistas. Expressou sua convicção de que também o Presidente Kubitschek estará integrado na campanha nacionalista para 3 de outubro, e foi entusiasticamente aplaudido quando afirmou ser realmente favorável a uma reforma da Constituição, mas não com objetivos continuistas — por exemplo, citou ele, com o obje-

tivo de permitir a desapropriação de terras de latifundiários, de maneira a permitir-se a realização da reforma agrária.

União contra Lacerda

O Marechal Lott já havia terminado seu discurso quando chegou ao palanque o governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola. Convidado imediatamente a falar, Brizola pediu ao povo carioca três compromissos: a eleição de Lott, a reeleição de Jango e, finalmente, o compromisso sagrado da união de todas as forças nacionalistas e democráticas do Estado da Guanabara para derrotar o côrvo Lacerda, na eleição para governador do novo Estado. Os dez mil cariocas presentes responderam em côro, aplaudindo calorosamente esta proposta de Brizola.

O Almirante Amaral Peixoto, Presidente do PSD e em nome do seu partido, também falou, apoiando a união das forças populares e nacionalistas que elegeram o Presidente Kubitschek, para novamen-

te obterem a vitória nas urnas e levar aos dois primeiros postos do governo o Marechal Lott e o Sr. João Goulart.

A palavra dos comunistas

Em nome dos comunistas, o líder sindical Roberto Morena ocupou o microfone, para explicar ao povo as razões que levam o seu Partido a apoiar o Marechal Lott, como o candidato das forças nacionalistas e populares. Seu discurso foi freqüentemente pontuado pelo aplauso vibrante da massa, que não hesitou em manifestar sua integral concordância também com o outro tema central do discurso de Morena: a enérgica condenação das manobras continuistas e da indiferença, em relação à campanha eleitoral, por parte das cúpulas dos partidos que adotaram as candidaturas nacionalistas, e a necessidade de participação direta e empenhada dos elementos do governo, e do Presidente Kubitschek em particular, na campanha nacionalista pela eleição de Lott e Jango.

Estudos Sociais
Nº 7
Já se encontra à venda em todas as bancas do Rio de Janeiro e São Paulo.
Cr\$ 30,00

Continuismo Sem Máscara

ORESTE TIMBAUVA RODRIGUES

O Manifesto à Nação, assinado por numerosos dirigentes sindicais do Estado da Guanabara, significa algo de novo no quadro da política sucessória. Nesse manifesto, líderes reconhecidos da classe operária, em linguagem firme e contundente, denunciam as manobras, as protelações, as negações e trapaças que vêm sendo feitas nas cúpulas partidárias e em outros meios responsáveis, contra as candidaturas nacionalistas do Marechal Henrique Lott e do sr. João Goulart.

Sob os mais variados e pueris pretextos, certos setores dirigentes do PSD e do PTB vêm demonstrando um total desinteresse pelas candidaturas que formalmente adotaram.

Refletindo o que se passa nas cúpulas partidárias, as assessorias que cercam os candidatos estão reduzidas à mais completa inoperância. Nas salas onde se confinam esses assessores não se encontra sequer um cartaz dos candidatos. Os comícios, as manifestações populares e outros tipos de propaganda são feitos com os parcos recur-

sos angariados penosamente por seus promotores. Isto se passa aqui na cidade do Rio de Janeiro, onde estão quase sempre os candidatos. É fácil de se imaginar o que ocorre pelo resto do país.

As causas desta situação são bem conhecidas e, em linhas gerais, foram previstas pelos comunistas. A presente campanha sucessória é, em essência, mais um lance na peleja onde se decide a contradição que hoje condiciona a vida do país: os interesses nacionais e progressistas da Nação brasileira, em contraposição aos do imperialismo e à velha estrutura agrária. Na frente única que se forma ao longo da luta para solucionar essa contradição, participa também a burguesia representada por seus partidos políticos. Uma parte dessas forças das classes dirigentes teme o pleno desenvolvimento do movimento nacionalista. Por isso vacila, manobra e busca outras soluções fora do embate eleitoral com a efetiva participação do povo. Para tais setores, o continuismo, o candidato único ou, em último caso, uma cam-

panha eleitoral morta, inexpressiva, que não atinja as grandes massas, seria a solução ideal. Uma campanha eleitoral de massas poria em xeque a atual política de acomodação com o imperialismo e seus agentes. Daí o desinteresse de certos grupos situacionistas pela campanha eleitoral, sua apatia e sua mal velada hostilidade para com os que desejam impulsioná-la. Não por acaso, as manobras continuistas vêm contando com a condescendência ou com o estímulo tácito do próprio sr. Juscelino Kubitschek, cuja política se caracteriza pela conciliação com os monopólios norte-americanos.

As correntes nacionalistas e populares, em particular as forças representativas da classe operária, lutam contra essas vacilações de certos grupos de cúpula, e a custo vão conseguindo desenvolver a campanha de Lott e Jango dentro dos marcos da pregação nacionalista e democrática. Até agora, todas as grandes manifestações realizadas tiveram que vencer a obstinada resistência de tais grupos. Sô-

mente a decisão de efetuar-las de qualquer maneira forçaram esses senhores a uma tomada de posição.

As vacilações, a inconseqüência e os irresistíveis desejos de traição são inerentes a tais setores situacionistas. Nestas condições, a sorte da campanha eleitoral, assim como o futuro do movimento nacionalista, dependem da capacidade de iniciativa e do ânimo de luta das forças antiimperialistas e populares, dos setores da frente única ligados ao povo e, principalmente, da ação dos trabalhadores e do seu partido de vanguarda.

A mais ampla iniciativa no desenvolvimento da campanha Lott-Jango deve corresponder também uma posição crítica em relação aos partidários do continuismo, aos saboteadores da candidatura nacionalista. Suas manobras, suas vacilações devem ser denunciadas nos comícios, nas fábricas, nas escolas, por toda parte.

O que fizeram os dirigentes operários, signatários do Manifesto à Nação, foi precisamente utilizar o direito de crítica contra esses saboteadores. Nós, comunistas, que fomos dos primeiros a apoiar as candidaturas de Lott e Jango e que temos feito o máximo de esforços para torná-las vitoriosas, apoiamos sem reservas a atitude dos dirigentes sindicais. Este é o caminho que conduzirá a uma campanha eleitoral de massas e à vitória do movimento nacionalista em 3 de outubro.



Arrancada para a vitória

Lott, Jango e Amaral Peixoto, diante do povo bangüense, promoveram lutar sem esmorecimentos pela vitória nacionalista, contra os candidatos do golpismo e do entreguismo.

LIDERES SINDICAIS SE DIRIGEM À NAÇÃO

Campanha de Massas Contra Esvaziamento

«Na qualidade de dirigentes de trabalhadores, vimos de público denunciar à Nação as manobras sucessivas de esvaziamento das candidaturas LOTT-JANGO, expressas neste momento na absoluta falta de propaganda dos partidos políticos que adotaram os candidatos das forças nacionalistas».

Assim começa o «Manifesto à Nação» distribuído no correr da semana e subscrito por dezenas de dirigentes sindicais dos trabalhadores de expressão nacional, denunciando as manobras de omissão e torpedeamento das candidaturas nacionalistas, por parte das cúpulas partidárias.

«Os partidos políticos — prossegue o Manifesto — ao aceitarem as candidaturas do Marechal Lott e do Sr. João Goulart, não o fizeram por prazer, e sim por imposição das forças nacionalistas existentes entre trabalhadores, estudantes, militares, intelectuais, parlamentares, e dentro destes mesmos partidos».

Depois de registrar a ausência de propaganda eleitoral por parte destes partidos, afirma o Manifesto: «Ao mesmo tempo que isso acontece, os dirigentes destes partidos continuam nos gabinetes, de costas voltadas para os candidatos

e o povo, tramando o continuismo e outras manobras como forma de conciliação com as forças reacionárias».

Em seguida, o Manifesto observa que essa omissão e essas manobras das cúpulas partidárias favorecem a candidatura entreguista de Jânio Quadros, e conclui: «Estamos a poucos meses das eleições e, se essa conjuntura continuar, com absoluta falta de campanha eleitoral, teremos fatalmente uma crise política com graves conseqüências para a nação e o povo, pois haverá, de um lado, a falta de apoio ao continuismo, e, de outro lado, um clima propício para os entreguistas empedernados justificarem suas ações golpistas».

«Por tudo isso nos dirigimos a todos os nacionalistas, organizados ou não, conchamando para unificarmos forças, no sentido de se realizar uma campanha eleitoral de massa e de pregação nacionalista pela vitória do Marechal Lott e do Sr. João Goulart nas eleições de 3 de outubro».

O Manifesto está assinado pelos dirigentes sindicais: Jayme da Silva Correia, Ary Campista, Benedito Carneira, Argemiro Rocha J. Frio Lima, Hercules Correia dos Reis,

Floriano da Silva Maciel, Sebastião Luiz dos Santos, Plínio Alves, Giovanni Romita, Newton Oliveira, Manoel Azevedo, Sebastião Cabral, Agenor de Andrade Filho, Hermes Caire, José Amaral de Menezes, Paulo Cesar Henriques, Orlando Zanocetti, Pedro Luiz de Assis, Carlos Alberto de Castilho, Clóvis E. P. Silva, Othon Canedo Lopes, Alvimar Correia do Régio, Alberto dos Santos, José Teles da Costa, Agostinho de Carvalho, Antonio P. da Silva Filho, Maria Segovia Jacobsen, José Pereira dos Santos, Armando Maia, Raymond Castelo de Sousa, Manoel Lino da Silva, Geraldo da Costa Matos, Geraldo Soares, Heraclides dos Santos, Roberto Morena.

Marítimos com Lott

Assinado por cinquenta dirigentes sindicais dos marítimos, exprimindo praticamente a unanimidade dos trabalhadores desta categoria, também foi distribuído à imprensa durante a semana um manifesto de apoio à candidatura nacionalista Lott-Jango. Os signatários «celebram os seus companheiros e a todo o eleitorado a sufrágio nas urnas, a 3 de outubro, a chapa Lott-Jangos».

Fora de Rumo

Paulo Motta Lima

Depois de descrever a tragédia de Stalingrado — divisões reduzidas a oitenta homens, o sacrifício inútil de feridos porque os generais nazistas se opunham a que se pedisse permissão ao comando soviético para evacuar-los e finalmente a rendição de unidades inteiras à revelia do comando hitlerista, depois de reproduzir cenas tremendas nas quais tomou parte como combatente o romancista alemão Theodor Plievier, em seu livro «Stalingrado», pergunta, aludindo também aos atos de crueldade praticados antes pelos invasores: «Será esta a norma de conduta do povo alemão, do mesmo povo que deu ao mundo um Gutenberg, um Grünewald, um Lutero, um Beethoven e um Kant, um povo criador, que vive dos frutos de seu trabalho? Não tem o povo alemão outra fisionomia, não está, para se apresentar perante o mundo?»

leistas, Hitler provocou a maior catástrofe jamais suportada pela humanidade sob a alegação de que os alemães precisavam de um lugar ao sol. E centenas de milhares de alemães foram encontrar rendição incondicional ou morte nas estepes de não esmagados pela mais vergonhosa derrota militar. Hoje Eisenhower não fala exatamente em lugar ao sol mas invoca pretextos semelhantes, como a defesa do mundo livre (que os trustes americanos exploram e oprimem), para exercer a desagradável mas imperiosa missão de espiar, em plena paz, uma outra potência, usando métodos adotados somente na guerra. O governante supremo dos Estados Unidos enfileira numa série de contradições ridículas e ao mesmo tempo cínicas, a respeito do incidente do U-2: primeiro, o avião não era americano; segundo, foi acidental; terceiro, missão desagradável mas imperiosa; quarto, propósito de continuar violando o espaço aéreo soviético; quinto, ordem para que cessem os vãos de espionagem em plena paz... Para que tudo isso? Para

que depois, em Paris, baseado em tal acervo de contradições e de grotescas negações, apresentasse o plano de um sistema de vigilância, em nada diferente de seu propósito de não aceitar o desarmamento geral, teimando em que se estabeleça a vigilância sem o desarmamento geral. Ao fim das contas: corrida armamentista e espionagem oficializada!

As notícias da Conferência de Paris, transmitidas por agências americanas e manipuladas em folhas de nossa imprensa livres, revelam o custoso propósito de confundir e desorientar. Mas não é difícil interpretar as entreditas de tais notícias nem localizar os esforços verdadeiros dos eternos provocadores de guerras, que atuam por um lugar ao sol ou premissas pela necessidade desagradável mas imperiosa de defender o «mundo livre», em cujos alicerces se assenta a dominação dos monopólios e do capital financeiro, que tem matriz instalada em Nova Iorque.

S. Paulo:
Reunião
Intersindical

Representantes das entidades sindicais de trabalhadores de vários Estados estarão reunidos nos próximos dias 28 e 29, em São Paulo, na sede do Sindicato dos Metalúrgicos, para tratar dos assuntos relacionados com o Congresso Sindical Nacional e com o movimento pela revisão dos novos níveis de salário-mínimo, aprovação do projeto de Lei Orgânica da Previdência Social, da regulamentação do Direito de Greve, do Plano de Classificação, etc. A reunião foi convocada pela Comissão Executiva do Conselho Sindical dos Trabalhadores do Estado de São Paulo, e deverá contar com a participação de líderes sindicais do Estado da Guanabara, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Estado do Rio, e outros.

Moacyr
José
dos Reis

Faleceu no último dia 10, nesta cidade, o militante comunista Moacyr José dos Reis, um dos mais combativos líderes dos trabalhadores em carnis urbanas do Estado da Guanabara. Ao seu sepultamento compareceram centenas de trabalhadores do tráfico. Antigo militante sindicalista, Moacyr exerceu a função de secretário geral do Sindicato de Carreiros Urbanos durante o biênio 1957-1959. Várias coroas de flores foram colocadas em seu jazigo, entre as quais a do seu Sindicato e a do Partido Comunista. **NOVOS RUMOS**, na oportunidade associou-se ao sentimento de pesar da família de Moacyr e de seus amigos.

«A NOSSA
questão
agrária»

Prosseguindo a série de palestras sobre Problemas Nacionais realizados sob o patrocínio do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional e do Sindicato dos Professores, falará na próxima terça-feira, dia 24, às 18 horas, sobre «A nossa questão agrária — aspectos econômicos e sociais», o professor Orlando Valverde, autor de vários trabalhos.

A conferência será realizada na sede do Sindicato dos Professores, na Avenida 13 de Maio, 13, sala 402. Entrada franca.

Concurso da
Rádio Moscou

A Rádio Moscou transmite, diariamente para o Brasil, de 19 às 21 horas (hora do Rio de Janeiro), na faixa de 25 metros, nas frequências e comprimentos de onda de:

- 11,75 megacíclos (25,53 metros)
 - 11,87 megacíclos (25,27 metros)
 - 11,92 megacíclos (25,17 metros)
- e na faixa de 31 metros, nas frequências e comprimentos de ondas de
- 9,63 megacíclos (31,15 metros)
 - 9,80 megacíclos (30,61 metros)

CONCURSO
Todas as quartas-feiras, às 20,30 horas, é transmitido um programa especial (Rádio Universidade), com interessante concurso e distribuição de prêmios.

Carta do Sertão

Doutô Mané Bizerrão:
Eu inscrevo prô sinhô,
porém, as minhas palavras
são palavras do pintô

Num faz três anos comprei
qui o meste, Pédo Túbia,
trabalhando no ofício
fez todo aquele edifício
cum o nome de sua fia

Cinco meses de trabá
ganhando muito dinheiro!
Mece pediu qui fizesse
pra terminá im janeiro.
Quando im serviço norma
se levava um ano inteiro.

O pintô, Pédo Túbia,
trabalhava sem drumi.
Os seus purmão eram fraco
num pudero arrisisti,
o pintô adueceu
e de fome não morreu
pruquê vive de pidi.

Teve lá no seu portão
para lá dá a nutiga,
o portão mandô hi
sinão chamava a pullça

SANTISTAS ENFRENTAM TRUSTES DE TRANSPORTE

Nasceu Com Uma "Chimbica"
a Cooperativa de Cubatão

Reportagem de J. APARECIDO

Cubatão, maio — A história de como nasceu a Cooperativa de Transporte Coletivo Cubatão-Santos pode ser contada de muitas formas, mas, seja como for, o fato é que a Cooperativa tinha que nascer, a fim de que os operários de Cubatão, ou mais precisamente, de Jardim Casqueiro e Vila Bandeirantes, não continuassem sob o tacão do Expresso Brasileiro, «trust» do transporte coletivo naquela localidade e naquela linha. E a verdade é que começando com um ônibus alugado, os trabalhadores foram gradativamente pensando de maneira mais acertada, até concluírem que o que ia resolver mesmo era a compra e manutenção, pela Cooperativa, de veículos próprios.

O começo

Nesse tempo, a Cooperativa contava com mais ou menos 40 associados. Esse número cresceu para 60. Conseguiu-se um empréstimo bancário, comprou-se o primeiro carro: A «Chimbica», como o chamam carinhosamente os antigos sócios, fez a entrada triunfal no bairro, no dia 3 de março de 1959. Assim, com um carro já usado, pôde a Cooperativa iniciar uma atividade de objetivo mais concreto. Enfrentamos, agora, o problema de empregados, ferramentas e um prédio próprio para a instalação da oficina. Por seis meses um único carro atendeu muito bem as necessidades. Em agosto de 59, após haver saldado a dívida bancária, a Diretoria de acordo com a vontade de todos os associados, resolveu adquirir mais três carros.

Esses carros, no entanto, por serem a gasolina, aumentaram em muito os gastos de combustível. As dificuldades aumentaram, mas mesmo assim, a Diretoria, com toda a dedicação e apoio dos cooperados, tem conseguido grandes vitórias. Agora mesmo, o sonho da sede e oficina própria começa a tomar corpo. O terreno para tal fim já foi adquirido. Foi montado um pequeno escritório com fichário, máquinas de escrever, escrivânia etc., podendo se avaliar, por aí, que sempre algo de positivo vai se acumulando, tudo fazendo crer que dentro de alguns anos o patrimônio seja realmente grande e consiga a finalidade de aglutinar não só os trabalhadores, mas todos os moradores do bairro. Hoje os ônibus circulam de preferência nos horários mais necessários, fazendo 42 viagens diárias. O número de associados cresceu, somando de 60 para 175, o que atesta o interesse que a Cooperativa despertou.

Demagogia de Jânio

É interessante salientar que o D. A.C., órgão do Governo do Estado, criado para dar a assistência ao cooperativismo, muito embora seus funcionários sejam atenciosos, praticamente nada faz pelo cooperativismo na parte financeira. O governo Jânio Quadros, primiu verdadeiros lençóis de frases pregando a cooperação para melhorar tudo, mas não deu ajuda nenhuma, a não ser aos «líderes sindicais», que em Santos recebem gordas somas no que atingem, quando em época de eleição, a quantia de 7 mil cruzeiros diários. Apesar de tudo os

trabalhadores de J. Casqueiro e de V. Bandeirantes vêm demonstrando um alto espírito de luta e com ajuda ou sem ajuda a Cooperativa vai vivendo e, por certo, atingirá todas as suas metas. Agora, a Diretoria programou e vai realizar os festejos de Junho, que visa a obter fundos para a construção da Sede e Oficina Próprias. Para estas festas a Diretoria conta com a decisiva

colaboração do Grupo de Artistas Amadores de J. Casqueiro, da Comissão de Festas Juninas da Cooperativa e de todos os moradores, fazendo assim crescer a amizade entre todos os moradores do bairro, unindo cada vez mais os trabalhadores em torno de lutas e objetivos concretos. A atual Diretoria, está assim composta: Presidente, João Martins Cruz; 1º Tesoureiro, Camilo Castro; 2º Tesoureiro, Omar

Feijó; 1º Secretário, José Aparecido; 2º Secretário, Geraldo Gonzales.

Conselho Fiscal: Lincoln Lopes da Silva, Adolfo Mathias, Manoel Alves Barreto. Suplentes: José Martins de Barros e Anibal de Almeida e Silva.

Fato digno de registro é que a Cooperativa de Transporte Coletivo Cubatão-Santos é a primeira no gênero no estado de São Paulo, e talvez no Brasil.



Primeiro de Maio em Natal

Mais de 10 mil trabalhadores reuniram-se na Praça Gentil Ferreira, na Capital do Rio Grande do Norte, num comício de comemoração do Primeiro de Maio. O ato, promovido por uma comissão intersindical encabeçada pela Federação dos Trabalhadores na Indústria, foi uma grande demonstração de unidade dos trabalhadores pela contenção do custo da vida, em defesa

do Direito de Greve e Previdência Social. Participando com as forças progressistas na luta pela emancipação do Estado, os trabalhadores reafirmaram o propósito de continuarem lutando pela extensão da energia de Paulo Afonso ao Rio Grande do Norte. O governador Dinarte de Medeiros Martins, que encerrou o comício, declarou-se favorável às reivindicações das massas trabalhadoras e denunciou o des-

vio de uma verba do orçamento da União que era destinada às medidas iniciais para a extensão da rede de energia de Paulo Afonso ao Rio Grande do Norte. O comício da Praça Gentil Ferreira contou ainda com a participação do deputado Djalma Maranhão, e do representante do prefeito José Pinto Freire. Na foto, um aspecto do comício.

JARIDORI

No Tempo da Colheita Surgem os Grileiros

Jaridori é um pequeno povoado que surgiu há cerca de seis anos, no município de Poxoreu, no Estado de Mato Grosso, à margem do Rio Vermelho. Homens sem terra descobriram Jaridori e transferiram-se para lá com suas famílias. Trabalharam muito, desbravaram o solo e deram início ao plantio de café e arroz. Agora a produção floresce e os seus frutos correm sobre as águas do Rio Vermelho para abastecer

as populações vizinhas. Mas, o mesmo Rio, que leva o fruto do trabalho dos posseiros de Jaridori, traz em suas águas os grileiros e sua malta de capangas que vêm para roubar a propriedade dos trabalhadores.

Os grileiros

— Em toda a época de colheita — disse em nossa redação o lavrador Ma-

cário dos Santos, aparecem em Jaridori os grileiros, intitulando-se donos das terras, exigindo a evacuação das áreas cultivadas ou a paga de arrendamento na base de 20% sobre o total da produção de cada lavrador. Quando reclamamos os documentos de prova da propriedade, ninguém os possui. Daí a nossa resistência aos grileiros e aos seus capangas, asseverou o lavrador, que veio ao Rio para um entendimento direto com o Marechal Lott.

O primeiro «dono» que apareceu em Jaridori foi o indivíduo Altivo Barbosa Martins, vulgo Kiky. Conhecido como valentão nas cidades vizinhas, surgiu como um autêntico bandido, dando tiros para o ar, ameaçando expulsar os lavradores que se negassem a pagar arrendamento. Kiky foi embora. Apareceu outro «dono», o grilheiro Alípio Marques de Oliveira. A paciência dos lavradores já estava esgotada. Alípio viu a coisa feia para o seu lado e fugiu na calada da noite. Antes, porém, havia aparecido um «defensor», o major Simão, reformado da Polícia Militar, que arrecadou 70 mil cruzeiros dos lavradores, para legalizar a situação da terra, e não regularizou nada, estando os trabalhadores na mesma situação, sendo alvos de constantes investidas dos grileiros.



Dona Edna Lott em Bagé

BAGÉ — R. G. S. — (Do Correspondente) — A sra. Edna Lott Costa participou de uma solenidade do Comitê «Amigos de Lott», entidade recém fundada nesta cidade. O ato contou com a participação dos srs. Paulo Passos, vereador Wilson Tavares (PTB), Carlos Fico, membro do PR, Waldomiro V. Domingues, do PTB. A diretoria do

Comitê «Amigos de Lott», é constituída dos srs. Ernesto Medeiros Leda, presidente; Ney Landa, vice-presidente; Ivo Coelho, secretário; e Dorval dos Anjos Oyarzabal, tesoureiro. Outras personalidades fazem parte do órgão diretor do Comitê. Na foto, a sra. Edna Lott, quando era saudada pelo sr. Paulo Passos.

Tecelões
da
Comêta

PETRÓPOLIS — Estado do Rio (Do Correspondente) — Os trabalhadores da Fábrica de Tecidos Cometa, situada nesta cidade, estão em luta contra a direção da empresa, que reduziu em 50% o preço que era pago pelo pano produzido, aumentando ainda o número de máquinas para cada operário que passou de duas para três. Visando a intensificar o ritmo de exploração dos seus empregados, os donos da Fábrica estão concedendo apenas meia hora para refeição dos tecelões, ao mesmo tempo que os obriga a trabalhar das 5,30 às 14 horas, ou das 14,00 às 22,30 horas.

Contando com a proteção do representante do Ministério do Trabalho, sr. Júlio Muller, os proprietários da empresa suspenderam por 30 dias 11 operários, inclusive o secretário do Sindicato, porque os mesmos protestaram contra as ilegalidades que estão sendo postas em prática na indústria. Os operários exigem a suspensão da pena imposta aos seus companheiros e a substituição do representante ministerial, que tem se revelado um servil dos patrões contra os trabalhadores petropolitano.

1º de Maio
em
Uberaba

UBERABA — Minas Gerais (Do Correspondente) — O 1º de Maio foi comemorado nesta cidade de maneira unitária e independente, sob o patrocínio do CORESP (Conselho de Representantes Sindicais e Profissionais). Esta entidade, que congrega todas as entidades dos trabalhadores de Uberaba, programou e fez realizar as comemorações que tiveram início com uma salva de fogos, seguida de uma fanfara pelas ruas da cidade, e que culminaram com uma conferência, às 20 horas, na sede da CORESP.

Homenagem
a Oswaldo
Pacheco

Os estivadores e demais trabalhadores do Porto de Santos ofereceram uma suculenta feijoada ao ex-deputado federal Oswaldo Pacheco, atual presidente da Federação Nacional dos Estivadores. A homenagem foi prestada no dia 21 de abril, e contou com a participação de uma orquestra local que executou várias músicas populares.

Você pode
estudar em Moscou

Através de cartas e telefonemas, vários leitores têm nos perguntado se merecem fé as notícias e anúncios divulgados ultimamente em alguns jornais, e se e onde os quais a «Escola de Tradutores José Irineu de Souza» está autorizada a fazer inscrições de brasileiros que pretendem matricular-se na «Universidade da Amizade dos Povos» de Moscou.

Ao que sabemos, não existe no Brasil ninguém nem nenhuma instituição com credenciais para fazer aquelas matrículas, muito menos para exigir pagamento de taxas ou outra qualquer condição. As notícias até agora distribuídas pela TASS a respeito da «Universidade da Amizade dos Povos» esclarecem que as pessoas interessadas em fazer o curso nesse estabelecimento devem dirigir-se, por carta, à comissão de admissão da Universidade, com sede na rua Kalinin nº 16 («Casa da Amizade»).

NOVOS RUMOS

Diretor — Mário Alves
Gerente — Guttemberg Cavalcanti
Redator-chefe — Orlando Bomfim Jr.
Secretário — Fragnon Borges
REDATORES
Almir Matos, Rui Facó, Paulo Mota Lima, Maria da Graça, Luis Ghilardini.
MATRIZ
Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar, S/1712 — Tel: 42-7344
Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9º andar S/905
Endereço telegráfico — «NOVOSRUMOS»
ASSINATURAS
Anual Cr\$ 250,00
Semestral > 130,00
Trimestral > 70,00
Área anual, mais Cr\$ 100,00; semestral, Cr\$ 50,00; trimestral, Cr\$ 30,00.
Número avulso Cr\$ 5,00
Número atrasado > 8,00

Notas Sobre Livros

A editora Vitória, que já possui uma tradição de bons serviços à nossa cultura, não esmorece em seu afã de colocar ao alcance do público brasileiro as obras mais importantes do pensamento marxista. Os nomes de Marx, Engels, Lenin, Plekhanov, Stalin, e mais modernamente Mao Tse Tung, Khrushchov, e outros, figuram repetidamente em sua linha editorial. Isto sem descuidar de autores brasileiros, um publicista como Luiz Carlos Prestes, um educador como Paschoal Leme, um romancista como Dalcídio Jurandir ou Alina Palm. A prata de casa é ainda pobre e escassa, mas acreditamos que já é tempo de se tentar um melhor aproveitamento de nossas possibilidades.

Dentre os lançamentos mais recentes da Vitória devemos destacar três títulos: a História da Idade Média — de A.A. Kosminsky, A Doença Infantil do «Esquerdismo» no Comunismo — de V.I. Lenin, e o Manifesto do Partido Comunista — de Marx e Engels.

O livro de Kosminsky faz parte de uma História Universal, iniciada com a História da Antiguidade — de A.V. Michulin, cuja tradução brasileira a Vitória publicou o ano passado. Trata-se de uma obra em muitos volumes, realizada por uma equipe de professores soviéticos e que alcançará inclusive os tempos atuais.

O livro de Lenin — A Doença Infantil do «Esquerdismo» no Comunismo, escrito em pleno fogo da Revolução de 1917, durante momentos de extrema tensão no movimento operário internacional, é uma obra capital do marxismo-leninismo, verdadeiro manual de tática revolucionária. Nela se denuncia, com extraordinária acuidade crítica, o perigo das manifestações «esquerdistas», sectárias e dogmáticas, que lavravam como doença epidêmica nos partidos comunistas, eridos logo após a primeira guerra mundial sob a influência direta da Revolução de Outubro. O livro cujo estudo recomendamos vivamente, sobretudo neste momento em que os comunistas brasileiros se empenham no exame das Teses para discussão. São páginas extremamente ricas de ensinamentos teóricos e práticos.

E que dizer do Manifesto do Partido Comunista — de Marx e Engels? Pequeno volume de 60 páginas, páginas de ouro, soma da ciência marxista, o Manifesto de 1848 é sempre atual, e por isso as suas edições se multiplicam pelos quatro cantos do mundo, em todas as línguas escritas, aos milhões e milhões de exemplares. Suas palavras iluminam com luz inextinguível o caminho da libertação de todos os povos da Terra.

Essa é a 4ª edição lançada pela Vitória, e aparece agora numa apresentação gráfica mais cuidada e atraente. Sob esse aspecto, aliás, as edições da Vitória vão melhorando muito, de uns tempos para cá, dessa maneira acompanhando os novos moldes que se vão impondo à indústria brasileira do livro, cujo desenvolvimento, se bem que embaraçado por muitas dificuldades, se processa promissoramente, em consonância com o desenvolvimento geral do País.

CORRESPONDÊNCIA

G. Sete — Recebi em tempo o seu trabalho em cópia datilografada. Escrever-lhe-ei em breve. A demora explica-se pelo acúmulo de leituras que sou obrigado a fazer.

Astroljido Pereira

Desesperadamente

Quando pessoas e países se desesperam é porque não andam certo, nem andam bem as coisas para o seu lado. Pessoas desesperadas praticam o suicídio, uma das maneiras mais tôlas e covardes de fugir do campo da ação que é a vida. Países também suicidam-se provocando, inclusive, não seus mortos como acontece com as pessoas, mas o seu ridículo o que é muito triste também.

Vejam o que está acontecendo com os Estados Unidos. Primeiro a vítima foi Cuba e sua revolução. O mundo que até então vivia achando os E.E.U.U. uma beleza de democracia, de liberdade, tudo que o cinema jamais propaga a quatro ventos, operários morado com luxo, todos tendo automóveis (e mascarando chicles), geladeiras, casas de campo, esse país então — pensavam os ingênuos — não permite que um país que nada tem a ver com ele faça sua independência nacional, sua revolução popular? Cuba conseguiu a abrir os olhos dos ingênuos, que infelizmente ainda existem neste mundo. Depois veio o caso Chessmann. Então aquele país de James Dean, país que teve o enorme prestígio de criar o deus da juventude transviada, possuía pena de morte, ia matar um homem que lutava desesperadamente para viver? Os olhos dos ingênuos ficaram mais espantados. Agora, desesperadamente, os E.E.U.U. foram desmascarados pela União Soviética que demonstrou ao mundo por A mais B que eles são os fuziladores das guerras, que mantêm — mesmo no momento em que Khrushchov em nome do povo soviético luta desesperadamente para que haja paz no mundo, — uma provocação guerreira organizada. Os ianques foram forçados a declarar que fazem espionagem na URSS, que não podem deixar de fazê-lo porque têm medo, porque acham que partirá da pátria dos trabalhadores provocações de guerra. Provocadores são eles, esses canjões, super-bomens, inimigos da liberdade, da democracia, do direito que têm todos os povos de serem independentes. Homens da câmara de gás, das cadeiras elétricas, das forcas, do extermínio de negros, da inteligência, da independência e da liberdade, os Estados Unidos, com essa última história — a da espionagem — fizeram com que saltassem das órbitas os olhos já espantados dos ingênuos do mundo todo.

Há muito tempo nossos olhos e nossa inteligência sabem disso tudo; há muito sabemos quem são os propulsores da guerra fria. Mas agora, com tudo o que ultimamente está acontecendo, os olhos ingênuos, dos ingênuos mundo estão mais do que espantados.

Há desespero nos Estados Unidos e nos poucos eles estão mostrando, mesmo aos mais incrédulos, os princípios que defendem, o que defendem, o que desejam e querem dos seus escravos. Felizmente os escravos um dia se revoltam. E se libertam. Felizmente.

Enoide

Tópicos Típicos

Em estafante trabalho intelectual, Sebastião de França de lá envia textos de Jacques Polier sobre o teatro calcidescópico. Sebastião, correspondente do SDBB em Paris, recorta, envelopa e remete o que os outros escrevem, tendo o cuidado de assinar também, para não perder seu quinhão na bolsa da condessa.

Confusões: as páginas do Suplemento Dominical do Jornal do Brasil estão abertas a violento debate. Brigam concretos de S. Paulo, neo-concretos do Rio e neo-neo de domicílio ignoto. Outra força que se vem definindo é o grupo dos itinerantes que saltita pelas três posições. Não esquecendo o Theon Spanuldis, independente, repudiado pelas quatro setas. Esperase, contudo, uma confraternização geral no próximo mês, no «vertissage» de um dos buracos do Gullar.

Descoberto por António Olinto, surge em «O Globo» (11/5/60) a mais moderna versão do Conselho Aráico: «Em sua estrutura, a personalidade do artista é exatamente igual à de qualquer outro homem».

O Corção — que já começa errado no aumentativo do próprio nome — continua explorando Catarina de Sena. Descobriu excelente mina na virgífera santa. Impressionado pelo ardor amoroso daquela senhora, o articulista do DN transcreve nada menos que três vezes essa transcendental confidência catarineana:

«Depois de ter contemplado e conhecido aquela luz, a alma corre abrasada e possuída de amor para a mesa do santo desejo.»

Não vá o Corção esquecer-se da sua condição de professor de eletrônica da Escola Nacional de Engenharia e, em transe místico, querer seguir mais esse ensinamento da sua mentora. Já pensar um o que seria sua figura sexagenária e calva, traionadora de santo desejo, correndo «abrasada e possuída de amor» para cima de uma mesa?

Continua o «suspense»: a France Press anunciou sábado que o terceiro milagre de Filina ainda não foi revelado.

Paulo Savarino

Aníbal Ponce e os Deveres do Intelectual

Homero PINHEIRO

«Los días que vivimos son de prueba. No os engañen las calmas aparentes. Hay una guerra de todos los días, de todas las horas. No es posible una paz duradera mientras subsista el capitalismo. El menor de los actos tiene así un significado preciso. Sepamos siempre para quien trabajamos. Cada desfallecimiento es un triunfo de los otros, cada inconsecuencia una traición. Seréis responsables de vuestros gestos, de vuestras actitudes, de vuestra vida. Pero si la tarea es dura, las horas no perderán por eso su alegría...» (Aníbal Ponce)

Em 18 de maio de 1938, há, portanto, vinte e dois anos, desaparecia no México, para onde se exilara, a figura inolvidável do escritor argentino Aníbal Ponce, vítima de um desastre, quando se dirigia à capital mexicana para pronunciar sua conferência «En memoria de Marx», na Escuela Normal de México.

Aníbal Ponce nasceu em Buenos Aires, em 6 de junho de 1898, e era filho de um escravo que, premido por duras necessidades econômicas, viu-se desterrado — pois que era «porteño hasta el fondo de alma» — para a pequena cidade de Dolores, que lhe abrigara a profunda nostalgia e lhe roubara, com a morte, suas tão acalentadas esperanças de retorno. Morto seu pai — seu melhor mestre e guia seguro — Ponce, com a mãe e os dois irmãos, Lidoro e Clara, volta a Buenos Aires à sombra da orfandade e, sob o látigo da indigência, recebe novo e implacável golpe com a morte daquela que guiou seus primeiros passos e semeou suas primeiras letras. Recolhidos — ele e seus dois irmãos — em casa de um parente — empenharam-se no trabalho. Reiniciando em 1913 os estudos há muito interrompidos, em que pesem as privações de toda a espécie, Ponce enceta a curva ascendente de sua atribulada e gloriosa vida de escritor, de cientista, de intelectual revolucionário. Fez conferências, fundou revistas, colaborou em periódicos, presidiu instituições, fez duas viagens ao Velho Mundo, escreveu livros, viveu para a pesquisa diligente dos laboratórios e para a pedagogia revolucionária do seu magistério em que levitavam aqueles que eram sacudidos pelas rajadas entusiásticas de sua dialética pregação doutrinária. Não conheceu a torre de marfim: integrado no novo sentido da cultura desde cedo fez-se um intelectual político, o que o levava a abraçar pouco tempo depois e para sempre a mais política de todas as filosofias — o marxismo.

«El materialismo histórico — dizia Ponce — es la más concisa, luminosa y certera filosofía de la historia: donde hervía el tumulto, vemos ahora insinuarse la ley; y tras el capricho aparente, el puño de hierro de la necesidad.» A história da Política, em geral, e a da Literatura, em particular, estão cheias desses que se tornam imparciais, apolíticos, messiânicos, artistas puros, apóstolos apóstatas, heróis do mimetismo, arautos do bom conselho, renegados e arrependidos: Ortega y Gasset, Unamuno, Marinetti, C. I. A. U. e L. Bergson, D'Annunzio, Malraux, Gentile, Croce, Steinbeck, Camus, Pasternak, Fast e tantos outros do mesmo porte ou abrigados à mesma sombra... Em vão, muitos deles procuram tirar do prestígio de um passado efêmero o lastro da miragem vesga do futuro. Sua missão é arrastar os vacilantes, embriagar os covardes, atrair os renegados, consolar os filisteus, seduzir os argentinos, ajudar os cronistas amarelos, deleitar os parasitas, alentar os místicos, desprestigiar a Ciência, falsificar os fatos, tergiversar a história. A eles — piratas da literatura — o desprezo ácido e o ódio incinerador das massas vilipendiadas e traídas.

Mas se muitos são os que, negando seus ideais por tanto tempo acalentados, ingressam no charco estagnado da reação por uma conversação patética — as letras revolucionárias contam com um Aníbal Ponce, com um autêntico exército de guerrilheiros intelectuais: Máximo Gorki, Teodor Dreiser, Juliet-Curie, Louis Aragon e Elsa Triolet, Maiakovski, Romain Rolland, Paul Eluard, Henri Barbusse, Alexis Tolstói, John Bernal, Antonio Gramsci, Julius Fucik, Nazim Hikmet, Bento de Jesus Caraça, Pablo Neruda, José Martí, Juan Marinello, Thomas Mann, Bertolt

Brecht, José Ingenieros, José Carlos Mariátegui — o Ponce peruano —, Nicolas Guillen, Ko-Mo-Jo, Garcia Lorca, Euclides da Cunha, Graciliano Ramos, Astrojildo Pereira e tantos outros que pagaram com o sangue, com o cárcere, com o desterro, com a vida sua luta consequente e obstinada contra o obscurantismo, a reação e o fascismo — e todo o séquito de suas misérias.

As deserções a que assistimos são não só uma prova da seriedade da luta que se trava em todos os recantos da Terra pela libertação dos povos de todas as formas de opressão colonialista — da geográfica à financeira — mas também uma grave advertência de que não se deve confundir firmeza de princípios com sectarismo. Os que desertam não são intelectuais da vanguarda, mas apenas agentes da reação lá operando.

Na noite de 22 de novembro de 1918, o Teatro Nuevo de Buenos Aires é iluminado e sacudido pelo claror da Grande Revolução Socialista de Outubro anunciada pela voz arrebatadora de José Ingenieros: Significación histórica del movimiento maximalista.

«La Revolución rusa ha sido el símbolo de la nueva conciencia de la humanidad y ha servido como piedra de toque para distinguir a los partidarios del parasitismo y del trabajo. Todos los

desacorrentar do novo Prometeu. A luta será ciclópica. Mas o ideal de unidade antiimperialista galvanizará as massas para a vitória!»

Ponce viveu e morreu por esses ideais que são tão nossos como o foram dele. Enfrentou privações e violências de toda ordem e ainda foi lançado no desterro. Não se curvou, porém, aos poderosos, não negociou suas convicções, não empregou sua inteligência como uma cortezá das classes dominantes, não abrigou ideais levianos e transitórios na perspectiva desonesta de uma deserção oportunista e maligna. Preferiu morrer de pé aos golpes da reação que viver de joelhos a seu serviço, sem tempo para desfrutar o êxito e sem lugar para guardar o ouro.

Al está o seu código de honra do intelectual: No tiene derecho a escribir el que no esté dispuesto a defender con la vida su opinión. Escribir es actuar, y en un escritor que tiene su público, hasta el hecho de no escribir en determinadas circunstancias es también una manera de tomar partido. El hombre que ha estado en condiciones de formarse una cultura, debe a los otros su opinión y su ejemplo. Cuando a la cultura se la disfruta como un privilegio, la cultura envilece tanto como el oro.

Cultura para as massas, livre das insignias rituais, e não para as

comenzado. Conmoveror instante de la vida del mundo en que sabemos por fin a dónde vamos...»

Deixou uma vasta obra literária, tão castiça na forma (pois que «la expresión inexacta corrompe la verdad y una falta de estilo es una falta de ciencia»), quanto científica no conteúdo e penetrada da dignidade do intelectual, que foi a um tempo psicólogo, ensaísta, biógrafo, crítico e sociólogo: «La vejez de Sarmiento», «La gramática de los sentimientos», «Problemas de psicología infantil», «Sarmiento, constructor de la nueva Argentina», «El viento en el mundo», «Ambición y angustia de los adolescentes», «Diário íntimo de un adolescente», «Educación y lucha de clases», «De Erasmo a Romain Rolland», «Apuntes de viajes», Para una biografía de Ingenieros», «Los autores y los libros» — e um sem número de artigos e conferências.

Bateu-se contra toda a influência da Igreja na vida pública, em geral, e na educacional, em particular, empenhando-se com decisão na campanha pela extensão da educação gratuita, laica e obrigatória e por uma reforma de base no ensino universitário. Na luta pela escola laica não nutria ilusões quanto ao seu caráter de transação e não revolucionário: produto híbrido que era, da luta entre a burguesia liberal e a Igreja, pela hegemonia pedagógica, exercida por esta da maneira mais radical na França, em meados do século XIX, sacramentada pela lei Falloux. Mesmo porque — «ninguna reforma pedagógica fundamental puede imponerse con anterioridad al triunfo de la clase revolucionaria que la reclama.» Ponce alertava a juventude contra aqueles que desfrutando das vantagens da erudição e da cultura impunham-se — por suas inconcessíveis conveniências privadas — um silêncio marcado por um esdrúxulo respeito aos miasmas dos inimigos jurados da cultura e da liberdade para as massas, silêncio que confere à reação os privilégios de uma propaganda deletéria sem contraditores.

Sobre o caráter de classe da educação — evidenciando o absurdo de que os problemas históricos possam ser resolvidos por meio de construções abstratas como advertira Lenin — escreveu em sua obra «Educación y Lucha de Clases»:

«... la educación ha estado siempre al servicio de las clases dominantes, hasta el momento en que otra clase revolucionaria consigue desalojarlas e imponer su propia educación. Cuando la nueva clase, en cambio, no es todavía fuerte, se conforma provisoriamente con que las clases dominantes se contenten un poco para hacerle sitio. En ese caso lo hay una revolución en la educación: pero simplemente una reorganización».

E, mais adiante, acrescenta: «... Si la burguesía es históricamente una clase social ya condenada, ¿cómo casi un sarcasmo preguntará si la "nueva educación" interpreta sus ideales. En el momento actual la burguesía agonizante sabe que no tiene sino en el terreno, es decir, en el fascismo, la manera de prolongar-se durante algunos años. Uno a uno ha ido perdiendo los ramos que le dieron autonomía propia; la conciencia del mercado la había hecho individualista; las necesidades del cáterre, nacionalista; la liberación de empresa, liberal. Las limitaciones de la competencia mediante el monopolio le han hecho ahora reaccionar al individualismo; la decadencia de su próximo fin le ha conducido de nuevo al pie de los altares; el deseo de persistir; en fin, le ha arrastrado al camino de los dictadores sin embargo.»

Aníbal Ponce foi um intelectual consciente e militante na luta contra a mais vil de todas as explorações: a exoração do homem pelo homem. A solução histórica, estava, para ele, no movimento socialista: el socialismo mata el individualismo pero despierta las individualidades. Sociólogo, no mais elevado sentido da palavra, acompanhava o processo histórico em seus zigzagues pelo labirinto dos fatos. E integrado na compreensão da História como um processo único, regido por leis, e não uma cadeia de sucessos contingentes, Ponce encarava — como Alexandre Herzen — a dialética como a álgebra da revolução.



que desean «reconstruir» el inhumano régimen capitalista, sus enemigos de Rusia: todos los que desean «construir» un nuevo régimen sobre cimientos morales más justos, son sus partidarios.» Essa noite seria para o jovem Ponce — que não escondia o entusiasmo e o aplauso às palavras do Mestre — o momento em que se cristalizaram seus ideais. Daí por diante, pela palavra e pela ação, daria até a vida pela vitória do trabalho sobre o capital, pela paz, contra a guerra.

Em 1925 aparece com um dos membros da recém-fundada União Latino-Americana, que se propunha a coordenar a ação dos escritores, intelectuais e professores da América Latina numa integração política, econômica e moral sob a égide do novo humanismo. Solidariedade entre os povos latino-americanos nada tem a ver com panamericanismo em uniforme oficial e alimentado pelo generoso pulmão de ação do capital financeiro.

Mais do que nunca esse ideal de união dos espoliados povos da América Latina está na ordem do dia: convoque-se em grandes congressos anuais os seus mais legítimos representantes — escritores, líderes estudantis, líderes sindicais, parlamentares, jornalistas, professores, artistas, juristas, que se contem aos milhares! — para que no processo dos debates e das pesquisas dos nossos angustiados e sempre desfigurados problemas, redijam nossa Carta de Emancipação, que ausculte nosso passado; estude o nosso presente e perspetive o nosso futuro. Carta histórica, dinâmica, revolucionária. Que cada um de seus membros tome seu posto de honra e de sacrifício, divulgue a cultura entre as massas e não se de cada um dependesse o

elites acatufeladas e anêmicas, mas síbilas e vociferantes, abraçando as vítimas da epidêmica crise de consciência...

«Son las construcciones del arte puro y de la "inteligencia pura" — afirma Ponce — quienes desvían los ojos de las grandes masas de la única escuela en que se desarrolla de veras el drama de la historia. Las clases gobernantes estimulan como manía a esos artistas que son como niños; a esos sabios que son como Juan de la Luna. Y los prefieren y los cuidan y los cargan de honores: hasta que llega el día en que una palabra impudente o un descubrimiento inesperado, los arroja sin saber porque de cargos y privilegios.»

Quando o imperialismo — empenhado em catástrofes — arrinca um parâmetro e um delirante para que fogueassem o mundo no cataclismo de uma nova guerra, Aníbal Ponce, sem vacilar, advertiu à juventude:

Bien triste cosa es el mundo hoy para quien no sepa contemplarlo en una amplia perspectiva. Fascismo, terror, guerra... no son sin duda para adentar a nadie. Bajo su influencia inmediata, se desesperan unos en la angustia, buscan otros en el pasado la solución. Cuando se examina, sin embargo, el abigarrado espectáculo de hoy con los claros ojos del que ha aprendido a descubrir en las luchas de clases el motor de la historia, todo adquiere de pronto una ordenación precisa. Todo asume de inmediato una significación que lo ilumina. Se impone entonces como una verdad de evidencia, la caducidad que vivimos sobre el filo que separa dos edades: una, la prehistórica de que hablaba Engels otra, la historia que para Rusia ya ha



Nave Cósmica Soviética: Iminente Vôo do Homem

Um novo passo, sem dúvida o mais arrojado, para a conquista do espaço cósmico pelo homem acaba de ser dado, e mais uma vez pela União Soviética, com o lançamento, a 15 do corrente, de uma gigantesca nave-Sputnik. O impressionante engenho, que pesa mais de 4.500 quilos, está girando em torno da Terra a uma altura que varia entre 312 e 369 quilômetros.

Qual seria o segredo dos russos, que lhes permite lançar ao espaço cósmico engenhos multissímulos mais pesados que os norte-americanos? — pergunta o jornalista francês Jean des Champs. De fato, é realmente uma façanha que desperta a admiração de toda a humanidade essa do lançamento (com êxito, é claro) de uma formidável massa de perto de cinco toneladas, algo como dois ou três automóveis, a uma altura de mais de 300 mil metros.

Características do lançamento

É o seguinte o comunicado da Agência TASS sobre o lançamento do engenho cósmico.

«Durante os últimos anos, procedeu-se, na União Soviética a trabalhos de pesquisas científicas e de construções experimentais, visando preparar o vôo do homem no espaço cósmico. As realizações, na União Soviética, no domínio dos satélites artificiais da Terra, satélites de pesos e dimensões importantes, assim como o êxito dos ensaios do poderoso foguete portador, capaz de levar a uma órbita desejada um Sputnik de um peso de várias toneladas, permitiram emprender a montagem e as experiências com uma nave cósmica que permitirá ao homem efetuar vôos de longa duração no espaço cósmico. A 15 de maio de 1960, foi realizado na União Soviética, o lançamento de uma nave cósmica sobre uma órbita da Terra. Segundo os dados recebidos, a nave Sputnik foi colocada, conforme os cálculos pré-estabelecidos, sobre uma órbita cuja linha se aproxima de um círculo, à altitude de 320 quilômetros da superfície da Terra. O período inicial da rotação da nave Sputnik é de 91 minutos. A inclinação de sua órbita sobre o plano do equador é de 65 graus. O peso do engenho, excluindo o da última carga do foguete portador, é de 4 toneladas e 540 quilos. A bordo da nave Sputnik foi instalada uma cabina hermética, comportando uma carga igual ao peso de um homem, assim como o equipamento necessário

ao futuro vôo do homem no espaço. Outrossim, existem na cabina vários aparelhos científicos, cujo peso, somado aos das fontes de energia, é de 1.477 quilos. O lançamento tem por objetivo a preparação e a verificação de diversas coordenadas de um sistema de nave Sputnik, assegurando um vôo dirigido sob condições de segurança e o retorno à Terra. Ela deverá permitir, igualmente, verificar as condições necessárias para o vôo espacial do homem. Este lançamento constitui o início de um empreendimento complexo, consistindo em manobrar aeronaves que assegurem o vôo cósmico do homem em condições de segurança. Depois que forem recebidos da nave Sputnik os dados necessários, proceder-se-á à separação da cabina hermética, que pesa cerca de 2,5 toneladas.

O presente lançamento não prevê o retorno da cabina à Terra. Após a verificação da segurança do sistema de funcionamento e de separação da nave Sputnik, a cabina iniciará, do mesmo modo que o corpo da nave, a sua descida, terminando sua existência ao entrar na camada densa da atmosfera. A bordo da nave Sputnik, foi instalado um posto emissor de rádio do tipo «signal», emitindo na frequência de 19,995 megacíclos, tanto em fonia como em grafia. Ao lado do emissor «signal», encontra-se um equipamento de rádio especial, destinado à transmissão, para a Terra, dos dados sobre o funcionamento dos aparelhos científicos, e à determinação exata das coordenadas da órbita. A alimentação energética dos aparelhos de medição do Sputnik é realizada com o auxílio de fontes químicas e de baterias solares. A análise dos primeiros dados recebidos da nave Sputnik demonstra que seu equipamento funciona normalmente. Os postos terrestres procedem às observações regulares do satélite.

Repercussão

O novo êxito da União Soviética alcançou a maior repercussão nos meios científicos internacionais. Se nos Estados Unidos, por motivos óbvios, os cientistas e autoridades procuram reduzir as proporções, as implicações e o alcance do feito, na Inglaterra os homens de ciência não ocultam seu entusiasmo. O secretário do «British Interplanetary», cientista L. J. Carter, declarou: «Os russos mantêm absoluta liderança no domínio dos foguetes es-

paciais. Acredito que a nova experiência soviética demonstre conclusivamente que seu foguete é muito mais poderoso do que o será o foguete norte-americano «Saturno», quando este se encontrar pronto dentro de três ou quatro anos. Nem é preciso dizer que é duas ou três vezes mais potente que os foguetes «Titan» e «Atlas», de que os norte-americanos dispõem atualmente. Estou realmente assombrado pelo fato dos russos terem sido capazes de colocar em órbita, sem qualquer erro, um tão enorme veículo. Excluindo a Lua, deveria ser o objeto mais luminoso no céu, muito mais que as estrelas, tão próximo se encontra da Terra. Acredito que ele poderá permanecer em órbita aproximadamente durante seis meses».

Do professor Lovell

O professor A. C. B. Lovell, diretor do Observatório de Jodrell-Bank, por seu turno, declarou que «o êxito do lançamento do novo Sputnik prova a seriedade dos estudos russos para resolver o problema do vôo cósmico e há tempos já se sabia que os soviéticos queriam enviar um homem ao espaço». Acrescentou que, nesse sentido, a notícia não constituía uma surpresa, mas o mesmo não se dava em relação ao peso do satélite, que, evidentemente, é bastante pesado para conter um homem e todos os elementos necessários à sua manutenção durante um período prolongado de tempo. Disse, ainda, o professor Lovell, que o

peso do engenho fazia supor que o problema do regresso à Terra deixava de ser um problema «terrivelmente sério», concluindo que os soviéticos «estariam equipando os viajantes espaciais com meios e poderes suficientes para controlar seu próprio regresso. Isto simplificará enormemente o problema».

Declarações de Cientistas soviéticos

Artigos e declarações de cientistas da URSS são publicados pela imprensa soviética, a propósito do lançamento da nave-Sputnik.

O presidente da Federação Astronômica Internacional, professor L. I. Sedov, manifestou-se da seguinte forma: «Todo o mundo agora sabe que já temos um aparelho com o qual o homem poderá percorrer o espaço. Temos, porém, que realizar numerosas experiências antes de podermos fazer a primeira viagem cósmica, pois ainda não foi resolvido praticamente o problema do retorno à Terra, sem perigo para a tripulação, embora se trabalhe nisso».

Controlado da Terra

O professor Vladimir Dobronravov declarou: «O fato de que a nave-sputnik seja, em certa medida, controlada da Terra, constitui a característica mais notável desse aparelho. A sua cabina hermeticamente fechada está dotada de todo o equipamento que per-

mitirá a vida no espaço aos futuros astronautas que se dedicam a investigações científicas. Num futuro próximo, será resolvido o problema do regresso à Terra dos sputniks e nossos homens iniciarão os vôos no espaço cósmico. Precisamente, nosso desejo principal, nesta experiência, é o estudo das possibilidades de vida em uma astronave para o homem e do problema do seu regresso à Terra. Aproxima-se o momento em que os cientistas soviéticos se lançarão à conquista do espaço».

O cientista I. Chevliakov, do Planetário de Moscou, escreveu: «O futuro cósmico da humanidade está à vista. O lançamento da nave do espaço constitui uma das últimas etapas antes da penetração do homem no universo. A URSS enfrenta esse problema com toda a responsabilidade histórica necessária. As viagens interplanetárias não poderão ser feitas antes que a ciência e a técnica assegurem ao homem o regresso à Terra».

Ainda este ano

O cientista Chariz Villman, da República Soviética da Estônia, declarou: «É possível que ocorra ainda este ano o momento grandioso do primeiro vôo do homem ao espaço».

Outro homem de ciência soviético, o professor Vassili Fessenkep, afirmou: «Vários problemas até agora insolúveis para os observatórios astronômicos terrestres serão resolvidos pela na-

ve-sputnik, pois seu grande peso permitiu instalar nela aparelhos astronômicos de grande precisão».

O professor Gorshkov, por sua vez, declarou: «Ninguém mais duvida que um veículo cósmico soviético seja o primeiro a percorrer o espaço e que os tripulantes sejam também soviéticos».

Visto no Brasil

Logo após o lançamento da nave-sputnik, sua passagem foi assinalada em várias capitais, entre elas Londres, Paris, Moscou, Nova Kark. No Brasil, seus sinais foram captados pela estação da «Radiobrás», nesta capital. Em vários municípios cearenses, Crateús, Igatu, Queixerambim e Mombaça, a nave-sputnik foi vista a olho nu, despertando viva emoção entre o povo.

Teatro

«Revolução na América do Sul»

Depois de marchas e contra-marchas do serviço de censura em torno à peça «Revolução na América do Sul» do jovem autor Augusto Boal, foi a mesma liberada e apresentada à crítica especializada. Ignoramos se sofreu cortes. Parece-nos que não, exceto no que diz respeito à bandeira da dita revolução que, segundo o texto era verde, com uma garrafa de coca-cola no centro. A que nos foi exibida era dourada, com um grande «R» bordado. No programa, a peça é apresentada como um «documentário», definição muito feliz a nosso ver. Trata-se, realmente, de um documentário, fiel e detalhado do que seja a vida de um operário em nossa terra, nesse glorioso século eletrônico. É como um operário não vive isolado e suas condições de vida, refletem inelutavelmente, determinado tipo de sociedade, um sistema de governo, uma definida estrutura estatal, é claro que ao «documentar» a vida, luta, problemas e morte de José da Silva, estaria implícita a crítica ou análise à dita sociedade, etc. Destarte, nada escapou ao ferro em brasa da sátira de Boal que adota em seu trabalho «educacional» através do teatro, o velho lema de «castigar os costumes, rindo».

Guardando as devidas proporções, diríamos que Boal pertence à nobre estirpe de Bertold Brecht e Charles Chaplin, sendo parente muito próximo do também muito jovem teatrólogo Osvaldo Dragún. Pela técnica empregada cremos mesmo que sua maior intenção, seja com este último, cujos temas são semelhantemente aproveitados, ou melhor colhidos, nos fatos diários da capital argentina, sua pátria. É claro que esses dois jovens sofreram a benéfica influência de mestre Chaplin, empregando a mímica e os cortes repetidos de cenas, os quais conferem às suas peças, algo de cinematográfico. Recordo ainda, o nosso patricio ao emprêgo da música, dando a seu documentário a forma de revista ou comédia musical, recurso que, sublinhando e reforçando a sátira, lhe confere maior leveza, suavidade e contundente. José Silva o personagem em torno do qual se desenvolve toda a ação, magnificamente criado por Flávio Migliaccio, herói anônimo, eternamente ludibriado, ingênuo e resignado, é irmão gêmeo de Carlitos.

E a peça não é apenas sátira a tudo o que há de corrupto em certa «sistema de vida»: à demagogia eleitoral, à venalidade de certos parlamentares, à asfixiante opressão imperialista, à desagregação dos costumes, nos processos de «salvação espiritual das almas», é poesia também. Há quadros de intenso lirismo. E cenas de belíssima composição plástica, das quais a maior é, sem dúvida a final, em que José Silva, depois de morto, mereca as honras de estátua em praça pública, simbolizando o Operário Desconhecido, morto de fome.

E como há tanto a dizer sobre tão grande feito, qual seja a apresentação da peça, sua direção, interpretação, música, etc., voltaremos em outras crônicas à REVOLUÇÃO NA AMÉRICA DO SUL. Não percam esse espetáculo de Arena, à Rua Siqueira Campos.



NOTA SOVIÉTICA:

Torpe Manobra Das Potências Ocidentais

Sob o título «Torpe manobra dos dirigentes das potências ocidentais em Paris», o serviço de imprensa da delegação soviética à Conferência de cúpula divulgou na capital francesa, na noite de terça-feira última, a nota que abaixo transcrevemos, de acordo com o texto divulgado pelas agências noticiosas.

«Como se combinou, em razão do encontro preliminar dos chefes das quatro grandes potências, em Paris, o dia 17 de maio devia ser, por proposta do presidente do encontro, general de Gaulle, um dia de reflexão sobre as declarações feitas pelos chefes de governo. Aproveitando a oportunidade que se apresentava, o presidente do Conselho de Ministros da URSS, Nikita Kruschiov, e o marechal Rodion Malinovski, empreenderam uma excursão à aldeia de Pleurs-Sur-Marne, situada a mais de 120 quilômetros de Paris.

«Nessa localidade, na primeira Guerra Mundial, estacionou uma unidade militar russa na qual serviu de soldado R. Y. Malinovski, que participou, ao lado dos franceses, nos combates pela França, e derramou seu sangue ao lutar contra o inimigo comum, o militarismo alemão.

«No momento em que Nikita Kruschiov e Rodion Malinovski se encontravam na aldeia de Pleurs-Sur-Marne e conversavam amistosamente com alguns camponeses que se lembravam da luta comum chegado, por intermédio da polícia e dos jornalistas, a notícia de que o encontro dos chefes de governo das quatro potências havia sido marcado para as 15 horas, no Palácio do Eliseu.

«Ao regressar a Paris, uma carta do presidente de Gaulle foi entregue a Nikita Kruschiov, confirmando sua intenção de realizar tal reunião. Entretanto, não estava claro, na carta, que se tratava de uma nova conferência prelimi-

nar, em consequência do dia de reflexão, ou se se vislumbrava uma tentativa de convocar de maneira unilateral a Conferência de cúpula. Nikita Kruschiov pediu à delegação francesa que esclarecesse o caráter da conferência proposta, e esse pedido foi transmitido imediatamente, por telefone.

«A resposta a esta pergunta não chegou. Nesse lapso de tempo, os chefes das três potências ocidentais chegaram ao Palácio do Eliseu. Não tendo recebido resposta à sua pergunta, Kruschiov dirigiu ao presidente de Gaulle a seguinte carta: «Senhor presidente, referindo-me à sua carta de 17 de maio deste ano, que me foi dirigida, surgiu uma dúvida, a que essa carta não responde. Em sua carta, não se diz se se pretende reunir os quatro chefes, da França, União Soviética, Grã-Bretanha e Estados Unidos, para um encontro preliminar que tenha por fim esclarecer se existem condições que permitiriam começar a Conferência de cúpula, ou se se trata do princípio dos trabalhos da própria Conferência de cúpula. Como já o afirmi ontem, em minha qualidade de chefe de governo da URSS, estou disposto a tomar parte na Conferência de cúpula se o governo dos Estados Unidos eliminar o obstáculo que me impede de participar dela. Este obstáculo seria eliminado se o presidente dos Estados Unidos anunciasse que o governo norte-americano condena as ações provocadoras que a Força Aérea norte-americana efetuou contra a URSS, dissesse que lamenta essas ações, adotasse medidas para castigar os culpados, e assegurasse que, no futuro, tais ações em relação à URSS não serão toleradas. Fica certo que estou disposto, como foi comunicado ao diretor de seu gabinete, a tomar parte no encontro, se este revestir-se de um caráter preliminar. Com respeito, Nikita Kruschiov».

«Em resposta a essa carta, o presidente de Gaulle, ao terminar a conferência unilateral dos três chefes de governo ocidentais, que se haviam reunido no Eliseu, enviou sua resposta, a qual dizia: «Em resposta às perguntas feitas em sua carta, esclareço que essa reunião tinha por objetivo começar o exame dos problemas que estamos de acordo em examinar na Conferência de cúpula e devia, assim, portanto, revestir-se do caráter de primeira sessão dessa conferência».

«Esta declaração somente pode despertar estranheza, pois que, como todos sabem, o presidente do Conselho de Ministros da URSS, Nikita Kruschiov, em sua declaração no encontro preliminar, indicara com toda a precisão possível as condições nas quais o governo soviético está disposto a participar da Conferência de cúpula.

«Uma vez que o presidente Eisenhower, depois do encontro preliminar, não fez declaração pública sobre a condenação das ações provocadoras da Força Aérea norte-americana contra a União Soviética, sobre a punição dos culpados e sobre o fato de que tais ações em relação à URSS não serão toleradas no futuro, ficava perfeitamente claro que, nestas circunstâncias, não poderia ser aberta a Conferência».

«O serviço de imprensa da presidência do Conselho de Ministros da URSS está autorizado a anunciar que o governo da União Soviética, confirmando sua vontade inquebrantável de paz e seu desejo de resolver as questões internacionais litigiosas por meio de negociações, anuncia de novo que a URSS, como no passado, está disposta a ocupar seu lugar à mesa-redonda da conferência de cúpula, se os Estados Unidos eliminarem os obstáculos que foram criados por sua culpa, ao se iniciarem os trabalhos desta conferência».

Palavras Cruzadas

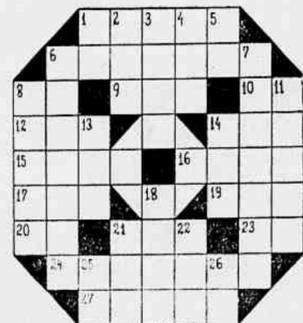
F. Lemos

PROBLEMA Nº 11

HORIZONTAIS: 1 — Conjunto de soldados; 6 — Dignidade de Rei; 8 — Mulher acusada ou criminosa; 9 — Mar (em inglês); 10 — Perversa; 12 — Primeira mulher, segundo a bíblia; 14 — Substância doce, formada pelas abelhas; 15 — Adoçado, maluco; 16 — País da América do Sul; 17 — Cadeira; 19 — Afirmação; 20 — Rio da França; 21 — Membro empenhado das aves; 23 — Nome da letra «C»; 24 — Desordem, disputa; 27 — Causar lesão a.

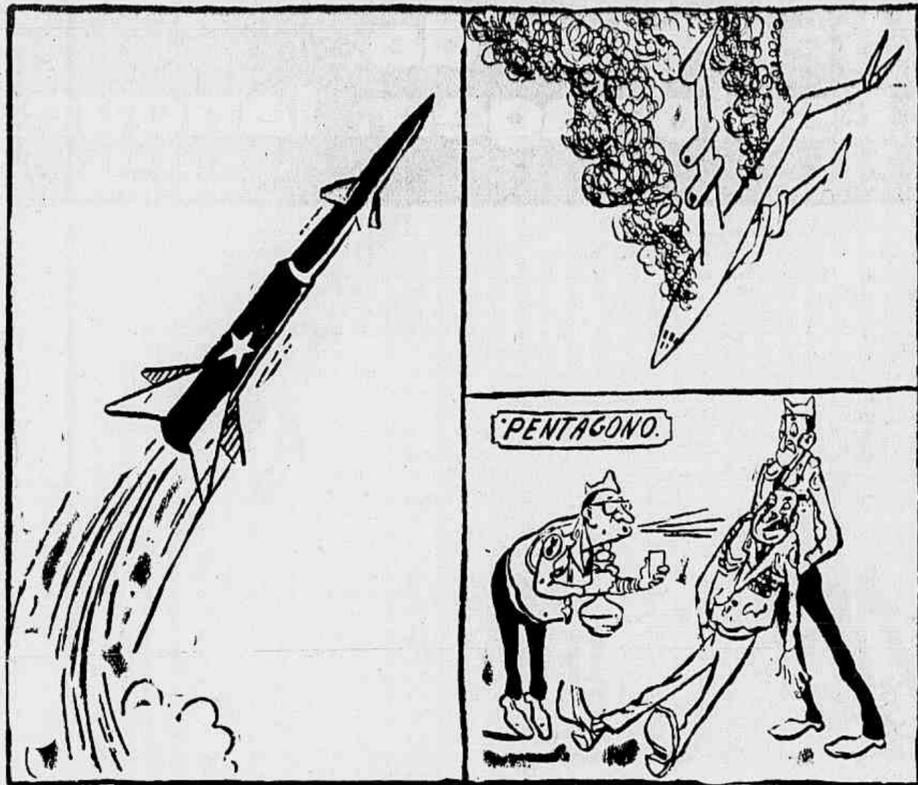
VERTICAIS: 1 — Prônimo pessoal, a ti; 2 — Chefe etíope; 3 — Designação genérica de substâncias gordurosas, lípidas; a temperatura ordinária e por extensão dos produtos mais ou menos viscosos de origem mineral; 4 — Na antiguidade grega, hino em honra de Apolo; 5 — Esquadrão; 6 — Voltar ao princípio; 7 — Uma das cinco partes do mundo; 8 — Que diz respeito ao rei; 11 — Mineral monometálico, sulfato duplo de alumínio e potássio; 13 — Altar dos sacrifícios; 14 — Trinta dias; 18 —

Cartas do baralho; 21 — Aperte com lapada ou nó; 22 — Membro empenhado das aves; 25 — Forma arcaica do artigo «o»; 26 — Passar ou transferir de um lugar para outro.



RESPOSTA DO PROBLEMA Nº 10

HORIZONTAIS: 1 — Orar; 5 — Taca; 9 — Verificam; 11 — Aa; 12 — Mal; 13 — Mã; 14 — Idé; 16 — Par; 17 — Em; 18 — Ur; 19 — Eno; 20 — MAM; 22 — Id; 2 — Cem; 26 — Dó; 27 — Revillón; 30 — Aral; 31 — Leza; VERTICAIS: 1 — Oval; 2 — Recandem; 3 — Ar; 4 — Rim; 5 — Til; 6 — AC; 7 — Canabada; 8 — Amor; 10 — Fã; 15 — Ono; 17 — Pum; 19 — Eira; 21 — Mera; 23 — Cal; 24 — El; 25 — Mil; 26 — Va; 29 — De.



Uma cajadada... dois coelhos...

Eisenhower Condenado Dentro Dos Próprios EUA

Telegramas distribuídos pelas agências imperialistas e publicados pelos jornais burgueses nos últimos dias dizem que a «imprensa livre» e a opinião pública do mundo inteiro condenaram a atitude «violenta» de Kruschov ao exigir do presidente Eisenhower uma declaração precisa condenando os vôos de espionagem sobre a União Soviética e a adoção de medidas punitivas contra os responsáveis por equívocos atos provocativos. O que a imprensa burguesa procura ocultar é o fato de que Eisenhower tornou impossível o prosseguimento da conferência de cúpula negando-se a voltar atrás em suas posições belicistas e hostis em relação à URSS às vésperas da conferência.

fiasco mostra bem o estado precário e doloroso em que se encontram as relações internacionais. Kruschov dificilmente deixaria de levar em conta as ameaças de violação contra o seu país.»

Outro líder do Partido Democrata, o senador John Kennedy, possível candidato de seu partido à sucessão de Eisenhower, considerou como «extremamente lamentável» o ato de espionagem e suas repercussões sobre a conferência de cúpula. Poucos dias antes, Kennedy havia criticado a decisão do governo norte-americano de reiniciar as experiências atômicas subterrâneas, dizendo que havia «vozes poderosas» dentro do governo ianque contra o desarmamento.

completo, de modo que nada pode ser feito por trás de nossas costas, quer se trate de foguetes, espíes ou bombas?»

O jornal conservador «Guardian» vai mais longe ainda e afirma: «O sr. Herter disse que os americanos sobrevoaram a URSS e que continuarão a fazê-lo. Permitiremos a nossos aliados utilizar para este fim as bases que possuem em nosso país? A resposta, por mais triste que seja, tem que ser, não. Tendo sido apanhados uma vez em flagrante delito, os americanos não têm o direito de continuar suas operações ilegais. Se o fizerem, não podem pedir a seus aliados que os apoiem.»

Mesmo entre os militares, a «espionagem legalizada» foi condenada. O marechal Montgomery, por exemplo, observou que «no momento atual, quando todos se esforçam para criar uma atmosfera cordial, é o cúmulo da loucura o fato dos Estados Unidos realizar vôos deste gênero.»

Condenação na ONU

O presidente em exercício do Conselho de Segurança da ONU, Sir Claudius Correa, representante do Ceilão, referindo-se à declaração de Herter de que os vôos de espionagem sobre a URSS «são necessários e continuarão», declarou que se devia observar que declarações como essa «ignoram abertamente a soberania territorial de um país. Isto constitui um desafio para as Nações Unidas, porque a estrutura fundamental da Carta da ONU se baseia no respeito à soberania e à integridade territoriais de todos os membros.»

Positivado o fracasso da conferência de cúpula, depois da reunião realizada entre De Gaulle, Macmillan e Eisenhower, que o próprio povo parisiense se encarregou de mostrar quem era o culpado, ao votar o presidente dos Estados Unidos quando este passava de automóvel pelas ruas.

A «unidade ocidental» apregoa das agências e jornais burgueses, entretanto, é tão verdadeira quanto o próprio Eisenhower, que diz num dia para desdizer no dia seguinte. Os governos da Noruega e do Afeganistão, envolvidos pelos Estados Unidos em seus planos de espionagem, protestaram imediatamente e advertiram o governo ianque contra a repetição desses atos de gangsterismo próprios da guerra fria. O primeiro ministro japonês, Kishi, homem de confiança dos Estados Unidos, foi obrigado pela opinião pública de seu país a afirmar que o Japão pedirá a retirada dos aviões U-2 do território japonês. Até mesmo o sr. Allen Dulles, chefe da Agência Central de Inteligência (espionagem), é obrigado a admitir que os povos dos países onde os Estados Unidos mantêm bases militares de agressão contra a União Soviética manifestaram seu desagrado pela política ianque e sua preocupação com a possibilidade de serem envolvidos num conflito bélico provocado pelos EUA.

Stevenson: Eisenhower culpado

Nos próprios Estados Unidos, a atitude provocativa de Eisenhower e do Departamento de Estado foi criticada. O sr. Adlai Stevenson, líder do Partido Democrata, disse que: «Podemos atribuir o fracasso da conferência de cúpula à maneira inábil como Eisenhower tratou do incidente com o avião U-2 com o representante soviético. Kruschov não tinha outra coisa a fazer senão protestar, uma vez que iam continuar os vôos de espionagem sobre o território soviético. Este

Na Inglaterra, os jornais e os meios políticos não comprometidos com a guerra fria condenam a política norte-americana e pressionam o governo inglês para que não envolva o país numa provocação. O «Daily Herald», trabalhista, por exemplo, pergunta: «O primeiro ministro pode nos assegurar que ele sabe tudo o que os americanos fazem em suas bases na Inglaterra? Que ele exerce um controle

JURISTAS BRASILEIROS AFIRMAM:

Avião Norte-Americano Violou Direito Internacional

A política norte-americana de se arrojar o direito de violar a soberania territorial da União Soviética como «legítima defesa preventiva» não podia deixar de causar indignação e o protesto de todos os juristas democráticos e honestos em todo o mundo. No Brasil, várias foram as personalidades que se pronunciaram neste sentido. Em todos os pronunciamentos existe uma nota comum: é inadmissível querer elevar o crime já previsto em lei à categoria de procedimento legal nas relações entre os Estados.

netrar no território de um país sem sua autorização. «Sobretudo não tendo sido declarado estado de guerra, nenhum veículo ou pessoa pode penetrar ou atravessar território de outro país sem autorização. A alegação de legítima defesa preventiva não pode ser feita dentro das normas de direito internacional vigentes.»

uma volta aos bons princípios jurídicos e ao bom senso.

A conduta do Governo norte-americano, assumindo a responsabilidade do vôo, e a intensa divulgação que deu ao fato o Governo russo condenaram ao insucesso, como era facilmente previsível, a atual reunião de Paris

Osny Duarte Pereira

Referindo-se ao ato de espionagem dos EUA, o desembargador Osny Duarte Pereira observou:

«Sustenta-se que o ato praticado, o uso dos aviões U-2 para tarefas de espionagem na União Soviética é uma atitude de defesa legítima dos Estados Unidos para prevenir-se de um ataque de surpresa.» Observou o dr. Osny Duarte Pereira que todos os convênios e tratados internacionais, entre eles a conferência de Bruxelas, em 1864, a de Haia, em 1907, e os convênios de Paris, em 1919, de Londres e Chicago, em 1929 e 1944, respectivamente. «O uso de aviões para realizar investigações de caráter militar não é somente um ato de espionagem caracterizado como delito internacional por ter sido apoiado pelo governo que o enviou, como também é uma violação dos tratados acima referidos, o que justifica, segundo esses mesmos convênios, sanções e penas internacionais como o boicote, ruptura de relações, retorção, represálias e a própria guerra.»

Oscar Tenório

O dr. Oscar Tenório, catedrático de Direito Internacional da Universidade do Rio de Janeiro, disse que não se pode alegar pretexto algum, pois «dentro dos princípios estabelecidos no Direito Internacional, não é possível penetrar no espaço aéreo de um país sem sua autorização. Qualquer vôo não autorizado constitui violação clara do espaço aéreo de uma nação e não encontra justificativa ou lugar no Direito Internacional.»

Francisco Mangabeira

O dr. Francisco Mangabeira, líder católico e professor de direito público, observou que não pode haver tergiversação quanto a pe-

Lineu de Albuquerque Mello

Do dr. Lineu de Albuquerque Mello, catedrático de Direito Internacional Público na Faculdade Nacional de Direito, ouvimos o seguinte:

O vôo do avião norte-americano sobre o território da Rússia, para fins de espionagem, representou sem dúvida flagrante violação da soberania desse País. As convenções sobre direito aéreo que reconheceram a soberania do Estado sobre o espaço atmosférico admitiram, como única restrição, o trânsito inofensivo, isto é, de aeronaves privadas, destinadas a o transporte de passageiros e carga. E, ainda neste particular, não tendo a Rússia assinado a convenção de Chicago, de 1944, poderá impedir o sobrevôo do seu território por aeronaves privadas.

Quer dizer-se, então, da violação do espaço aéreo da Rússia por aeronave militar, com finalidades inamistosas, qual a de fotografar obras de defesa, no momento em que vivemos, de tensão internacional já denominada justamente de «guerra fria»?

Afirmar-se que o direito de conservação e defesa do Estado poderia justificar aquele procedimento parece-me absurdo. Todo direito a esse respeito encontra sua natural limitação em igual direito de outro Estado e deve cessar nos limites de cada um. O que ultrapassar esses limites é violação de soberania.

Do contrário, criar-se-iam perigosos precedentes para novas práticas, em que até razões de ordem subjetiva poderiam determinar procedimentos dessa natureza, com desrespeito à soberania territorial dos Estados. Nenhum Estado estaria seguro da inviolabilidade do seu território.

A afirmação do Presidente dos Estados Unidos, na «Conferência de Cúpulas», de que mandará suspender vôos como aquele, se é um recuo diante de declarações suas anteriores, representa, sem dúvida,

Atualidade de Lenin

O último número da revista PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO (nº 4, 1960) é, em sua maior parte, dedicado a Vladimir Ilitch Lenin, cujo 90º aniversário de nascimento foi festejado no mês de abril. Além do editorial — «O leninismo vive e triunfa» — em que se acentua a extraordinária atualidade dos principais aspectos da doutrina leninista, vários artigos são consagrados à obra do fundador do PCUS e do Estado socialista soviético. Jacques Duclos, Ernest Kolman, N. Pogodin, N. Alexandrov, Palme Dutt e outros destacados marxistas escrevem sobre Lenin. Isso faz do presente número de PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO uma fonte preciosa de ensinamentos acerca da doutrina leninista, particularmente em relação aos problemas de nossa época.

Outros interessantes trabalhos aparecem ainda neste número, tais como o de O. Kuusinen sobre «As tendências e perspectivas do capitalismo monopolista contemporâneo», Eugene Dennis «Sobre a coexistência pacífica: crítica de um ponto de vista ocidental» e Luigi Longo — «Pela renovação democrática da Itália e pelo socialismo».

Problemas da Paz e do Socialismo

Jânio Vaiado em Recife

RECIFE (do correspondente) — Trabalhadores e estudantes de Recife receberam com uma estrepitosa vaia o sr. Jânio Quadros, no momento em que o candidato do Clube da Lanterna pretendia realizar um comício em frente ao Comitê Estudantil pró-Jânio. Mal o amigo de Rockefeller, que tinha ao lado o sr. Cid Sampaio, chegava na sacada do prédio, operários e estudantes deram início a uma manifestação de repúdio ao candidato entreguista. «Abaixo a demagogia!», «Não queremos candidato entreguista!», «Abaixo o amigo de Rockefeller!», gritavam centenas de pessoas. Visivelmente perturbado, o sr. Jânio Quadros não sabia o que fazer. Os elementos do seu estado-maior resolveram então usar a violência contra o povo. Como havia no local balaios com côcos, decidiram atirá-los contra os manifestantes, sustentando-se assim, durante cerca de dez minutos, uma curiosa «batalha dos côcos».

Anteriormente, haviam se realizado outras manifestações anticomunistas, principalmente na Rua Nova, quando Jânio por ali passara em companhia do governador Cid Sampaio, do defensor da Standard Oil Juarez Távora e outros lanterneiros. Ao longo de toda a rua, ouviam-se os gritos de «Lott! Lott!». Na rua Diário de Pernambuco realizou-se mesmo um comício improvisado, em que os oradores repudiaram a candidatura do amigo de Rockefeller como entreguista e contrária às aspirações de progresso do Brasil, particularmente do Nordeste.

Essas manifestações do povo pernambucano, inteiramente espontâneas, assinalam o fracasso da visita de Jânio Quadros ao nosso Estado, onde é cada vez mais sólida a situação da candidatura nacionalista do marechal Teixeira Lott.

A doença infantil do "esquerdismo" no comunismo de VLADIMIR ILITCH LENIN

Importante obra teórica de grande atualidade. Um combate cerrado contra o sectarismo, o dogmatismo e o revisionismo

Edição comemorativa do 90º aniversário de nascimento do autor

LANÇAMENTO DA

EDITORIAL VITÓRIA LIMITADA

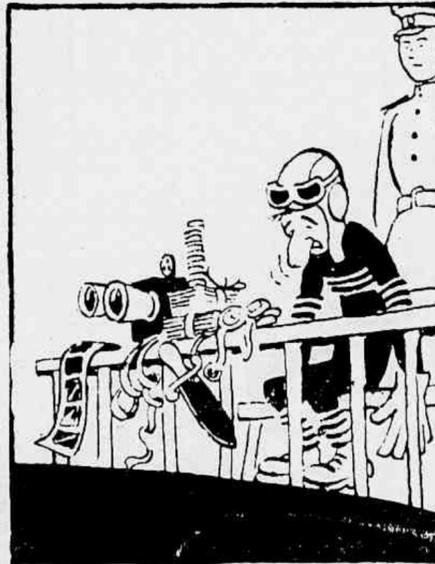
A VENDA NAS LIVRARIAS

Pedidos pelo reembolso para Caixa Postal 165/Rio de Janeiro

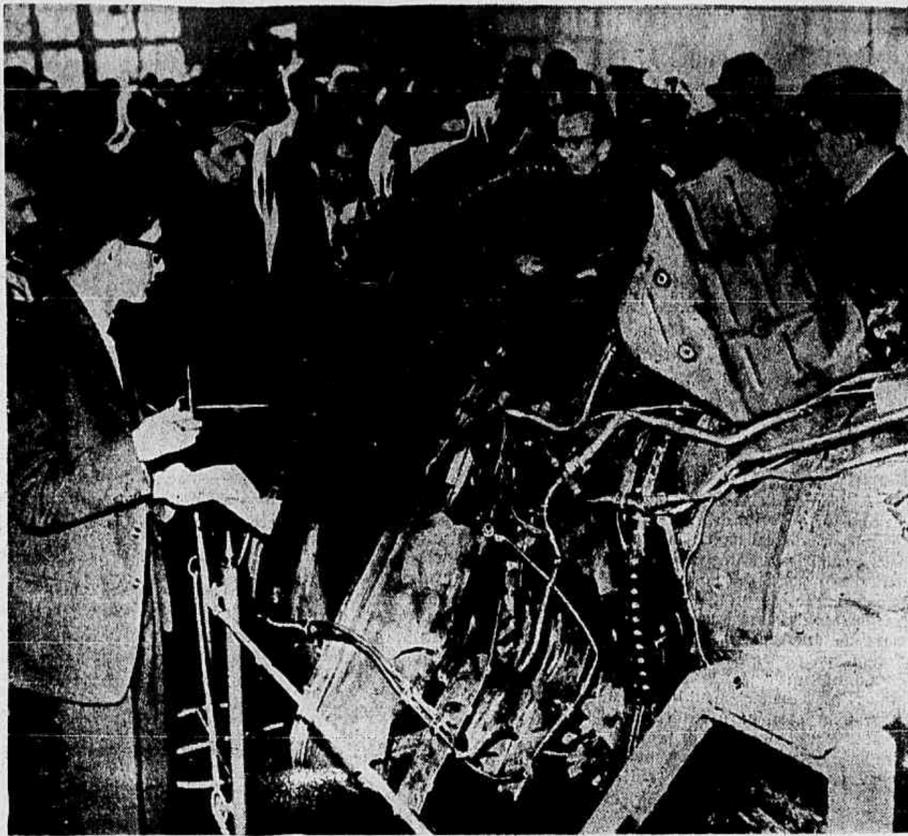
Cr\$ 100,00



Decolagem

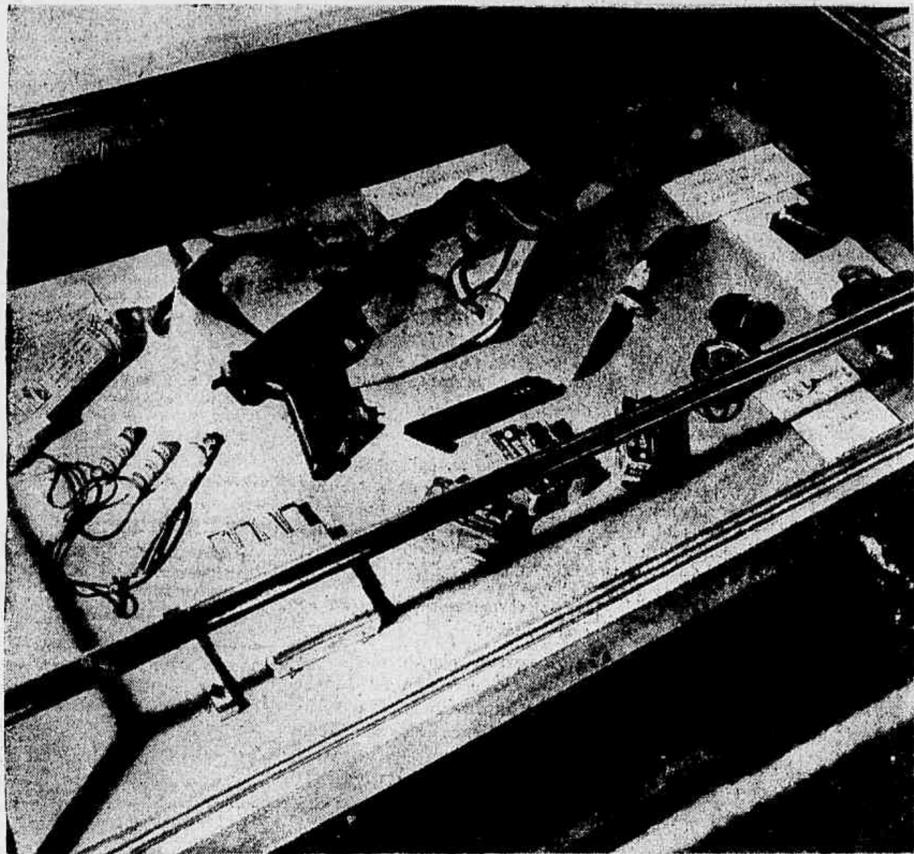


aterriçagem



Todo mundo viu o «U-2»

No dia 11 de maio a prova material do crime foi apresentada aos jornalistas estrangeiros em Moscou. Os restos do «U-2» revelavam a veracidade da denúncia soviética, comprovando o ato agressivo lançado pelo presidente Eisenhower e jogando por terra as tentativas de criar confusão em torno do fato



Rublos e rádio

Powers levava consigo os apetrechos indispensáveis a uma missão de espionagem. Dinheiro, aparelho transmissor, jóias e outros objetos característicos para o desempenho desse tipo de atividade e para serem utilizados no caso de uma aterrissagem no território da URSS. O fim do sermão, entretanto, foi completamente diferente daquele que os filmes e histórias em quadrinhos contam: um foquete liquidou a missão



Preferiu viver

A ordem era não cair vivo nas mãos das autoridades soviéticas, em caso de acidente; uma pistola ou então uma agulha envenenada deveriam ser utilizadas por Powers. Infelizmente para os ianques ele não cumpriu as ordens e confessou às autoridades soviéticas os verdadeiros objetivos do voo, espionar o território da URSS, localizar bases para o lançamento de foguetes. Acabou por encontrar uma delas e se estrepou.

Os Caminhos Secretos da Espionagem Ianque

De ALAIN GUÉRIN, exclusivo para NR

Desde que o avião-espião norte-americano foi abatido por um foguete soviético e que seu piloto foi capturado e confessou estar em missão de espionagem, fala-se muito do que se convencionou chamar de serviços de informação, serviços de segurança, serviços secretos ou serviços especiais dos Estados Unidos, e cada qual faz conjecturas a respeito das funções exatas desses órgãos. Na medida em que nos permite o segredo absoluto que os cerca, é a essa pergunta que tentamos hoje responder.

A primeira constatação a que chegamos é a de que a espionagem e a contra-espionagem dependem, de fato nos Estados Unidos, de uma dezena de organismos diferentes.

Vamos examiná-los rapidamente, um a um.

O único que tem o título de Serviço Secreto dos Estados Unidos, isto é United States Secret Service (USSS) é, paradoxalmente, o menos secreto de todos. Dirigido por U. E. Baughman, sucessor de James J. Maloney desde 1948, é, na realidade, incumbido essencialmente de «proteger a pessoa do Presidente dos Estados Unidos e seus parentes próximos», tendo, função acessória, de lutar contra os moedeiros falsos. Sua divisão principal é a Fábrica de Polícia da Casa Branca (White House Police Force) que, em Washington, exerce as mesmas funções realizadas, na França, pelos policiais da Sûreté Nationale destacados para os Campos Elísios.

Embora, no essencial, um departamento de polícia, o famoso F.B.I., ou Departamento Federal de Investigações (Federal Bureau of Investigations) nos faz, porém, penetrar no domínio dos serviços secretos. Com efeito: seu chefe, Edgar G. Hoover, cuida da repressão ao banditismo, nas mesmas condições que os diversos serviços da Polícia Judiciária na França, é também incumbido, desde setembro de 1939, da contra-espionagem, isto é, das funções exercidas aqui pela D. S. T. (Direção da Fiscalização do Território). É do conhecimento de todos que a fronteira entre a espionagem e a contra-espionagem é tão leve na realidade quanto é clara nos textos oficiais. Hoover dispõe, portanto, de temível poder. Inclui-se entre os poucos homens que exercem, nos Estados Unidos, influência particularmente nefasta, e muito teria a dizer a respeito desse campeão da guerra fria que se gabou de haver instaurado 128 milhões de processos...

Edgar G. Hoover tem assento, como chefe do F.B.I., na I.I.C., ou Conferência Interdepartamental de Informações (Interdepartmental Intelligence Conference) que desde 1949 tem por função coordenar a atividade dos serviços de informações, em ligação com o I. C. I. S., ou Comitê Interministerial da Segurança Interna (Interdepartmental Committee of Internal Security).

No I. C. I. C. se fazem representar o Departamento de Estado, o Ministério das Finanças, o Ministério da Justiça e o Estado Maior Geral do Exército.

A I. I. C. tem assento, além do F. B. I., o C. I. A., O. N. I. e o G. 2.

O que é a C. I. A.? A Agência Central de Informações (Central Intelligence Agency) foi criada pela lei de 26 de julho de 1947, que lhe fixa o objetivo de «estudar o modo de agir com respeito a todas as questões que apresentem um interesse qualquer para o Departamento de Estado e que se relacionem com a segurança nacional, assim como apresentar propostas ao presidente dos Estados Unidos».

Os chefes da C. I. A. foram, desde sua fundação, o almirante Hillenkoetter, o general Bedell Smith e o civil Allen Welsh Dulles. Se Bedell Smith foi igualmente embaixador em Moscou e sub-secretário de Estado, Allen W. Dulles é irmão do defunto profeta da guerra fria, Foster Dulles. Sua carreira começou realmente quando, em 1942, o general William J. Donovan o nomeou chefe do O.S.S., em Berna (Office of Strategic Services (Secretaria de Serviços Estratégicos - Estados Unidos - N. da R.)). «Da Suíça», escreve ele mesmo na «Alemanha Subterrânea», livro aparecido em 1947, «consegui estabelecer relações com a organização secreta alemã...». A essa organização secreta pertenciam, entre outros o general Speidel. Reunindo oficiais superiores da Wehrmacht, ela se fixara o objetivo de levar o III Reich a assinar uma paz em separado com o Ocidente, a fim de continuar, em boa companhia, a guerra contra a U.R.S.S. Era, na época, o mesmo a que Allen W. Dulles visava. Este permanecia fiel à sua vocação. A C. I. A. está ligado o piloto do avião de espionagem hoje encarcerado em Moscou.

O «G.2» e os «Rangers»

Acabamos de falar do O.S.S. Por engano é ainda às vezes citado quando se trata da época atual. Órgão de guerra, a Direção dos Serviços Estratégicos (Office of Strategic Services) desapareceu com o tratado de paz para ser logo substituída pela C. I. A., que tomou conta de todos os seus funcionários e agentes.

Continuemos, porém, com nosso exame atual. Vimos que também têm assento na I.I.C. o O.N.I. e o «G. 2».

A ONI, ou Direção das Informações Navais (Office of Naval Intelligence) depende do Ministério da Marinha e do Estado-Maior da Armada. Publica um boletim confidencial semanal, o «ONI Weekly».

O «G. 2» é, de fato, equivalente ao II Bureau do Estado-Maior Geral na França e parte integrante das forças de terra dos Estados Unidos.

É preciso ainda citar, para que nossa lista seja quase completa, o OIG, o FBMI, o Bureau of Communications a Situation Room, os Rangers e a N.S.A.

O OIG, ou Grupo Oral de Informação (Oral Intelligence Group) é encarregado da vigilância e do interrogatório das «pessoas que voltam de viagens». No número destas estão sobretudo incluídos os emigrados e trans-

fugas do este que a OIG sondou, com vistas a uma utilização eventual.

O FBMI, ou Serviço de Informações sobre os Rádios Estrangeiros (Foreign Broadcasting Monitoring Intelligence) é, praticamente, uma seção do C. I. A., por conta do qual é feita a espionagem radiofônica.

O Bureau of Communications (Departamento das Comunicações) exerce o mesmo papel na Marinha.

A Situation Room, que se pode traduzir Câmara da Conjuntura, é a centro de coordenação das informações para os chefes militares «aliados» em Washington.

Os Rangers são unidades armadas de intervenção que exercem junto ao C. I. A. as mesmas funções do «Il Choque» de paraquedistas junto aos serviços especiais franceses.

Finalmente, a NSA, ou Agência Nacional de Segurança (National Security Agency), dirigida pelo general Charles P. Cabell, é igualmente um organismo de coordenação cujas atribuições coram indiretamente as do IIC e do ICIS.

É preciso notar, concluindo esta rápida revista dos espíes e contra-espíes americanos, que a dispersão dos serviços é mais aparente que real. Com efeito, dois fatos intervêm para contrabalançar seus efeitos. Primeiro, o controle exercido sobre todos os órgãos pelo Conselho Nacional de Segurança (National Security Council), presidido pessoalmente pelo presidente dos Estados Unidos. Segundo, a onipotência, crescente do C. I. A.

A teia de Aranha da guerra fria

Quando se sabe que é Allen W. Dulles, seu chefe, a importância assumida pela C. I. A. merece ser notada muito em particular. Segundo Hanson W. Baldwin, cronista militar do New York Times, a Agência Central de Informações emprega regularmente de 9 a 15.000 pessoas. Por outro lado, seus cinco departamentos (três de pesquisas, um de análise e de classificação, um de síntese e de publicação) ocupam mais de 20 edifícios diversos em Washington.

À testa desta teia de aranha da guerra fria se achava, ainda recentemente, um antigo professor de história da Universidade de Yale, Sherman Kent, o colaborador mais chegado a Allen W. Dulles.

Fica-se tonto quando se pensa nas fabulosas quantias necessárias ao funcionamento dessa gigantesca máquina de espionagem. No orçamento de 1954-1955 mencionavam-se, por um lado, 88.363.000 de dólares sob a rubrica dos serviços de informações que não dependem do exército e, por outro lado, 54.454.000 de dólares sob a rubrica Activity 2100 das forças armadas. No total, há cinco anos, mais de 700 bilhões de francos, a colação da época, por ano...

NOVOS RUMOS

Carta de Praga

Querida amiga: Recebi a carta em que me conta que a primavera está chegando... Imagino que a chegada da primavera, para vocês, seja uma boa e alegre notícia da natureza, como boas e alegres foram, para nós, as notícias que recebemos. Por favor, empreste-me as suas palavras para os leitores de NOVOS RUMOS: «já imaginaram o que faríamos, no Brasil, se acontecesse o que aconteceu aqui? Artigos eletrônicos, arroz, computadores, roupas... tudo a preço rebalçado? Um rádio portátil que custava antes 400 cruzeiros por 230!» Penso que faríamos como você me diz que os tchecos estão fazendo: comprariamos. Muitas crianças dormiriam de buforter. Outras calçariam sapatos, pela primeira vez. Outras, sobre a buforter, sempre nos dias frios, de corpo encolhido a cantinho da escola. Outras não morreriam porque os pais poderiam alimentá-las melhor. Não sei se você sabe que 50% das crianças que morrem no Brasil, são vitimadas por distúrbios carenciais.

Você me conta, ainda, que nada pagou pelos serviços médicos prestados a seu filho, e também lhe deram os remédios. Vivemos numa terra, a nossa terra, em que morrem mil crianças por dia, antes de completarem um ano. Muitas dessas crianças poderiam viver, se em vez do encarceramento da vida, que foi quase de 60% no ano passado, houvesse, como aí, uma baixa de preços. Mas como, se o sistema econômico não é planejado de modo a servir o povo, a salvar as crianças? Não sei que notícias poderiam dar-lhes, agora, depois de sua carta. (A primavera está chegando. Os preços foram rebalçados. As crianças têm assistência médica e remédios de graça.) O arroz quase dobrou de preço nos últimos meses. Num quilo de manteiga, Cr\$ 20,00. Anunciam um novo aumento para o preço da carne. Bem, não me proponho a mandar uma tabela de preços, porque, em cada 24 horas, os preços, geralmente, são alterados, isto é, aumentados.

Mas, a propósito do lindo livro de histórias coloridas que você mandou para meus filhos, desejo contar-lhe um fato que pode parecer sem importância, mas que você entenderá porque mesmo as pequenas ofensas feitas às crianças chegam depressa ao coração das mães. As crianças de um dos colégios custeados pelo governo da cidade denunciaram o desconforto e os castigos. Entre as coisas que não tinham estava incluído o travessão. E a diretora, então, alegou que o uso do travessão é uma indisciplina. No livro, encontro muitos bichinhos e muitas crianças recostadas em travessões, e sinto uma grande pena das crianças a quem negam um travessão, para repouso. Quando digo a meus filhos que tenham bons sonhos, é no pequeno travessão que eles procuram esses sonhos. Como você vê, as crianças de poucos recursos continuam sem ter onde descansar as cabeças. Como poderão sonhar?

Muito obrigada pelas notícias. E parabéns pela primavera que já deve ter chegado a Praga, onde os preços foram rebalçados, onde as crianças têm assistência médica, têm remédios e podem sonhar...

Ano Montenegro

Ao voltar de um congresso científico internacional realizado na União Soviética, o físico brasileiro Cesar Lattes não escondeu, diante de seus amigos e de jornalistas, sua admiração pelo que viu na cidade atômica de Dubna, a cem quilômetros de Moscou. O que mais impressionou o conhecido cientista brasileiro, entretanto, não foram as modernas e precisas instalações e equipamentos de Dubna, ou as condições e recursos de que dispõem os cientistas soviéticos, poloneses, alemães, tchecoslovacos, húngaros, chineses e de outros países que trabalham naquele centro.

Tendo participado de pesquisas e reuniões científicas em vários países, principalmente nos Estados Unidos, Cesar Lattes ficou entusiasmado com o tratamento dispensado na URSS aos cientistas estrangeiros. Em Dubna, os cientistas nacionais não consideram os estrangeiros como «fichinhas», como inferiores; não existem segredos e hierarquias e toda a organização do trabalho é feita a partir da confiança recíproca e das necessidades de pesquisa. Os cientistas estrangeiros são tão «de casa» como os nacionais e só poderão ser distinguidos, talvez, por um carinho especial. Esse espírito de colaboração e de amizade é também característico das universidades soviéticas que recebem estudantes estrangeiros.

Saúde até à força

Non Karjono, ganhou uma bolsa de estudos para o Instituto de Energia Elétrica de Moscou. Saiu da Indonésia resfriado e partiu para a União Soviética sem se preocupar muito com sua saúde. Karjono já tinha ficado resfriado várias vezes e achava que uma gripe não é mistério algum. Chegando em Moscou, Karjono foi submetido imediatamente a um exame médico e baixou ao hospital. Por causa de um resfriado à toa? — perguntou Karjono. Não, para que você tenha todas as condições para estudar, para que sua saúde esteja 100% e você só se preocupe com os livros e as aulas.

Karjono não teve saída, mas depois de uma semana no hospital estava em ponto de bala. Da mesma forma que os cidadãos soviéticos, os bolsistas estrangeiros têm à sua disposição todos os recursos médicos necessários, sem qualquer despesa. Periódicamente, os estudantes são submetidos a exames clínicos completos, que não deixam escapar qualquer doença ou debilidade. Além dos hospitais, enfermarias e remédios, os estudantes contam ainda com as casas de repouso, para onde são enviados a fim de recuperar forças. Tudo é feito para que o estudante possa se preocupar exclusivamente com seus estudos e aproveite ao máximo sua permanência na União Soviética.

Como se estuda...

Um estudante brasileiro que visitar os centros universitários soviéticos ficará imediatamente espantado com a importância que a Universidade tem na vida de seus alunos. Na URSS, o estudante passa quase o tempo todo dentro da Universidade; é lá que ele estuda, assiste aulas e conferências, recebe assistência dos professores e seus auxiliares, participa de seminários e estudos coletivos com seus colegas, etc. Na própria universidade o bolsista estrangeiro pode fazer suas refeições, quando não prefere cozinhar ele mesmo, e na própria universidade ele tem seus aposentos.

Omar Kairala, do Ceilão, e Sidi Jarani, do Marrocos, por exemplo, passam o dia inteiro juntos, na Universidade de Moscou. Vindos de países extremamente pobres, e ansiosos por ajudar a melhorar o nível de vida de seus povos, Kairala e Jarani afundam o nariz nos livros de mecânica e hidráulica no quarto em que os dois moram, dentro da Universidade. Vão juntos para as aulas, conferências e seminários e se ajudam um ao outro em suas dificuldades.

Nem só de livros vive o estudante...

ESTUDANTE ESTRANGEIRO NA URSS NÃO TEM PROBLEMAS

O Curso é Gratuito Casa e Comida Também



A escola e a prática

Não é só nos livros e nas aulas que os estudantes soviéticos e estrangeiros aprendem suas especialidades. O sistema de ensino na União Soviética guarda uma relação íntima com a prática. Os estudantes de engenharia, como o chinês da foto, passam boa parte do tempo nas oficinas, usinas e fábricas, onde põem em prática os conhecimentos que receberam, com a assistência de técnicos, professores e alunos mais adiantados. A própria universidade possui amplas instalações fabris para experiências.

NOVOS RUMOS

ANO II

Rio de Janeiro, semana de 20 a 26 de maio de 1960

Nº 64



Antes de ingressarem na universidade, os estudantes estrangeiros que não falam russo passam um ano estudando a língua em institutos especiais. Nessa primeira fase de aclimação, são muito intensas as atividades sociais reunindo soviéticos e bolsistas, para que estes se sintam em casa. Passeios, excursões, disputas esportivas e festas são organizadas. Dentro de pouco tempo, os africanos, asiáticos, americanos e europeus constroem uma grande família com seus colegas soviéticos.

dades. Como os livros são muito baratos, eles aproveitam a mesada para comprar obras técnicas inexistentes em seus países e que lhes serão úteis. Kairala, que é mais econômico ainda do que Jarani, já comprou com o dinheiro da bolsa instrumentos técnicos que em seu país custam fortunas.

Esportes e diversões

Mas, nem só de livros vive o estudante, principalmente nas férias. Nas pequenas férias de dezembro, os divertimentos preferidos são esqui e patinar no gelo. Para Consuelo Hernandez, mexicana que estuda planejamento econômico, por exemplo, não há nada melhor do que patinar com seu namorado, o finlandês Jan Sulipan, estudante de agronomia. Na universidade existe um campo de basquetebol que durante o inverno é transformado em rink de patinação. Consuelo pensava que se podia patinar em qualquer lugar e não sabia que era preciso raspar a neve até chegar à terra e depois jogar uma camada de água que logo se congela.

Mas há os que preferem os divertimentos artísticos aos esportes. Quando chegou na URSS, Julius Ariamba, da Nigéria, estudante de medicina, gostava de ballet por causa das danças folclóricas de seu país e de alguns filmes que tinha visto. Em Moscou, Ariamba não perde uma oportunidade de ver os recitais do Bolshoi ou do conjunto de danças populares de Moiseiev. Também o teatro e o cinema tem seus frequentes assíduos, para não falar das reuniões de leitores e das conferências sobre literatura.

Nas grandes férias de julho e agosto, os estudantes estrangeiros reúnem-se em grupos excursionistas e partem sozinhos para conhecer as cidades e o campo na União Soviética e nas democracias populares. O sueco Paar Undquist, por exemplo, quando terminou seu curso de engenharia, já tinha percorrido desde a Sibéria até a República Democrática Alemã, desde a Criméia até a península de Kola.

Mundo pequeno

Ramala Patil e Shadashiv Barwendera, embora tivessem vivido muitos anos na mesma cidade, em Calcutá, na Índia, só se conheceram durante o curso de língua russa que os estudantes estrangeiros frequentam antes de se matricular na universidade. Shadashiv já tinha vindo a Moscou com uma delegação de médicos hindus e serviu de intérprete para sua patrícia, Ramala, que irá estudar eletrônica, não esperou terminar seu curso de russo para se preparar para aulas do Instituto, que começam em setembro. Todos os dias vai para a grande biblioteca da Universidade e se debruça sobre os complicados tratados em francês e inglês de sua especialidade.

Mas Ramala não é uma exceção. Nas salas de aulas, nos clubes, nos laboratórios, nas bibliotecas, por todos os cantos se vêem estudantes sozinhos ou em grupos aproveitando todas as horas e todos os dias de seus cursos. Eles sabem que depois de cinco ou seis anos de estudos, voltarão para seus países como engenheiros, economistas, médicos, agrônomos, advogados, etc. e se preparam com afinco para mostrar que não foi à toa que estudaram na terra dos Soviets.

A URSS é atualmente a maior fábrica de técnicos do mundo. Só durante o plano setenal serão formados dois milhões e quinhentos mil técnicos de nível superior. A qualidade desses técnicos também não fica atrás e pode ser medida pelas conquistas da ciência e da técnica soviética. É por isso que aumenta de ano para ano o número de pessoas que em todo o mundo querem estudar nas universidades soviéticas. Quando o governo da URSS resolveu criar a Universidade da Amizade entre os Povos, imediatamente se apresentaram candidatas a bolsistas de mais de 60 países, inclusive do Brasil, que querem aproveitar as facilidades concedidas para desenvolver seus conhecimentos.

Ferro do Brasil é Uma "Mina" Para os EUA

1ª de uma série de reportagens

Têm sido fartos, nos últimos tempos, os comentários dos jornais e de publicações econômicas sobre a necessidade de incrementar as exportações de minério de ferro brasileiro e de garantir maior participação do nosso minério no mercado mundial. Mas o preço que se pretende pagar, com o apoio do governo, por esse aumento de nossas exportações, é nada menos do que a completa desnacionalização da indústria de mineração de ferro, é a entrega desse ramo de atividade às companhias americanas.

O Brasil exportou no ano passado 4,1 milhões de toneladas de minério de ferro, tendo a Cia. Vale do Rio Doce participado na proporção de 81% dessas exportações; o restante foi fornecido pelo grupo de 29 pequenos mineradores nacionais do Vale do Paraopeba. E foi somente com a atividade do Vale do Rio Doce e dos mineradores do Paraopeba que a exportação brasileira de minério de ferro cresceu de meio milhão de toneladas em 1947 (ano imediatamente anterior ao início das atividades da Cia. Vale do Rio Doce) para a cifra de 4 milhões do ano passado.

Empresas estrangeiras na mineração

A penetração das companhias estrangeiras no setor é recente. O Código de Minas, promulgado por Getúlio Vargas em 1940, proibia taxativamente a participação estrangeira nas atividades de mineração, através do seu Art. 6º: «O direito de pesquisar ou lavar só poderá ser outorgado a brasileiros, pessoas naturais ou jurídicas, constituídas estas de sócios ou acionistas brasileiros.» Dessa forma ficava vedada inclusive a presença de acionistas estrangeiros nas sociedades (pessoas jurídicas) que pretendessem exercer atividade no setor.

Mas a Constituição de 46 abriu um rombo nas disposições nacionais do Código de Minas: as concessões para aproveitamento de recursos minerais seriam dadas exclusivamente a brasileiros ou sociedades organizadas no país» (art. 158); não importava que essas sociedades organizadas no país tivessem 99% de suas ações em poder de estrangeiros.

Por esse rombo as companhias americanas de mineração começaram a penetrar no país, há poucos anos atrás. Organizaram-se a Mi-

neração Hanna do Brasil Ltda.» (capital: Cr\$ 10.000.000,00), a «Mineração Hannaco Ltda.» (capital: Cr\$ 5.000.000,00), a «Pesquisas Minerárias Heyo Ltda.» (capital: Cr\$ 10.000.000,00) — todas elas subsidiárias da «Hanna Mining Company», americana, que possui 99% das ações de cada uma delas. A «Hanna», além disso, comprou aos ingleses a maioria das ações da «St. John d'El Rey Mining Co.», que, sob o controle do novo grupo, pediu ao governo autorização para a exploração de minério de ferro no quadrilátero ferrífero de Minas Gerais, onde está localizada. Com a compra da «St. John d'El Rey» a «Hanna» passou a controlar igualmente a Cia. Nova Limense de Mineração. Como se vê, a Hanna está em intensa atividade para aquisição de minas e a obtenção de concessões do governo, tendo inclusive conseguido mobilizar Roberto Campos e Lucas Lopes para fazer o projeto de uma de suas subsidiárias. Além da «Hanna», também a «Cleveland Cliffs Iron Co.» organizou aqui uma subsidiária sua: «Sociedade Cliffs de Mineração Ltda.», com capital de Cr\$ 8.000.000,00).

Entreguismo oficial

Até o momento, porém, essas companhias americanas ainda não começaram a participar da exportação brasileira de minério de ferro, embora seja o argumento da exportação que esteja servindo de cobertura para sua penetração no ramo. Segundo o próprio estudo do Conselho de Desenvolvimento sobre a exportação de minério de ferro, um dos princípios que deveria condicionar o aumento dessas exportações é o da «conjugação dos capitais internacionais aos da iniciativa pública e privada brasileira» (p. 31).

Um dos principais orientadores da política governamental de exportação de minérios, o engenheiro entreguista Mário da Silva Pinto, conclui seu estudo sobre a questão afirmando que «para se alcançar uma exportação anual de 20/30 milhões de ton. em 1975 de minérios (de ferro) de todos os tipos, será necessário associar o comprador no empreendimento...» (128 do citado volume do Conselho de Desenvolvimento). E «sumidoro» para o dr. Mário da Silva Pinto é sinônimo de americano, pois toda a sua exposição visa mostrar que o único mercado possível para nossas

exportações de minério são os Estados Unidos. Tal é seu empenho em trazer companhias americanas para o Brasil que não reparou que 61% das exportações da Vale do Rio Doce em 1959 dirigiram-se para a Europa, e que em 1958 essa porcentagem foi de 65%.

O ferro e a segurança dos EUA

O governo está endossando, portanto, a tese amplamente difundida pela página econômica de «O Estado de S. Paulo» de que só se garantem mercados para o minério de ferro mediante a entrega de sua exploração às próprias firmas compradoras, de que só se venderá mais minério desnacionalizando a sua indústria no Brasil, entregando, inclusive, a Cia. Vale do Rio Doce aos estrangeiros.

Contudo, isso que se apresenta como um interesse pelo incremento das exportações brasileiras e pelo aumento das nossas disponibilidades de divisas, representa, em verdade, a garantia de reservas a baixo preço para a siderurgia norte-americana. Os Estados Unidos importaram no ano passado quase 40% do total de suas necessidades de minério de ferro; a garantia de jazidas e de suprimentos a longo prazo é considerada problema de segurança nacional. Isto explica a ampla movimentação de capitais americanos em todo o mundo no sentido de obter «minas cativas». Além disso, a compressão dos preços dos minérios é quase sempre obtida por meio das «minas cativas», que permitem ao comprador (e explorador da mina) completo controle sobre os preços.



Fome e dor

A miséria e as condições de vida no Nordeste levam milhares e milhares de habitantes da região ao desespero. A fome e a dor rondam o lar do sertanejo; a morte está sempre presente.

Retrato da Miséria do Nordeste

Nordestes: índices ínfimos

No Nordeste vamos encontrar três grupos de Estados se tomarmos o limite de 5.000,00 cruzeiros para classificarmos, se fosse possível, três diferentes graus da miséria nordestina.

No 1º grupo, com renda per-capita de 8.100,00 e 7.200,00 os Estados de Pernambuco e Sergipe, respectivamente. Num grupo seguinte teríamos as unidades federativas com renda per-capita de mais de 5.000,00 e de menos de 7 mil cruzeiros, nele estando incluído Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte e Bahia.

Por fim, aparecem os Estados com renda por pessoa abaixo de 5.000,00 cruzeiros, sendo que o Piauí com 3.700,00 é o último da federação no índice em tela.

A posição de Alagoas

Já vimos que Alagoas, como um dos Estados Nordestinos, figura

entre os mais pobres do país. A sua renda per-capita — 6.500,00 cruzeiros — equivale a 46% da renda per-capita média do Brasil. Mesmo no Nordeste ela é inferior à de Pernambuco, Sergipe e ao Estado da Bahia.

Industrialização, fator da riqueza

A rápida comparação feita mostra satisfatoriamente que os Estados de maior renda per-capita distinguem-se, dentro da economia do país, pelo nível mais elevado de industrialização que já alcançaram. No Nordeste, é o Estado de maior potencial industrial — Pernambuco — aquele que se apresenta com a renda per-capita de nível mais elevado, mostrando, dessa forma, o caminho para obter uma melhoria da vida econômica da mais atrasada das regiões brasileiras.

Nota Econômica

Começou a Supressão Dos Impostos na URSS

O caso do avião-espião norte-americano abatido por um certo foguete soviético fez com que passassem para segundo plano, no noticiário internacional, importantíssimas medidas econômicas aprovadas na última reunião do Soviet Supremo da URSS. Referimo-nos, antes de tudo, à nova lei de abolição gradual dos impostos pagos pelos trabalhadores soviéticos, que em 1965 estarão para sempre livres dos tributos fiscais.

Uma das características da situação econômica nos países capitalistas consiste em que os tributos pagos pela população constituem cerca de três quartas partes, às vezes mais, de suas receitas orçamentárias. Se excluirmos os impostos pagos pelas corporações, encontraremos as seguintes percentagens da receita, no exercício orçamentário de 1958-1959, constituídas pelos impostos pagos pela população, para falar somente dos países capitalistas mais desenvolvidos:

Estados Unidos	70	por	cento
Inglaterra	75	»	»
França	73	»	»
Itália	88	»	»
Alemanha Ocidental	77	»	»

Em oposição a esse quadro, nas receitas orçamentárias da União Soviética e dos países do campo socialista os impostos pagos pela população formam apenas uma pequena porcentagem. Tal fato decorre da natureza do regime socialista, onde os meios de produção são propriedade coletiva (ou propriedade social de grupo, ou propriedade social de todo o povo). Em consequência, a maior parte — na URSS os nove décimos — da receita orçamentária provém das receitas da economia socialista. Em 1960, a receita originária da economia socialista — pelas empresas industriais, agrícolas e comerciais — elevou-se a 703 bilhões de rublos, ou 90,9 por cento da receita orçamentária. A parte constituída pelos impostos pagos pela população será este ano de apenas 74 bilhões de rublos, isto é, 9,1 por cento do total da receita.

A tendência observada na economia soviética é no sentido da diminuição desta última parte da receita. Desde o

fim da última guerra, os impostos pagos pela população já foram reduzidos de 13 bilhões de rublos por ano. Assim, a abolição dos impostos pagos pelos operários e empregados (e, também, em iguais condições, pelos militares, estudantes, advogados e artesãos cooperados) acompanha uma tendência da economia soviética e terá como resultado imediato o aumento das receitas diretas dos cidadãos soviéticos. (Atualmente, os depósitos da população na Caixa Econômica da URSS ascendem a 105 bilhões de rublos e o número de depositantes alcança o número espetacular de 50 milhões, isto é, um para cada quatro cidadãos soviéticos de todas as idades!).

Nos termos da lei aprovada pelo Soviet Supremo da URSS, a supressão dos impostos obedecerá ao seguinte escalonamento, referida aos operários e empregados (e também aos cidadãos das categorias antes mencionadas) que em seu lugar fundamental de trabalho percebam um salário de: — até 500 rublos mensais, deixarão de pagar impostos a partir de 1º de outubro de 1960; — até 600 rublos mensais, deixarão de pagar impostos a partir de 1º de outubro de 1961; — até 700 rublos mensais, deixarão de pagar impostos a partir de 1º de outubro de 1962.

O decreto prevê, ainda, uma redução de 40 por cento nos impostos que continuarem sendo pagos após as datas acima mencionadas, em escala gradual, de tal modo que em 1965 quem quer que perceba até dois mil rublos mensais não mais pagará impostos. E os que perceberem mais de dois mil rublos terão seus salários reduzidos da mesma quantia que agora pagam de imposto, isto é, continuarão ganhando a mesma coisa.

No seu informe ao Soviet Supremo da URSS, o presidente do Conselho de Ministros, Krushchov, qualificou a supressão dos impostos de realização de um velho sonho dos trabalhadores, impossível sob o capitalismo.

Em verdade, é difícil avaliar a enorme extensão da medida e o quanto contribuirá para aumentar a força de atração das ideias socialistas.

Dicionário

SUMOC (II)

Entre os órgãos responsáveis pela elaboração da política econômico-financeira do país, ocupa lugar de grande importância (talvez, mesmo o lugar mais importante, se se tem em conta apenas a formulação dessa política) a Superintendência da Moeda e do Crédito (SUMOC). Diretamente subordinada ao Ministério da Fazenda, a SUMOC foi criada no fim do Estado Novo, precisamente a 2 de fevereiro de 1945, com o objetivo incluído de exercer o controle do mercado monetário e preparar a organização do Banco Central.

Quinze anos já lá se vão desde que surgiu a SUMOC, como órgão de existência provisória (até a organização do Banco Central), mas hoje serão poucos, certamente, os que se lembram da origem desse órgão poderoso. Eis aqui, algumas das outras atribuições da SUMOC: delimitação das taxas de juros; orientação da fiscalização dos bancos; fixação dos limites mínimos de capital para as diversas categorias e áreas de operações de estabelecimentos bancários; orientação da política de câmbio e operações bancárias em geral; fixação, com a observância da Lei de Tarifas, dos padrões executivos do intercâmbio comercial com o exterior e das operações de câmbio, tais como as taxas cambiais do mercado oficial, as bonificações para as exportações e as sobre-taxas para as operações cambiais, bem como as normas gerais referidas no citado decreto; estabelecimento dos critérios seletivos dos investimentos essenciais ao desenvolvimento econômico do país ou à segurança nacional; autorização do registro — para efeito de amortização a taxa cambial mais favorável — de empréstimos em moeda estrangeira, amparando importações relativas a esses investimentos ou àqueles de interesse para a economia nacional e fiscalizar sua aplicação; estabelecimento de normas para o licenciamento das importações sem cobertura cambial, que correspondam a investimento de capital estrangeiro no país, sob a forma de capital de participação representado por máquinas e equipamentos e organizar o seu registro para fins estatísticos; representação do Brasil junto ao Fundo Monetário Internacional, Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento, etc., exercendo a função de depositária dos haveres em Cruzeiros desses órgãos. Além dessas, a SUMOC possui muitas outras funções importantes.

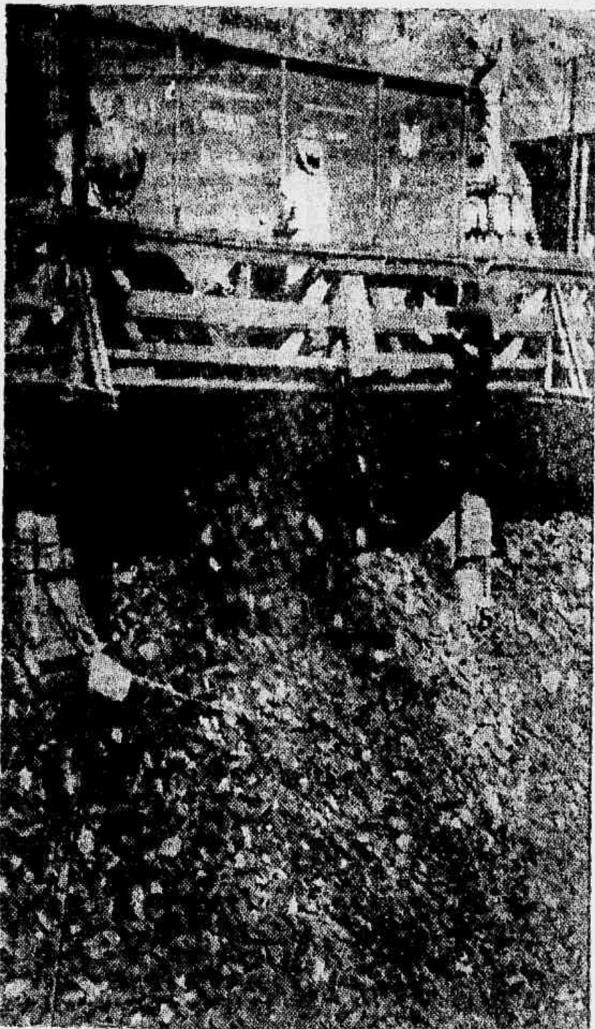
A SUMOC compõe-se de um Conselho e de uma estrutura administrativa. Do Conselho, além do diretor executivo da própria SUMOC, também fazem parte o ministro da Fazenda (presidente do Conselho), o presidente do Banco do Brasil (vice-presidente), o presidente do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e os diretores das Carteiras de Câmbio, de Comércio Exterior e de Redescobertas do Banco do Brasil. No Conselho têm assento ainda os diretores das Carteiras de Crédito Agrícola e Industrial e de Crédito Geral do Banco do Brasil. Quanto à estrutura administrativa, o órgão mais importante ali existente é o Departamento Econômico e neste estão situadas as importantes Divisões de Investimentos e Financiamentos, Estrangeiros, de Balanço de Pagamentos, de Assuntos Internacionais e de Estudos Monetários e Financeiros.

O livro de Astrojildo Pereira

«MACHADO D' ASSIS»

Encontra-se à venda na FEIRA DE LIVROS

com 20% de desconto Barracas da Livraria São José e da Editorial Vitória



ameaçada Riqueza

Ataques dos trustes norte-americanos põem em perigo a indústria de mineração do ferro no Brasil. O argumento da «intensificação da exportação» é a capa para mascarar o golpe

Tribuna de Debate

MÁRIO ALVES (E. da Guanabara)

As Bases Falsas de Uma Linha Falsa

O camarada Maurício Graboís, em seu artigo «Duas concepções, duas orientações políticas», põe de lado as «Teses para Discussão» e concentra o fogo de seu ataque contra a Declaração de março de 1958. Em sua opinião esse documento encerra uma linha oportunista de direita.

A indignação de Graboís é perfeitamente compreensível. Quem quer que pretenda o retorno a uma orientação ecletária — e este é precisamente o seu caso — não pode deixar de opor-se às idéias fundamentais da Declaração. A esse documento cabe o mérito incontestável de haver rompido decididamente com as concepções dogmáticas e a política «esquerdistas» do passado. Com ele iniciou-se o processo de elaboração de uma linha que reflete mais acertadamente a aplicação dos princípios marxistas-leninistas à realidade de nosso país. A prática destes dois anos de atividade vem confirmando aspectos essenciais da Declaração: a análise da estrutura econômica, o caráter do Estado, do regime político e do governo, as perspectivas da situação internacional, a contradição principal da sociedade brasileira, o caráter da frente única, as possibilidades de atuação legal e de um caminho pacífico da revolução.

Entretanto, não consideramos aquele documento isento de erros, falhas e imperfeições. Em sua introdução, afirmava a direção partidária que, no processo de sua aplicação, a política não traçada deveria ser «submetida à comprovação e enriquecida pela experiência do Partido e do povo brasileiro». Seria a negação do próprio marxismo tomar a Declaração como um dogma imutável, uma escritura sagrada que encerrasse a verdade absoluta dada de uma vez para sempre. Transcorridos dois anos, podemos afirmar que a Declaração representa um momento importante no processo de conhecimento da realidade brasileira. Para os marxistas, porém, o processo de conhecimento não se detém num momento determinado. Aprofunda-se com a compreensão de novos aspectos antes não percebidos. Amplia-se ao refletir a realidade sempre cambiante. Retifica-se ao superar as conclusões não confirmadas pela prática.

Eis porque as «Teses para Discussão» não se limitam a «reafirmar» a Declaração — como conclui, superficialmente, o camarada Graboís — mas, tomando como ponto-de-partida o documento de março de 1958, o desenvolvem em muitos aspectos e o corrigem em vários outros. Aqui, precisamente, se revela a essência da posição negativa de Maurício Graboís. O que ele deseja não é corrigir os erros e deficiências da linha política, como se procura fazer através da discussão das Teses. Seu objetivo é substituir a linha política atual por uma orientação fundamentalmente semelhante à linha setorial do passado. As Teses superam a Declaração buscando levar o Partido para frente, desenvolvendo-a e corrigindo-a à luz da experiência. Graboís renega a Declaração a fim de puxar o Partido para trás, de volta ao sectarismo.

Ninguém contesta ao companheiro Graboís o direito de considerar a Declaração uma «linha oportunista de direita», depois de tê-la aprovada com o seu voto. Não podemos deixar de protestar, no entanto, contra o método empregado por Graboís em sua crítica negativista. Ele cria uma imagem deformada daquele documento para justificar seus ataques. Deturpa intencionalmente o texto da Declaração para apresentá-la aos leitores desprovidos do seu artigo como uma linha direitaista. Toda a orientação política proposta pelo camarada Graboís em seus três longos artigos baseia-se nessa falsificação. Não temos outro caminho, portanto, senão o de restabelecer a verdade, confrontando o texto da Declaração com a imagem deformada desse documento, contida no primeiro artigo de Maurício Graboís (Duas Concepções, duas orientações políticas — item 6 — «A linha oportunista da Declaração» — NOVOS RUMOS de 22.28-4.60).

Graboís pratica sua primeira deturpação ao afirmar que a Declaração «exagera a importância do desenvolvimento do capitalismo» e «embeleza o capitalismo». Quem compulsar o primeiro capítulo do documento de março de 1958 há de ver que, após uma análise objetiva dos aspectos progressistas do desenvolvimento capitalista, ali se constata: «O desenvolvimento capitalista, entretanto, não conseguiu eliminar os fatores negativos que determinam as características do Brasil como país subdesenvolvido. Ao tempo em que se incrementam as forças produtivas e progredem as novas relações de produção capitalistas, conservam-se em vastas áreas as relações atrasadas e permanece a dependência diante do imperialismo, particularmente o norte-americano». Essa conclusão crítica seria desenvolvida posteriormente, no informe de Janeiro de 1959 e nas «Teses para Discussão», onde se analisa em maior profundidade as deformações do atual processo de desenvolvimento capitalista.

Cometida a primeira escamoteação, o companheiro Graboís julga-se cheio de razões para prosseguir afirmando: «O exagero na apreciação do papel do desenvolvimento capitalista no processo revolucionário leva a Declaração a idealizar a burguesia, que é tratada como se fosse força consequente, capaz de defender até o fim os interesses nacionais». Aquel a falsificação se torna ainda mais gritante, porque a Declaração frisa expressamente no seu capítulo quinto, ao tratar das contradições internas da frente única: «A burguesia se empenha em recolher para si todos os frutos do desenvolvimento econômico do país, intensificando a exploração das massas trabalhadoras e lançando sobre elas o peso das dificuldades. Por isto, a burguesia é uma força revolucionária inconsequente, que vacila em certos momentos, tendo seus compromissos com os setores entreguistas e teme a ação independente das massas» (O grifo é meu — M. A.).

Graboís lança-se, logo após, à tarefa de forjar uma «contradição» no texto da Declaração. Afirma que aquele documento, «depois de proclamar, em palavras, que a revolução brasileira na presente etapa é ant imperialista e antifundamentalista... «faz nova caracterização da revolução». «Esta passa a ser somente nacional — prossegue Graboís — e deve enfrentar unicamente as tarefas anti imperialistas. Os objetivos de caráter democrático ficaram inteiramente subordinados à contra-

dão anti imperialista, que é considerada principal em toda a atual etapa histórica da sociedade brasileira. Assim, as tarefas democráticas são separadas mecanicamente dos objetivos nacionais e transferidas para outra etapa da revolução».

Confrontemos o texto da Declaração com a interpretação capciosa do camarada Graboís. O que se afirma no capítulo quinto daquele documento é que «a sociedade brasileira está submetida, na etapa atual de sua história, a duas contradições fundamentais». Após enumerar estas duas contradições — a primeira, entre a nação e o imperialismo norte-americano e seus agentes internos, a segunda entre as forças produtivas em desenvolvimento e as relações de produção semifeudais na agricultura — afirma a Declaração: «O desenvolvimento econômico e social do Brasil torna necessária a solução destas duas contradições fundamentais» (o grifo é meu — M. A.). Qualquer leitor inteligente há de concluir que a atual etapa da revolução exige sejam solucionadas as duas contradições, e não apenas o problema nacional. Mas a questão fica ainda mais clara adiante, quando a Declaração se refere à contradição entre o proletariado e a burguesia e à distinta das anteriores, indicando que «esta contradição não exige uma solução radical na etapa atual». A etapa atual da revolução é definida nitidamente como «ant imperialista e antifundamentalista, nacional e democrática», e o documento desenvolve essa tese acrescentando que «a solução completa dos problemas que ela apresenta deve levar à inteira libertação econômica e política da dependência para com o imperialismo norte-americano; à transformação radical da estrutura

agrária, com a liquidação do monopólio da terra e das relações pré-capitalistas de trabalho; ao desenvolvimento independente e progressista da economia nacional e à democratização radical da vida política» (O grifo é meu — M. A.). Onde está a «separação mecânica» entre as tarefas democráticas e os objetivos nacionais? Onde, quando, se transfere as tarefas democráticas «para outra etapa da revolução»?

Dirá o camarada Graboís que isto ocorre quando a Declaração destaca, dentre as duas contradições, a contradição principal entre a nação e o imperialismo norte-americano. O argumento básico de Graboís consiste em declarar que esta contradição é considerada principal em toda a atual etapa histórica da sociedade brasileira». Nada mais falso, porém. Ninguém encontrará tal profecia no texto da Declaração. O que ali se diz apenas é que «na situação atual do Brasil» (e não em toda a etapa anti imperialista e democrática da revolução), a contradição que se aprofunda particularmente é a que opõe a nação ao imperialismo norte-americano e seus agentes. «Nestas condições», isto é, nas presentes condições, esta contradição tornou-se a contradição principal.

A seguir, o camarada Graboís esforça-se por demonstrar que o esquema de disposição das forças revolucionárias contido na Declaração «corresponde a uma revolução exclusivamente nacional» e que «a solução da questão agrária deixa de ser uma das tarefas da revolução». Seu libelo acusatório baseia-se, principalmente, na inclusão de setores de latifundiários entre as forças que

podem opor-se ao imperialismo norte-americano. A verdade, no entanto, é que a Declaração, como um documento destinado essencialmente ao esclarecimento da tática dos comunistas, expõe no capítulo quinto o esquema de forças que se opõem «ao inimigo principal da nação brasileira», isto é, ao imperialismo norte-americano. Ao contrário dos «esquerdistas» empedernidos, que se preocupam apenas em saber como será composta a frente única no futuro, no momento da conquista do poder, menosprezando as possibilidades existentes para a ampliação da frente única no momento atual, a Declaração concentra sua análise no processo real de formação da frente única, como ele se apresenta atualmente. Consta que podem participar do movimento nacionalista os setores de latifundiários que possuem contradições com o imperi... norte-americano», acrescentando, porém, que «a sua consequência não pode ser evidentemente a mesma». A Declaração merece crítica pelo fato de não haver abordado suficientemente o problema das contradições na frente única e não ter tratado com a necessária clareza a questão agrária. As Teses para Discussão corrigem esta falha. Seria leviano, contudo, afirmar que no documento de 1958 «a questão agrária deixa de ser uma das tarefas da revolução».

Maurício Graboís indaga como é possível «harmonizar» numa mesma frente os interesses dos latifundiários, mesmo que tenham contradições com o imperialismo norte-americano, com as aspirações dos camponeses interessados em liquidar a estrutura agrária retrógrada. E conclui que «será difícil, ou mesmo impossível,

trazer as grandes massas camponesas para a frente única em que participem latifundiários». Ninguém afirma, porém, que na frente anti imperialista se trate de «harmonizar» interesses de classe antagonísticos. Movidos por certas contradições com o opressor estrangeiro, alguns setores de latifundiários podem participar do movimento nacionalista, coincidindo neste ponto com as massas camponesas, sem que haja harmonia no que se refere ao problema da terra, aos antagonismos de classe. Além disso, se é «difícil, ou mesmo impossível» trazer os camponeses para uma frente única em que participem latifundiários — como afirma Graboís — será igualmente «difícil, ou mesmo impossível» trazer os operários para uma frente única em que participe a burguesia, já que os seus interesses são também antagonísticos. Aplicado consequentemente, o raciocínio do camarada Graboís conduz à impossibilidade de qualquer política de frente única. Se classes que possuem interesses contraditórios não podem coincidir na luta contra um inimigo comum — como é possível falar de frente única? Ou será que o camarada Graboís fala de «frente única» por falar, mas tem no subconsciente a política de «classe contra classe»?

Graboís desprende da Declaração «que tem mais valor para a formação da frente única a aliança com a burguesia... do que os camponeses e a pequena burguesia urbana, colocados em plano muito secundário». Dai conclui que aquela declaração «estabelece de fato uma linha de renúncia à direção do movimento revolucionário por parte do pro-

letariado». Todavia, a Declaração afirma taxativamente no capítulo quinto que a conquista da hegemonia do proletariado é «um processo de luta árdua e paulatino, que avançará à medida em que a classe operária forjar a sua unidade, estabelecer laços de aliança com os camponeses e defender de modo acertado os interesses comuns de todas as forças que participam da frente única» (O grifo é meu — M. A.). Quando trata das condições para a hegemonia do proletariado, a Declaração deixa claro, portanto, que o principal aliado da classe operária são as massas camponesas. A reivindicação revolucionária dos camponeses da atual etapa da revolução — a liquidação do monopólio da terra e das relações pré-capitalistas de trabalho — acha-se exposta no capítulo quinto do documento. As reivindicações imediatas, e os caminhos para o trabalho no campo encontram-se no capítulo quinto. É certo que ali se revela um erro da Declaração: não expõe claramente o caminho para a reforma agrária radical, a partir das medidas imediatas contidas no ponto 3 da «plataforma de frente única». Mas este erro não altera o conteúdo essencial da linha da Declaração. Nem justifica a conclusão falsa de Graboís sobre um suposto abandono das reivindicações camponesas. Aliás, as Teses corrigem esta falha da Declaração.

Chegando ao problema do poder, Maurício Graboís acusa a Declaração de «abdicar por completo da luta por um governo democrático e anti imperialista» e de limitar-se a «reivindicar modificações parciais na política e na composição de sucessivos governos, nos marcos do regime vigente». A fim de induzir os leitores incautos a essa conclusão, Graboís utiliza o seguinte artifício: refere-se apenas ao caminho para um governo nacionalista e democrático (capítulo quinto), supondo que os leitores não o relacionarão aos objetivos estratégicos da revolução na etapa atual, expostos no capítulo quarto. Quem examinar, porém, o texto da Declaração, há de se dar conta de mais esta falsificação do camarada Graboís. Aquel documento considera possível e necessário um governo nacionalista e democrático, ainda dentro dos quadros do regime atual, e admite que uma «orientação patriótica e progressista pode vir a ser realizada «por um ou por sucessivos governos que se apoiem na frente única nacionalista e democrática». Entretanto, afirma a seguir que «um governo de coligação nacionalista e democrática abrirá caminho para uma nova correlação de forças, que possibilite completar as transformações revolucionárias exigidas pelo desenvolvimento econômico e social de nossa Pátria» (capítulo quinto). A Declaração se preocupa, neste trecho, em definir o caminho para um novo poder, para um poder revolucionário, cujo conteúdo social já havia exposto anteriormente, ao referir-se às tarefas da presente etapa da revolução: «Estas transformações removerão as causas profundas do atraso de nosso povo e criarão, com um poder das forças anti imperialistas e antifundamentais sob a direção do proletariado, as condições para a transição ao socialismo, objetivo não imediato, mas final, da classe operária brasileira» (capítulo quarto). (O grifo é meu — M. A.)

Finalmente, o camarada Graboís deturpa flagrantemente a tese contida na Declaração sobre a possibilidade do caminho pacífico da revolução brasileira. Segundo Graboís, a Declaração «traça um caminho róseo, sem choques sociais e choques violentos». Segundo a Declaração, o caminho pacífico, «sendo de luta árdua, de contradições e de choques, pode evitar o derramamento de sangue na insurreição armada ou na guerra civil». (O grifo é meu — M. A.) Segundo Graboís, a Declaração «leva ao absoluto a possibilidade do caminho pacífico». Segundo a Declaração, «no caso em que os inimigos do povo brasileiro venham a empregar a violência contra as forças progressistas da nação é indispensável ter em vista outra possibilidade — a de uma solução não pacífica». (O grifo é meu — M. A.)

A «linha» do camarada Maurício Graboís — à qual se associam os companheiros Calil Chade, Pedro Pomar e Carlos Danielli — baseia-se, portanto na falsificação e no engodo. Não pode ser sólida nem inspirar confiança uma construção que se apóia em alicerces tão falsos.

COMUNICADO

Os responsáveis pela TRIBUNA DE DEBATE comunicam a todos os interessados que foram estabelecidas as seguintes normas sobre a publicação dos artigos e cartas:

- a) A fim de possibilitar a participação do maior número de companheiro: no debate, cada participante terá direito a um máximo de 10 laudas dactilografadas (30 linhas por lauda) em cada edição de TRIBUNA DE DEBATE. Os artigos que excederem a este limite serão divididos e publicados em série.
- b) Os artigos e cartas serão publicados por ordem de recebimento na redação de NOVOS RUMOS. Em cada edição da TRIBUNA DE DEBATE figurará uma relação dos artigos recebidos, segundo a ordem em que serão publicados.

ORLY ANDREZZO (S. Paulo)

Os Comunistas e o Desenvolvimentismo

O desenvolvimento econômico do Brasil é, hoje, uma evidência. São no reconhecimento dos fatos que não queremos ver ou aqueles que ainda se encontram apegados às teses da «estagnação da economia brasileira». A falta de estudo da realidade conduziu os comunistas brasileiros à negação de importantes modificações na estrutura econômica de nossa Pátria, o que os impossibilitava de acompanhar o consequente desenvolvimento político, não se integrando e contribuindo para sua justa direção, compatível com os interesses da revolução brasileira e com os objetivos mais longínquos do proletariado.

O desenvolvimento econômico do Brasil é a pedra de toque para os debates que se processam em nossas fileiras. Negão ou combatido é se lutar no terreno político. Não conhecer seu conteúdo e o sentido que segue é marchar às cegas, tomando mais penoso e prolongado um processo que inevitavelmente o proletariado é forçado a percorrer, que por ele não pode pular.

O desenvolvimento econômico do Brasil é, em sua essência, capitalista. Os dados estatísticos são gritantes quanto ao crescimento da indústria de meios de produção e de artigos de consumo comum, ao crescimento do proletariado industrial e agrícola, ao aumento da utilização de maquinaria na agricultura, à ampliação do mercado interno.

Para definirmos nossa posição é necessário que sejam destacadas algumas particularidades do desenvolvimento econômico brasileiro, analisadas alguns aspectos da política dele decorrente e para ele orientada. Esta é minha intenção, neste curto artigo, como contribuição à presente discussão. Vejamos então:

1 — Qual o papel desempenhado pelo Governo de Juscelino Kubitschek em relação ao desenvolvimento econômico? Parece-me que a função do atual Governo tem sido a de acelerador do desenvolvimento. Pela primeira vez um Governo Federal planifica alguns aspectos importantes de nossa economia. Não é outro o sentido das chamadas «metas». O Governo atual dirige os investimentos e financiamentos, estrangeiros e nacionais, privados e estatais e combina-os em benefício do desenvolvimento capitalista. Ali estão as estradas que percorrem o país de norte a sul, de leste a oeste, atravessando sertões e florestas virgens, consolidando a unidade econômica e política da nação. A importância da construção de Brasília líquida a míopia dos políticos mais conservadores. Brasília constitui um salto no desenvolvimento econômico. Num país de vasta extensão territorial, em que as cidades de grande densidade demográfica se concentram há séculos, ao longo da costa, construir Brasília é contribuir para deslocar forças produtivas para o este despovoado, é incorporar à economia vastas áreas de terras virgens, é atrair a migração, é desenvolver o capitalismo em extensão, é ampliar o mercado interno.

O surgimento e crescimento da indústria automobilística, a construção de grandes usinas de energia hidrelétrica, a ampliação da Petrobrás, a construção de estaleiros e tantas outras metas em processo de realização, mostram a preocupação do atual Governo pelo desenvolvimento. Em vez de condicionar a economia ao café com o confisco cambial o Governo subordina o café ao desenvolvimento industrial.

2 — O desenvolvimento econômico brasileiro se processa intimamente vinculado aos capitais estrangeiros, prin-

cipalmente ao norte-americano. Não podemos ver o desenvolvimento capitalista do Brasil, como país subdesenvolvido em desenvolvimento, isolado do sistema econômico imperialista, ainda predominante no mundo e em torno do qual nossa economia gira. Capitais estrangeiros e nacionais constituem hoje, no Brasil, em seu processo de desenvolvimento, uma unidade dialética.

A medida que aumenta o desenvolvimento, aumenta também a penetração de capitais estrangeiros, principalmente norte-americanos. Os capitais estrangeiros participam do desenvolvimento. As empresas mistas de capitais estrangeiros e nacionais se multiplicam.

3 — Há uma tese do movimento comunista mundial, comprovada pela economia dos países coloniais e dependentes e aceita, durante muitos anos, pelos comunistas brasileiros. Referindo-se à países da América Latina, com certo desenvolvimento capitalista (e não se inclui o Brasil), afirma-se que a inversão de capitais estrangeiros faz progredir somente a indústria mineira e alguns ramos da indústria ligeira. Acrescenta-se ainda que estas inversões impedem o incremento das forças produtivas, tornando o caráter da economia extraordinariamente unilateral. Esta tese é justa nos primórdios do desenvolvimento capitalista nestes países. Ela gradativamente está sendo superada no Brasil. O desenvolvimento capitalista, hoje, no Brasil, se processa não de forma unilateral, mas em extensão e profundidade, com a participação de capitais estrangeiros, principalmente em ramos fundamentais de nossa economia.

Entretanto a predominância de capitais norte-americanos investidos no Brasil, agora, cada vez mais, a luta inter imperialista em nossa Pátria. Capitais alemães, japoneses, italianos, ingleses e outros, disputam com os lanques sua participação no desenvolvimento econômico brasileiro. O Brasil possibilita aos capitais estrangeiros matérias-primas e mão-de-obra baratas, mercados e privilégios. Hoje, a cada grupo financeiro surge o perigo de, não participando do desenvolvimento capitalista do Brasil, permitir a participação de outros grupos.

4 — Capitais estrangeiros e nacionais constituem uma unidade dialética que conserva, entretanto, em seu bojo, uma profunda contradição, antagonica. Os capitais estrangeiros participam do desenvolvimento, mas levam a parte do lucro. Drenam para o exterior, cada vez, maiores riquezas criadas pelo povo brasileiro. Mesmo reinvertendo capitais formados no Brasil, os trustes estrangeiros, principalmente os norte-americanos, dificultam a acumulação capitalista dos empresários nacionais e se apassam de setores-chaves de nossa economia, influem na política nacional, interna e externa. Determinam a posição vacilante e capitulacionista da burguesia brasileira. Este o aspecto negativo, antinacional do desenvolvimento, que dispõe, objetivamente, em primeiro plano, o problema nacionalista.

Os aspectos positivos do desenvolvimento capitalista brasileiro, se destacam cada vez mais. Toda uma série de medidas e realizações governamentais, que fazem parte do capitalismo de Estado são resultado das lutas nacionalistas de nosso povo, que se opõem à dominação dos capitais estrangeiros, principalmente norte-americanos — o setor estatal da economia brasileira, que impede ou diminui a exploração estrangeira nestes setores. O desenvolvimento da burguesia brasileira e do proletariado, forças novas no panorama po-

lítico nacional, que lutam contra a dependência de nossa economia em desenvolvimento aos trustes estrangeiros, e que tem conseguido êxitos relativamente importantes. Esta luta coloca na ordem do dia a necessidade da manutenção e ampliação das liberdades democráticas, contidas na Constituição Brasileira.

5 — A burguesia brasileira, cujo crescimento e fortalecimento acompanha o desenvolvimento capitalista, adota uma política simplesmente defensiva em relação à penetração dos capitais estrangeiros, expressa nas posições do setor nacionalista do Governo. Devisa: Presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, em 1958, tornava claro, frente ao Presidente da República, que eram necessários os investimentos estrangeiros, mas com a condição de serem canalizados para os setores fundamentais, que possibilitassem o desenvolvimento industrial e não concorressem com os capitais nacionais. No Congresso dos industriais do interior de São Paulo, DeVista exigia, ainda, igualdade de condições com os capitais estrangeiros, na importação de maquinaria necessária à renovação do capital fixo. E é o maior ariado do desenvolvimento econômico, o Sr. Juscelino Kubitschek, quem afirma, em seu discurso de 1º de janeiro de 1960, que os movimentos grevistas e de protestos contra a carestia devem ser reprimidos porque afugentam os capitais estrangeiros.

Ainda há poucos dias em relatório de sua Diretoria, as Indústrias Matarazzo, uma das potências capitalistas nacionais, mostravam os progressos alcançados em 1959 e afirmavam que para ter êxitos podemos contar com razoáveis auxílios externos, mas antes de mais nada temos de contar conosco; no final do relatório, entretanto, salientavam o aumento considerável da capacidade produtiva da «Milprint do Brasil», o início de produção da «Geon do Brasil», com as quais se encontram associadas, e já tornavam público que neste exercício iniciaram suas atividades as «Clorquim» e a «Visking», resultantes de sua associação com grandes trustes estrangeiros.

E' nestas posições que a burguesia põe às claras seu caráter duplo. A dependência do desenvolvimento capitalista brasileiro aos capitais estrangeiros determina fundamentalmente suas posições vacilantes, capitulacionistas, inconsequentes, como decorrência daquilo que as inversões estrangeiras contribuem para o desenvolvimento econômico geral. Mas, ao mesmo tempo, se contrapõe ao imperialismo, como consequência daquilo que prejudica seus próprios interesses. Dai seus avanços e recuos, sua fraqueza como classe. Pensar de forma diferente nos levará inevitavelmente a alimentar ilusões na burguesia brasileira.

6 — A tese do «desenvolvimentismo», levada aos 4 cantos do país pelos mais modernos meios de propaganda, começa, inclusive, a penetrar na consciência das massas. É o desenvolvimentismo a qualquer preço, teoria conciliadora, que objetiva amortecer a luta anti imperialista, em seus aspectos fundamentais. A O.P.A. é a extensão da tese do desenvolvimentismo aos marcos da América Latina. A teoria «desenvolvimentista» começa também a penetrar em nossas fileiras.

7 — A medida que o capitalismo avança, que substitui relações de produção atrasadas no campo, por novas relações de produção capitalistas, conserva-se e concentra-se a grande propriedade da terra. Mesmo o próprio desenvolvimento capitalista em extensão,

que deveria decorrer das novas estruturas construídas, de cidades novas surgidas, etc., ampliando as «posses», começa a se dar no sentido da grande propriedade territorial, através da entrega de terras virgens pelo Estado a grandes proprietários e grileiros. O capitalismo avança na agricultura brasileira pelo caminho prussiano.

8 — Combater o desenvolvimento seria uma posição reacionária do proletariado. O que se apresenta à sua frente não é mais o problema «desenvolvimentismo», mas a «dependência ou independência» do desenvolvimento. A luta neste momento não é para que surja um outro desenvolvimento, novo, com um regime ideal, iniciado por um governo ideal, etc., etc. Cabe às forças políticas em frente única, e principalmente ao proletariado, lutar para que ESTE desenvolvimento se torne independente.

As vacilações, inconseqüências e capitulações da burguesia brasileira na luta contra o imperialismo norte-americano, cuja influência predomina na economia e na política brasileira, serão tanto menores quanto mais o proletariado se unir, se aliar às massas camponesas e tomar posições consequentes na frente única. O proletariado necessita de uma posição ofensiva, no terreno anti imperialista. Se o proletariado levantar reivindicações avançadas, como algumas do programa anterior, dum regime de transição para o socialismo, se isolará das outras forças políticas. Mas se a cada vacilação, a cada capitulação da burguesia o proletariado também vacilar, capitular, então não se diferenciara das outras forças políticas. Contribuirá, portanto, para atrasar o avanço das forças nacionalistas e democráticas.

A luta pela ampliação do setor nacionalista do Governo Federal ou por um Governo totalmente nacionalista, que adote uma política ofensiva em relação ao imperialismo, que tome medidas capazes de libertar o desenvolvimento econômico brasileiro da dependência ao imperialismo, o que por sua vez acelerará o próprio desenvolvimento do país, é uma bandeira que o proletariado deve empunhar consequentemente e para ela ganhar as outras forças da frente única.

Não resta dúvida que devemos defender a Petrobrás das tentativas de assalto de Rockefeller. Mas é necessário que o proletariado levante junto às outras forças da frente única a bandeira da «Eletróbrás», dando desta forma, um passo à frente na luta anti imperialista. Outro exemplo é levantar a bandeira do financiamento de Governo para Governo, seja qual for, combatendo desta forma as inversões estrangeiras que nos subordinam à economia norte-americana.

Quando ao problema agrário. A palavra de ordem de reforma agrária ganha cada vez mais novos setores. E' moda, inclusive, se falar de reforma agrária no Brasil. Até o conservador e aristocrático Carvalho Pinto elabora um projeto de reforma agrária e o submete à apreciação da O.N.U. Cabe ao proletariado, apoiado nas massas camponesas, definir que tipo de reforma agrária é necessária ao Brasil, será capaz de mobilizar as massas camponesas na revolução democrática e anti imperialista — se o caminho prussiano, lento e penoso ou o caminho prangeiro, de liquidação da grande propriedade territorial privada ou estatal, parcelando-a e distribuindo-a aos camponeses sem terra.

Eram estas algumas considerações que tinha a fazer como contribuição aos debates, já tão acalorados, que se realizam entre nós.

Tribuna de Debate

MARIO BASTOS (Sta. Catarina)

Elevação do Nível Teórico, Tarefa Primeira e Inadiável

As «Teses para Discussão» — itens 46 a 72 — encerram uma análise crítica e minuciosa de nossa atividade partidária a partir de 1945. São caracterizadas como justas as principais tendências errôneas e prejudiciais dominantes em diferentes fases do período analisado. As «Teses», não obstante, ressentem-se de uma grave falha. Não basta para a compreensão dos graves e sucessivos erros praticados em nossa trajetória política, catalogá-los simplesmente como manifestações de determinadas tendências dogmáticas, sectárias, revisionistas, ou seja de «esquerda» ou de direita.

É necessário antes de tudo que se assinalem as causas fundamentais, as razões por que tais tendências se manifestaram com tanta frequência e ainda hoje constituem sérios entraves ao crescimento e fortalecimento do P. Para que um P.C. possa desempenhar o papel que a História lhe confiou é indispensável, entre outras condições: 1 — Que seus membros — e antes de tudo seus quadros dirigentes — dominem as leis do desenvolvimento da sociedade, ou seja a ciência marxista-leninista; 2 — Que conheçam profundamente a realidade social do país onde atuam. O P.C.B., por dispositivo estatutário, se reger pelo marxismo-leninismo. Acontece, porém, que a grande maioria dos comunistas brasileiros, inclusive muitos de seus membros dirigentes, não conhece sequer os mais elementares princípios do marxismo-leninismo. São poucos os companheiros que revelam razoável conhecimento teórico. Falta, portanto, ao P.C.B., inclusive a muitos de seus quadros dirigentes, aquela arma teórica de interpretação dos fenômenos sociais, condição indispensável ao êxito da Revolução. E falta igualmente um conhecimento mais seguro, aprofundado, das condições específicas da realidade brasileira. É esta precisamente, no baixo nível teórico de todo o Partido, a causa fundamental dos graves e sucessivos erros de nossa atividade revolucionária. É o atraso, a ignorância, o fator preponderante de nosso insucesso político. Uma análise de nossa atividade partidária não poderia deixar de ressaltar com ênfase toda especial, o baixo nível teórico do Partido, o atraso, a ignorância, remanescentes em nossas fileiras, apontando claramente este atraso como fator preponderante de nossos erros, da fraqueza do Partido.

Há, incontestavelmente, em todos os escalões do Partido, inclusive no Comitê Central, uma subestimação total diante do problema teórico. Ainda recentemente um membro do C. Central afirmava a desnecessidade do estudo marxista, argumentando com seu exemplo pessoal: «Eu não preciso conhecer as obras marxistas para chegar ao Comitê Central!». É por isso mesmo, por ser tão baixo o nível teórico do P. ao ponto de figurar entre seus dirigentes mais responsáveis companheiros de tão estreita mentalidade, que o P.C. se encontra na atual situação.

Isto explica por que o P.C. não obstante os êxitos importantes que ninguém pode negar, está ainda bastante atrasado em relação ao processo objetivo do desenvolvimento nacional. É preciso reconhecer que após 38 anos de existência do PCB não se mostra à altura das necessidades, do momento histórico. Os próprios êxitos obtidos são pequenos se considerarmos as possibilidades existentes. Não correspondem sequer ao grau de esforço despendido, à dedicação, ao sacrifício, às vezes heroico, de tantos companheiros. É preciso que o Partido — e antes de tudo seus quadros dirigentes — se convençam de uma vez por todas: enquanto o nível teórico do Partido permanecer no grau em que se encontra, não poderemos honestamente pretender dirigir a revolução brasileira, conduzir a classe operária. Os debates presentes oferecem uma oportunidade excepcional no sentido de encontrarmos a solução para um problema que é sem dúvida o fundamental, o mais importante entre todos os que enfrenta nosso Partido. É necessário que surja como Resolução dos debates atuais, a obrigatoriedade para todo o Partido do estudo da Ciência marxista e dos problemas relativos à sociedade brasileira, condição indispensável ao êxito de nossa atividade revolucionária. A realização desse objetivo não será fácil. Inúmeros e de diferentes naturezas são os obstáculos a vencer. De um lado tratase de superar dificuldades oriundas da própria situação social brasileira; de outro, de vencer sérias e obstinadas resistências, fruto de concepções falsas profundamente arraigadas em nossas fileiras, hábitos de trabalho deformados adquiridos num longo período de vida partidária. A resistência ao estudo, à elevação do nível teórico do Partido, assume entre nós formas as mais diversas. Ora são abertas e francas, mas, via de regra, apresentam-se mais ou menos dissimuladas. E muita vez, encontram objetivos e interesses menos honestos, servem convenientemente refugio a ideias, desmascarado de vez seu conteúdo idealista, antipartidário, a fim de que sejam criadas condições em nossas fi-

leiras para o estudo sério, honesto do marxismo-leninismo e dos problemas nacionais. 3. Há quem procure justificar o atraso teórico do Partido (e inclusive a fraqueza em geral do Partido) atribuindo-o simplesmente à realidade social brasileira. O povo brasileiro — argumentam — é atrasado. O Partido é formado com a massa que temos. E conseqüentemente há de refletir o atraso de nosso povo. Esta tese é, no seu fundamento, falsa e oportunista. Revela uma séria incompreensão da natureza e do papel do P.C. Que a classe operária, o povo brasileiro é atrasado, é evidente. Que isto resulta, em última análise das condições objetivas, materiais da sociedade brasileira, é indubitável. Pretender transformar a maioria do povo brasileiro ou a quase totalidade dos operários em marxistas-leninistas seria utópico e ridículo. Mas negar que, nas condições atuais da sociedade brasileira, uma parte da classe operária e do povo, uma minoria que seja, possa assimilar os ensinamentos de Marx ou Lenin, significa negar as próprias possibilidades da existência do P.C. no Brasil. O P.C. é o destacamento de vanguarda da classe operária. É o que distingue o destacamento de vanguarda das amplas massas trabalhadoras não comunistas, é precisamente o conhecimento das leis do desenvolvimento social, a sua consciência marxista-leninista. Não é o P. que deve rebaixar-se ao nível das massas. Mas, ao contrário, a missão do P. é precisamente — como assinala Lenin — «elevar camadas cada vez mais amplas ao seu próprio nível sem esquecer — e é ainda Lenin quem nos adverte — a diferença que existe entre o destacamento de vanguarda e toda a massa que marcha atrás dele». Contentar-se com o Partido que temos, sob a alegação de que não poderia ser muito diferente devido à situação brasileira, é uma atitude conformista, passiva, que nada tem de revolucionária, de autenticamente comunista. As condições do mundo e em nosso país são cada vez mais favoráveis. O prestígio da URSS, da China e conseqüentemente das ideias comunistas e

de cada vez maior. Internamente desenvolve-se o capitalismo, crescem as concentrações operárias. O P.C. é que não acompanha, que está atrasado em relação ao processo objetivo do desenvolvimento nacional. É portanto, para dentro do Partido e não para a sociedade brasileira que devemos voltar nossa atenção. É em nós mesmos que encontraremos as causas de nosso atraso, da fraqueza de nosso Partido. Persistem no Partido as mais estranhas concepções frente ao problema teórico. Ao mesmo tempo que se reclama (ou se jura, ou se pensa) ser o marxismo inacessível aos operários brasileiros, por outro lado, menospreza-se o estudo teórico, julgando-o (nem sempre se diz; mas os atos revelam) uma espécie de dilettantismo, próprio à intelectualidade pequeno-burguesa, ávida de brilhar nas discussões acadêmicas, nos ambientes eruditos. Algo, portanto, que nada tem a ver com a classe operária. E desde que o militante cumpra as diretrizes, execute suas tarefas, não há porque se preocupar com sua educação marxista. Porque preocupar-se com altos problemas filosóficos, algo de «nebuloso» e inacessível aos operários? A isso se reduz a obra de um Marx, de um Engels, ou de um Lenin, verdadeiros gigantes do pensamento mais progressista da história: puro dilettantismo! Esquece-se que suas geniais descobertas destinam-se exatamente à classe operária. Constituem precisamente a teoria, a ideologia da classe operária. Outra finalidade não tem que visar o proletariado, sua vanguarda política, o P.C. com instrumento indispensável à luta, à vitória da revolução. E estranha absurda, esta teoria que pretende ser o marxismo inacessível aos operários e ao mesmo tempo, acusa de dilettantismo pequeno-burguês aos que buscam aprender os ensinamentos de Marx. Existem, por certo, dificuldades a um operário, cujo nível de instrução em geral é baixo, assimilar a doutrina de Marx. O baixo nível de instrução de muitos militantes do Partido será por acaso um obstáculo insuperável, uma dificuldade insuperável? Evidente que não. Além disso, desde quando é próprio do comunista recuar ante os obstáculos, fugir ante as dificuldades que se apresentam?

O marxismo-leninismo, suas ideias centrais, seus princípios fundamentais, podem e devem ser assimilados por todos os militantes do Partido. Outra concepção igualmente falsa e perigosa é que o estudo do marxismo e dos problemas nacionais é da competência exclusiva do Comitê Central. Os militantes de base devem se limitar ao estudo, à assimilação dos documentos elaborados pela direção. Trata-se de uma teoria falsa e perigosa. Não deixa de refletir concepções, de classe, de aristocracia intelectual. Dividido, desta maneira, o Partido, numa minoria que pensa e a grande maioria que cumpre ordens. Estabelece-se assim, um divórcio entre a direção do Partido e as bases, o que nada tem a ver com o centralismo democrático e contrário às normas leninistas de Partido. E nesta base que se desenvolve a auto-suficiência, o mandirismo dos dirigentes. Em primeiro lugar é preciso considerar que os cargos de direção do Partido não são vitálicos. No processo da atividade surgem novos quadros que revelam maior capacidade de direção. E o critério para a promoção de quadros deve ser, além da fidelidade comprovada ao Partido, da dedicação ao trabalho, a capacidade intelectual, o grau de conhecimento do marxismo e dos problemas nacionais. Assim, não é no C. Central que se irá estudar e aprender o marxismo. Ao contrário, é precisamente pelo seu maior conhecimento do marxismo (além de outras qualidades) antes revelado que se determinará sua promoção. Por outro lado, os documentos básicos do Partido não constituem obra exclusiva do Comitê Central. Não prescindem da colaboração de todos os militantes. O Programa e os Estatutos, segundo as normas orgânicas, devem ser o colatório das discussões, das opiniões livremente manifestadas de todos os membros do Partido. É isto que é fundamentalmente justo, concreto. Mas a elaboração do Programa ou dos Estatutos deverá refletir antes de tudo as necessidades objetivas da sociedade brasileira. Não pode ser, portanto, o fruto de simples papéis ou desejos. Para se discutir com objetividade, para se opinar com segurança e responsabilidade, para se contribuir de

maneira positiva, enfim, para se participar efetivamente da elaboração de documentos da importância do Programa e dos Estatutos do P.C. é indispensável um mínimo de conhecimentos teóricos, uma compreensão razoável da realidade brasileira. Daí a necessidade imperiosa do estudo do marxismo-leninismo e dos problemas relativos à realidade social brasileira ser tarefa de todo o Partido, de todos os militantes e não apenas a preocupação de uns poucos ou da cúpula partidária. 7. Ao se discutir as presentes «Teses» e o projeto de Estatutos é necessário estabelecer claramente o que se pretende. Objetivamos um Programa e um Estatuto que sejam o fruto de que se convencionou chamar a sabedoria coletiva dos comunistas e que reflita ao mesmo tempo as necessidades objetivas da sociedade brasileira. É necessário, entretanto, verificar se tal objetivo pode ser alcançado, nas circunstâncias em que se travam os atuais debates. A primeira condição existente: a efetiva liberdade de cada comunista manifestar sua opinião (o que não foi possível durante um longo tempo). Não obstante a exigüidade de tempo, mormente se considerarmos o profundo atraso teórico, o desconhecimento quase total dos problemas relativos à realidade social brasileira impede uma opinião segura e responsável da grande maioria dos militantes do Partido. A discussão das Teses e do Projeto, nas bases do Partido terá caráter formal. Assim, concretamente, proponho: 1 — Que os debates que ora se travam pela Imprensa e nos diferentes órgãos do Partido se prolonguem pelo espaço de um ano. 2 — Neste interim, caberia ao Comitê Central adotar as seguintes medidas: 1) Aprovação, em caráter provisório, do atual Projeto de Estatuto que passaria a reger o Partido até o V Congresso. 2) Elaboração de um Programa provisório, com base nas condições expostas nas «Teses para Discussão», que orientaria nossas atividades até o V Congresso. 3) Elaboração de um Plano de Educação, objetivando melhor o nível teórico de todo o Partido, com rigoroso controle das discussões das «Teses» e dos Estatutos. 4) Após nada menos de 25 anos, realizou-se — e nas circunstâncias conhecidas o IV Congresso do P. O Programa e os Estatutos então aprovados foram logo postos de lado. Eram inaplicáveis. O Partido para poder atuar teve que adotar diretrizes e medidas contrárias à própria essência das teses sustentadas no Programa. Não vamos agora incidir no mesmo erro: aprovar de afogadilho um Programa ou realizar um Congresso meramente formal. É preciso que saibamos valorizar um Congresso e os documentos básicos do Partido: Os Estatutos e o Programa.

OSVALDO JOSÉ VICENTE (E. do Rio)

O Alicerce Fundamental da Frente Única

Volto mais uma vez aos debates com este modesto artigo. Pretendo manifestar minhas opiniões em relação ao documento publicado em NOVOS RUMOS — Teses Para Discussão. A origem de nossas divergências, dos defensores intransigentes da Declaração e das Teses e dos que a ela se opõem, total ou parcialmente, reside no fato de que estes documentos podem nos conduzir a uma posição de rebouque em relação à burguesia. A questão não consiste em saber se os partidários da Declaração e das Teses querem diluir-se na frente única, — aliás, não suspeito, que haja semelhantes desejos — nem tampouco se os que a eles se opõem advogam a volta do passado. O debate tem que ser colocado no terreno dos princípios. Somente assim poderá trazer resultados positivos. O perigo que encerram as discussões que travamos consiste, de um lado, em levar a uma orientação de direita, oportunista, e de outro, pode nos conduzir a uma posição de esquerda, sectária. Por isso, o debate exige a maior tolerância, ausência completa de questões de caráter pessoal, de imposições e de formação de grupos. Nossa vigilância deve se orientar no sentido de evitar que o proletariado e seu partido não caiam sob a influência das ideias de seus inimigos ou aliados. Retorno à discussão para defender a tese da Independência do Partido da classe operária, da manutenção de uma política de classe, que possibilite o seu fortalecimento orgânico, político e ideológico. A luta por esta independência é condição importante para elevar o prestígio e influência dos comunistas junto às massas. Com esta atitude, não manifesto posição exclusivista, intransigente, capaz de prejudicar a unidade das forças interessadas no desenvolvimento independente e progressista de nosso país, na libertação do Brasil do domínio do imperialismo norte-americano. A questão da independência do Partido é tratada na tese 9, embora de modo errôneo, dando-lhe um caráter exclusivamente nacional e chegue a falsas conclusões. A tese 10 faz afirmações que absolutizam o caráter do desenvolvimento capitalista, não leva na devida conta que ramos fundamentais da economia brasileira se encontram nas mãos do imperialismo ou estão a ele submetidos, de que este desenvolvimento contribui para a penetração imperialista. Alimentando, assim as Teses, ilusões no Partido e entre as massas. Este modo unilateral de analisar a economia do país pode nos levar a conclusões que não refletem exatamente com a realidade. Refletindo de modo incorreto o processo real do desenvolvimento, os autores das Teses traçam uma política fora da realidade, em função somente do desenvolvimento do capitalismo. Não nego, nem desconheço, que nos últimos 20 anos, os ritmos deste desenvolvimento se aceleraram. Atravessou-o perfeitamente justa, com a qual estou inteiramente de acordo. Mas, com preferência grave erro, colocando o desenvolvimento capitalista como base ob-

jetiva da linha do Partido. Assim, por exemplo, em relação ao Estado e ao seu papel na sociedade brasileira, a interpretação contida na tese 13, a meu ver, não leva em conta o verdadeiro papel do Estado na época do imperialismo — mesmo nos países coloniais e dependentes — como executor da política dos trusts e monopólios imperialistas. É certo que num país subdesenvolvido, como o Brasil, a burguesia pode desempenhar um papel progressista e à medida que aumente sua influência no Estado, este poderá restringir a ação do imperialismo. Mas se no futuro, a burguesia dominar o Estado, este terá o mesmo caráter dos Estados dos países capitalistas adiantados. Daí não ser de todo acertado a afirmação da tese 13: «No Brasil, porém, embora servindo em determinados casos aos interesses do imperialismo, o capitalismo de Estado tende a assumir prevalentemente, formas progressistas e nacionais». Comparando esta tese com a 16, torna-se evidente uma contradição. Diz a tese 16: «O processo de desenvolvimento capitalista da economia nacional vem seguindo um curso, que se caracteriza pela tendência predominante de adaptação desse processo à dependência em relação ao imperialismo e à conservação do monopólio da terra e das relações precapitalistas na agricultura». Nas atuais condições do mundo, na época de desagregação do sistema capitalista, é difícil compreender como, antes da revolução socialista, enquanto as classes dominantes forem a grande burguesia e os latifundiários, o Estado possa defender uma política verdadeiramente nacional. Mesmo que se conquiste um governo nacionalista democrático, sem a direção da classe operária, o Estado continuará sendo um Estado puramente burguês e, portanto, servindo à classe que representa. Desejo, aqui, recordar, uma passagem da «Declaração dos Partidos Comunistas e Operários» publicada em 1958 que talvez nos ajude a elaborar uma justa orientação: «A ignorância das particularidades nacionais pelo partido proletário, leva inevitavelmente a destacar-se da vida das massas, traz inevitável dano à causa do socialismo, e, pelo contrário, o exagero do papel destas particularidades e o afastamento da verdade universal do marxismo-leninismo sobre a revolução socialista e a construção do socialismo, a preferência de particularidades nacionais, também traz inevitável dano à causa do socialismo». Ora, o pecado da Declaração e das Teses consiste em analisar a atual situação política e econômica do Brasil em função do desenvolvimento capitalista, em considerar somente as peculiaridades nacionais, como se o país estivesse desligado do mundo e vivesse num período de ascensão do capitalismo, como se a revolução no Brasil, seja qual for sua etapa, não fosse parte da revolução socialista mundial. É claro que do ponto-de-vista da estratégia e da tática é imprescindível levar em conta o desenvolvimento capitalista, mas

o decisivo é traçar uma política geral que, assegurando à classe operária a aliança com as demais forças revolucionárias da sociedade, mantenha seu papel independente, particularmente em relação à burguesia. Por outro lado, se é verdade, como dizem as Teses, que latifundiários, em certas circunstâncias, possuem contradições com o imperialismo, e podem participar de lutas contra os monopólios imperialistas, isto nunca deve ser feito de modo a impedir a aliança operário-camponesa. Nas atuais condições de luta da classe operária esta aliança é imprescindível para o fortalecimento da frente única e da luta pela hegemonia do proletariado no movimento revolucionário. No entanto, os camponeses só participarão da luta se levantarmos suas reivindicações a mais sentida e geral das quais é a reforma agrária, palavra de ordem desaparecida da Declaração e fonada na resolução de Janeiro de 1959, mas sem a necessária autoerficação. Para a burguesia é conveniente que as mudanças democrático-burguesas já maduras na sociedade brasileira se façam de modo gradual e prudente, por meio de reformas e não por via revolucionária, que estas mudanças não desenvolvam a independência e a energia revolucionária das massas. As transformações revolucionárias só se darão à medida que se tornar a aliança operário-camponesa, alicerce fundamental da frente única democrática e antimperialista. Por isso, todas as questões devem ser encarradas de acordo com os interesses das massas, particularmente do proletariado, camponeses e pequena burguesia urbana. O marxismo é avesso a qualquer espontaneísmo. Ensinamos a não fiar à margem do processo revolucionário, a não ser meros espectadores na revolução, não entregar a direção do movimento à burguesia. Indicaremos o caminho da luta decidida e energética pelas soluções que interessam ao proletariado e às massas e não ver em primeiro lugar as reivindicações da burguesia como faz a Declaração. Aqui penso, reside a questão principal de nossos debates. O proletariado para manter sua independência deve ser suficientemente consciente e forte para ganhar o seu alicerce fundamental — os camponeses. Este problema não é examinado com a necessária clareza nas Teses, e colocado, na prática, como tarefa de segunda importância no processo de formação da frente única, não dá o destaque merecido aos camponeses, o que equivale a subestimar a formação e consolidação da frente única, o que está na dependência direta da unidade do proletariado e da aliança entre os operários e camponeses. Isto é importante porque a burguesia é e será sempre uma força inconseqüente. Sejam quais forem as circunstâncias, a vitória das forças revolucionárias estará sempre subordinada principalmente à unidade do proletariado e à aliança operário-camponesa que é, repito, o alicerce fundamental da frente única. Niterói, 13 de maio de 1960

MILTON ELOY (E. da Guanabara)

AINDA EM DEFESA DAS TESES

Já procuramos externar nesse debate nossa opinião em defesa das Teses, em tese. Procuramos agora descer a alguns detalhes para examinar mais a fundo a origem dos erros daqueles que vem nas Teses uma manifestação oportunista de direita. Em primeiro lugar destacamos o fato que já fizíamos anotado em nosso artigo anterior: a incompreensão reside fundamentalmente no imperfeito conhecimento da época em que estamos vivendo que é a de transição do capitalismo para o socialismo. Esta época de transição nos obriga a ver os problemas do campo capitalista em geral e do dos países subdesenvolvidos em particular, sob a influência das ideias de vanguarda, dos sucessos científicos e econômicos, do campo socialista. Isso ocorre todos os dias e a todas as horas. São variadíssimas as grandes influências do campo do socialismo. Nos mais recentes êxitos científicos do setor interplanetário, na física nuclear, na medicina, na educação, na economia, nas artes. Em fase anterior, a verdade podia ser enunciada e o campo socialista ser apresentado como um inferno, como a zona do trabalho escravo. Podia-se cobrir o campo socialista com as cortinas de ferro do silêncio e da ignorância. Hoje isso não é mais possível. Os êxitos do campo socialista invadem todos os recantos da terra. As classes dominantes que compõem a sociedade brasileira, as quais temos obrigação de estudar em detalhe para bem conhecer as suas posições em face da revolução brasileira ou de suas subordinações ao imperialismo, principalmente ao americano, sofrem também a ação da presença internacional do campo socialista. Não é justo raciocinarmos hoje sobre as tendências da burguesia nacional à traição da pátria, sobre a sua vacilação em face da revolução, sem levarmos em conta que ela, burguesia nacional, com seus interesses próprios, está também sendo e sentindo em volta de si os efeitos dos empreendimentos de campo socialista, vendo e sentindo as possibilidades de lucro a obter com o aumento de intercâmbio com esse campo. Por isso, ao analisarmos o duplo caráter da burguesia nacional de natureza contraditória, não podemos deixar de ver também as novas influências que ela sofre, porque essas influências podem muito bem decidir finalmente na balança das suas atitudes. Qual o resultado político fundamental que essa nova situação trouxe a vários países e, segundo o estudo objetivo das Teses, trouxe também ao nosso país? Como resultante da possibilidade geral de coexistência pacífica, tornou-se possível, em vários países, a transição ao socialismo por meios pacíficos. Se bem que esta constatação seja agora, teoricamente, aceita por grégos e troianos, os que acusam as Teses de oportunistas, destacam-se por não que-

remem compreendê-la até o fim. O caminho pacífico, em vez de ser o que é, uma constatação objetiva à base da análise de nossa realidade, um caminho novo para a luta do proletariado em busca de sua libertação, tornou-se — para os que não o compreendem por cegueira — um motivo de chacota. Muitos querem confundir o caminho pacífico com o oportunismo de direita e com a tática a serviço da burguesia. E é o que ainda é mais grave. Tiram suas conclusões subjetivamente. Acusam sem um exame aprofundado. Dentre todos os artigos (publicados até agora nesse debate) que fazem as Teses de possuir uma linha oportunista de direita, nenhum ainda o fez com um sério exame crítico, mostrando o equívoco das ideias ou desvio de que se acusam. Desde os catastróficos — que procuram ser tenses paralelas — até os pequenos artigos, todos têm tido esse caráterístico comum. Essa relutância em aceitar o caminho pacífico da revolução como um caminho revolucionário forma, em nossa opinião, o conteúdo essencial das divergências às Teses. Essa incompreensão da possibilidade de o caminho pacífico para a revolução ainda envolve dois outros aspectos que a ela se ligam. O primeiro é o comportamento da vanguarda da classe operária na frente única antimperialista. Esse comportamento é diluído pelas forças atuais do operariado, seus aliados tradicionais no caminho da revolução e seus aliados transiitórios, que podem ser a curto ou a longo prazo. Se se constata hoje que existe um processo de desenvolvimento, que é a burguesia que o dirige, e o dirige vagarosamente, esta constatação é uma vitória sobre a nossa posição anterior que negava esse desenvolvimento. Mas o fato é que se constata ainda que o processo de desenvolvimento capitalista da economia nacional vem seguindo um curso que se caracteriza pela tendência predominante de adaptação desse processo à dependência em relação ao imperialismo e à conservação do monopólio da terra e das relações pre-capitalistas na agricultura. Esse processo nos satisfaz? Claro que não. Por quê? Porque o curso atual do desenvolvimento econômico agrava as contradições fundamentais da sociedade brasileira sem ser capaz de superá-las. Para sair dessa situação precisamos dar um curso diferente ao nosso progresso econômico, precisamos dar-lhe um curso independente e progressista, que é reclamado pelas próprias condições objetivas. Uma única maneira capaz de dar um curso diferente é a revolução. Na frente única, uma vez que já chegamos à conclusão de que, na fase atual, nenhuma classe ou camada social isoladamente pode vencer a resistência das forças interessadas na conservação da dependência do país aos

monopólios lanques e na manutenção do monopólio da terra. Aqui chegamos a uma tarefa difícil. A classe operária brasileira, que ainda não tem a hegemonia na frente única, que tem o seu partido próprio e o seu próprio caminho que é a frente única, deve impulsionar a luta democrática e antimperialista ao mesmo tempo que enfrenta a luta dentro da própria frente única. Para coordenar essas forças do partido da classe operária usa de suas experiências e das condições próprias atuais da sociedade brasileira, sendo que as Teses destacam a necessidade da unidade da classe operária, a unidade do movimento sindical, da estreita ligação com o trabalho camponês e dos assalariados agrícolas, a unificação das camadas médias urbanas, da intelectualidade, dos estudantes, da Frente Parlamentar Nacionalista, entre outras. E como as Teses recomendam que se faça esse trabalho? Com a tática de luta por soluções positivas, a mais ativa, multiforme e permanente intervenção no movimento político, abandonando-se o espontaneísmo e a passividade como métodos impróprios para a classe operária. Outro aspecto dos que relatam em compreender a possibilidade do caminho pacífico da revolução está na dificuldade que têm em aceitar as formas legais de luta. Desdenham o paciente e necessário trabalho de massas, o trabalho do dia a dia dos sindicatos e nas organizações, chegando mesmo alguns deles a considerar a atividade estranha ao Partido. Achem que o trabalho revolucionário é somente aquele que procura as mais altas formas de luta e não vêm o trabalho revolucionário desligado das atividades legais, da violência ou da luta armada. Sua característica principal é a pressão pequeno-burguesa de fazer a revolução. Hoje podemos compreender claramente por muitos anos nas atividades partidárias, foi um real empecilho à melhor compreensão dos problemas brasileiros. Os que acham que as Teses refletem um desvio oportunista de direita são aqueles que mais estão custando a consentir a boca depois do uso indevido do caminho. Para terminar, gostaríamos de fazer uma sugestão ao parágrafo único do Art. 24 do Projeto de Estatutos. Em vez de se dizer «A Organização de Base de pequeno efetivo...», porque a frase deixa incerto o que se consisa por pequeno efetivo, que se dissesse: «A Organização de Base até cinco membros (por exemplo) elege apenas, como dirigente, um Secretário». E é só isso. Rio, 15 de maio de 1960

Tribuna de Debate

NICOLAU ABRANTES (Est. do Rio)

Autocrítica Formal e Uma Disfarçada Defesa da Linha Sectária e Dogmática

A questão da hegemonia do movimento antilimpialista e democrático constitui, segundo a Declaração, questão decisiva na atual etapa e deve ser exercida, por sua natureza de classe, pela completa correspondência que existe entre seus interesses específicos e os interesses gerais da nação — pela sua completa identificação não só com as necessidades presentes como também com as necessidades futuras — pelo proletariado, que é a única força capaz de imprimir orientação revolucionária ao movimento da classe. O interesse do proletariado consiste, precisamente, em que a revolução nacional e democrática se desenvolva ininterruptamente, adquira a máxima profundidade e amplitude, em que venha a ser uma revolução democrático-burguesa de novo tipo, parte integrante da revolução socialista mundial e capaz de conduzir às transformações radicais exigidas pela sociedade brasileira.

Como então a abdução — repetimos — da direção da luta pelo proletariado e seu Partido?

Ocorre apenas um fato, objetivo, que MG. insiste em deixar de lado: o estado incipiente em que se encontra o processo de frente única no país e a ação crescente da burguesia fazem com que, na sua direção, não se encontrem as forças mais conseguintes e mais ligadas ao povo e, por conseguinte, vem prevalecendo a ação das forças mais inconseqüentes. As forças trabalhadoras e populares pouco ainda participam de suas lutas, do Movimento Nacionalista — que é a mais importante forma concreta de atuação e organização em comum, entre as diversas formas de frente única que surgem no país, por iniciativa de diferentes origens e de acordo com as exigências da situação. O fortalecimento e a ampliação da frente única, sua transformação num poderoso movimento de massas relacionam-se, assim, com o desenvolvimento em seu seio das correntes que pugnam ao lado das soluções nacionalistas, pelas transformações democráticas. Uma justa relação entre os problemas gerais da nação e os interesses vitais das massas é condição essencial para atuar e reforçar as bases da frente única, mediante a participação ativa das massas trabalhadoras e populares. A medida em que estas se incorporam à luta revolucionária, torna-se mais fácil combater os setores conciliadores e difundir consequência à luta.

ARLINDO A. LUCENA (S. Paulo)

ACORDE, CAMARADA MAURÍCIO GRABOIS

Antes de mais nada, desejo levantar uma questão de ordem junto aos camaradas responsáveis pela nossa imprensa. Os debates ora iniciados terão curta duração e o espaço dedicado aos mesmos em nosso semanário exige, se é que desejamos o maior número possível de opiniões, que sejam o menos quilométrico possível ao pretendermos expor os nossos pontos-de-vista a respeito das questões em foco. Se todos os que querem opinar procedermos como o camarada Maurício Grabois, que tomou toda uma página do jornal e, ainda por cima, nos assusta com um CONTINUA, evidentemente a liberdade de opinião na imprensa partidária será restringida a ninguém.

Não estamos, também, com aqueles que consideram a Declaração Política o cúmulo da perfeição e isenta de correções e críticas se bem que, no fundamental, estejam de acordo com ela. Todavia, ao sentirmos a necessidade de melhorar a definição daquilo que realmente nos preocupa, creio que não devemos, como o faz o camarada Grabois, envolver pelo caminho falso de pretender impingir à Declaração aquilo que nela não está contido.

O trabalho «Duas concepções, duas orientações políticas» aborda fundamentalmente, a nosso ver, 3 questões palpantes: 1º Os caminhos da revolução; 2º Problemas relacionados com a frente única e 3º O caráter da revolução brasileira.

No que se refere ao caminho da revolução brasileira, o camarada Maurício Grabois torce deliberadamente a verdade quando procura nos convencer de que a Declaração de Março de 1958 transfigurou o caminho pacífico no único a ser seguido pelo povo brasileiro e ainda por cima, preocupado em que a própria letra da Declaração o desmentia apressadamente em dizer que não tem a menor significação a advertência feita naquele documento de que «NO CASO DOS INÍMIOS EMPREGAREM A VIOLENCIA É INDISPENSÁVEL TER EM VISTA A SOLUÇÃO NÃO PACÍFICA» das condições do povo brasileiro. Mais ainda, em nenhum lugar na declaração política se fala de caminho pacífico como uma realidade, como algo absoluto — como tenta fazer crer o camarada Grabois — mas pura e simplesmente admitindo-se a possibilidade real desse caminho e a necessidade do proletariado transformá-lo numa realidade. Deixamos de fundamentar, aqui, as razões dessa possibilidade porque consideramos que a declaração faz de maneira clara e objetiva e somente aqueles que não a estudaram não perceberam isto.

Abordando problemas que se relacionam com a frente única, o camarada Maurício Grabois manifesta-se como quem está refreado com a conciliação dos interesses das forças burguesas e reacionárias. O mesmo poderia ser dito quando o tratamento do problema da hegemonia do proletariado na revolução democrático-burguesa. Haverá hegemonia na medida em que haja a participação dos homens de vanguarda na luta diária, cara a cara com as massas e não transfigurados em gabinetes. Creemos que é nessa direção que devemos encaminhar a discussão e a superação de nossas debilidades e não querer — como o faz o camarada Grabois — atribuir à Declaração Política de Março de 1958, ali onde houve a preocupação com o estudo e a aplicação desse documento histórico do nosso Partido, sideráveis, seja no que se relaciona ao avanço da consciência antilimpialista do nosso povo, seja no empreendimento fortalecimento político, orgânico e ideológico das fileiras partidárias.

E a burguesia brasileira, como a define a Declaração, em relação à frente única? Define-a como classe exploradora nas condições de um país dependente do imperialismo possuindo portanto uma natureza contraditória: de um lado encerrando um potencial revolucionário e participando da luta antilimpialista, de outro, quando não consegue resistir à pressão imperialista, procura salvar seus interesses mediante acordos e concessões ao inimigo, empilhando-se para recolher para si todo o fruto do desenvolvimento econômico e intensificando a exploração das massas trabalhadoras.

Em resumo, a burguesia brasileira é uma força revolucionária vacilante e tende aos compromissos com os setores entreguistas e reacionários. Só a ação, portanto, das forças conseguintes, com o proletariado aliado aos camponeses, pode dar rumo firme e profundo à luta, no sentido de atingir as reformas radicais.

Mas isso Maurício Grabois diz que é impossível. Alega de maneira pueril, com argumento verdadeiramente inconsistente, que as massas camponesas não virão participar da luta antilimpialista pelo fato de que, eventualmente, quando entram em choque os interesses de certos setores de latifundiários com o imperialismo, estes setores reacionários são admitidos a participar da frente única.

Admitindo-se porém que Maurício Grabois traduz ou interpreta fielmente a Declaração — o que também não é verdade — seria certo dizer que as massas camponesas não viriam para a frente única pelo fato de que certos setores de latifundiários, com interesses democráticos antagonizáveis aos seus, estariam também a seu lado?

Não nos parece justa a afirmativa, pois se assim fosse, o proletariado não viria para a frente única pelo fato de que tem interesses de classe radicalmente antagonizáveis à burguesia, insuperáveis senão de maneira radical e que a Declaração coloca na etapa socialista como solução última.

Mas não é isso o que afirma Maurício Grabois, o que diz a nova orientação. No item 27, cap. V, ao situar as contradições na frente única, acentua o documento: «As contradições se manifestam em primeiro lugar, no terreno da emancipação nacional. Certas forças da frente única se opõem ao imperialismo não por motivos circunstanciais, mas por interesses antagonizáveis: o proletariado, os camponeses, a pequena burguesia urbana e a maioria da burguesia. Outras forças, ainda que se choquem também com o imperialismo e possam participar da frente única, em determinadas circunstâncias, o fazem por motivos de ordem secundária ou transitória. Estas forças incluem setores de latifundiários e da burguesia que constituem a ala mais vacilante da frente única, inclinada a conciliações e a compromissos com o inimigo. Portanto, certos setores de latifundiários, se vierem para a frente única, o farão por motivos circunstanciais e transitórios, e não permanentes. Como os camponeses, ao lado da classe operária, não poderiam vir a admitir, eventualmente, o reforçamento das fileiras da frente única por certos setores de latifundiários? Como vemos, o argumento não é somente inconsistente, mas chega a ser positivamente ingênuo do ponto de vista de uma tática revolucionária. O justo, porém, é dizer que Maurício Grabois raciocina de maneira dogmática e sectária com relação a essa questão, e pensa como aquele general que recusa, em plena luta, que soldados desertores das fileiras inimigas venham eventualmente engrossar as suas próprias hostes, sob o temor de uma possível e futura traição... A questão da hegemonia, assim, intimamente ligada ao problema do poder, depende da participação no processo real e, neste caso, para impedir que a burguesia atinja suas fileiras e para assegurar uma direção firme do movimento revolucionário, o proletariado deve salvaguardar sua independência ideológica e organizativa na frente única, que é uma condição essencial para que possa assumir a direção do movimento e conduzi-lo à realização consequente dos objetivos antilimpialistas e democráticos, criando as premissas para a transição ao socialismo. Em essência, o fortalecimento da frente antilimpialista e a conquista dos objetivos revolucionários dependem, em grande escala, das atividades do Partido e dos militantes. No movimento, não podem ser exclusivistas ou tentarem impor suas opiniões, mas fazer com que estas sejam aceitas somente por sua justiça, por sua força persuasiva e acima de tudo, por sua comprovação pela experiência concreta.

No momento, a direção está com a burguesia e a pequena burguesia em numerosos casos, por isso o movimento é, ainda vacilante e inconsistente. Por outro lado, a frente única incrementa o seu poderio à medida em que luta por soluções positivas para os problemas colocados no ordem-do-dia, realizando-as na proporção de suas forças e das condições favoráveis de cada momento. A exigência dessas soluções positivas para os problemas brasileiros conduz à necessidade de um governo capaz de aplicar com firmeza, em todas as esferas da política interna e exterior, a orientação de emancipação e progresso reclamada pelo nosso povo.

Eis quando surge então as formas de atingir esse objetivo, que estão condicionadas todas ao imperativo da pressão de massas à luta das correntes antilimpialistas e populares para alcançar modificações na composição e na política do governo, fora e dentro do Parlamento. Essa luta, assim, assume cada vez mais o caráter de uma luta por um governo nacionalista e democrático.

Resalta das Teses: 1) A luta por soluções positivas está ligada à conquista de um governo nacionalista e democrático e, em seguida, para radicalizar sua política e composição; 2) O aumento do poderio da frente única, no sentido de uma política independente e progressista, está ligado à participação das forças mais conseguintes, sob a direção da classe operária, o que possibilitará alcançar novas soluções positivas como dar-lhe conteúdo mais profundo; 3) É indispensável, fundamentalmente, a concretização do caminho pacífico a tática de luta por soluções positivas, ao contrário do espontaneísmo e da passividade, exigindo pois da classe operária e do seu Partido de vanguarda a mais ativa, múltipla e permanente intervenção no movimento político real, a fim de mobilizar as grandes massas e quebrar a resistência das forças entreguistas e reacionárias, o que implica numa luta incessante pelas liberdades democráticas e por sua ampliação, como condição que deve favorecer uma ação independente. Neste processo será necessário revistar as condições das forças entreguistas e reacionárias e derrotar as suas tentativas de recorrer à violência para deturpar o caminho antilimpialista e popular; 4) O caminho pacífico da revolução implica, necessariamente, em desenvolver a luta de classes dentro do país, para defesa dos interesses imediatos da classe operária e para vencer as tendências conciliadoras da burguesia e imprimir consequência ao movimento de emancipação nacional; a luta de classes deve ser preceps sob orientação correta que permita ao proletariado alcançar a condição de força hegemônica do movi-

mento e assegurar o caminho pacífico. E é exatamente o que Maurício Grabois não entende por incapacidade ou por rações operadas nos altos escalões do Partido, visando a afastar do caminho de que se opunham à correção dos erros. Embora venha participando, no Estado do Rio, de numerosos atos públicos, em recintos e próprios oficiais, sem qualquer embaraço, como recentemente na Assembleia Legislativa, durante as comemorações do 90º aniversário de Lenine, no qual foi um dos oradores, também não entende nosso articulista o ascenso democrático. As modificações qualitativas da vida internacional, para ele, não se refletem no país; pode prescindir delas; e não exige também como possa haver tantas liberdades (!) Não afirmamos os clássicos do Marxismo-Leninismo que todo desenvolvimento capitalista acarreta certo ascenso das liberdades — as liberdades da etapa democrático-burguesa? Disseram, certamente, e a afirmativa continua válida, mas Maurício Grabois, surdo e cego a tudo, dá de ombros ao desenvolvimento do capitalismo e, não podendo negá-lo de todo, se contenta em dizer que a Declaração superestima o embelezamento e que tudo está a ele subordinado, inclusive a tática, que passaria a servir a uma orientação oportunista de direita!

Mas como isso? Como justificou? Maurício Grabois continua idilicamente voltado para o dilema cerebral de uma revolução a curto prazo e dia certo, esquemático no qual a hegemonia do proletariado saía pronta e acabada do papel e não haja etapas intermediárias. Para que etapas intermediárias, quando podemos fazer tudo e já, mesmo que batamos com a cabeça na parede e que continuemos por fora da vida, como seia?

A resposta caberá certamente a Maurício Grabois, mas, por via das dúvidas, examinemos uma outra questão levantada no seu arrazado metafísico, como, por exemplo, a questão do perigo principal no campo ideológico que, segundo os Partidos Comunistas reunidos em Moscou, na Conferência de 1958, é o revisionismo, a tendência oportunista de direita.

Mecanicamente, todavia, nosso articulista quer transplantar a opinião dos gloriosos Partidos Comunistas, válida para a ação ideológica do movimento comunista internacional — dadas as condições concretas que engendraram essa manifestação ideológica burguesa que realiza a energia revolucionária da classe operária, nega os princípios e leis gerais comuns, e prega a conservação ou a restauração do capitalismo — a pretexto de um caminho pacífico. Mas ocorreu isso, por acaso, no nosso Partido? Certamente que não.

O surto revisionista surgiu, não somente em consequência de uma influência cada vez maior da burguesia em nossas fileiras (pelo superestimado desenvolvimento do próprio capitalismo), do imperialismo, particularmente após o Congresso do PCUS, mas, ainda, particularmente em decorrência de uma atitude incorreta do camarada Maurício Grabois e de outros, face aos graves erros cometidos e acumulados — de caráter sectário e dogmático — de que a direção restrita do Partido, especialmente, era uma das cidadelas mais obstinadas. Surgiu, portanto, também, como resultado dessa obstinação dos dirigentes mais responsáveis em não iniciar o processo auto-crítico consequente e superar os erros e deformações que obstaculizavam o movimento revolucionário. Além, por atitude idêntica e nas condições da classe operária no poder, ressalvadas ainda as diferenças de tempo e lugar, mas tendo por causa a mesma obstinação sectária e dogmática — Raouf Gerol contribuíram consideravelmente, como os mais responsáveis, para o não correto encaminhamento do processo de correção dos erros, com graves prejuízos para a Democracia Popular. Em nosso Partido era também esse obstáculo no terreno ideológico, que se refletia profundamente, de modo negativo em todas as esferas de atuação — constituindo mesmo um sistema — que estava levando a organização de vanguarda a uma condição de seita e o afastava cada vez mais das grandes massas. Tratava-se assim, de um sério perigo, cujas raízes eram e são ainda tradicionais em nossas fileiras e que precisavam e precisam ainda ser extirpadas. Manifestação da ideologia burguesa, mais velha, mais enraizada e ligadas aos métodos, práticas e concepções, nas direções e nas bases, o dogmatismo e o sectarismo são portanto o perigo principal a enfrentar nas condições atuais, e não o revisionismo, que precisa ser enérgica e simultaneamente combatido, mas que positivamente não constitui o espantoso a que alarde Maurício Grabois e não influi, de nenhum modo, para a elaboração da atual linha. No Estado do Rio, por exemplo, o que está dificultando e impedindo, mesmo uma melhor e mais entusiástica aplicação da Declaração de Março, em primeiro lugar do ponto de vista partidário orgânico, e ainda em relação à ação política ampla, voltada para as massas e no processo real existente de lutas e insubstituíveis condições legais, como nunca existiram — não é em absoluto o revisionismo. Consideradas as condições particularíssimas do Estado, com a vitória de um governo para cuja eleição contribuímos e cujo programa é de conteúdo nacionalista e democrático — não obstante sua composição heterogênea — os resultados modestíssimos até agora colhidos quanto ao processo de frente única eleitoral, estão diretamente relacionados com aquela obstinada resistência em admitir que a vida existe e dela é que têm de

participar cada vez mais os dirigentes mais responsáveis e os militantes.

E' isso porém o que ocorre. Exatamente o que vem predominando é a resistência hábil à atual orientação, é a passividade, a falta de perspectiva, a má e clamorosa condução do trabalho de frente única e, em alguns casos, a volta às práticas do passado, com a violação grosseira dos princípios do Partido. Citaremos apenas alguns casos típicos da insistência na prática de erros e deformações, resultantes do pensamento obstinado em relação à concepção dogmática e sectária da revolução. Retornamos particularmente à capital do Estado, a Niterói. Como procederam Carlos Danielli, Maurício Grabois e Lincoln Cordeiro Oeste durante a campanha eleitoral de 1958? Exatamente pelo figurino da propaganda do tipo aventuroso, transformando praticamente a direção de Niterói em certa fase, num órgão auxiliar, despersonalizado, da direção superior. Fizera eles uma verdadeira intervenção no capital do Estado, a pretexto de impulsionar a campanha e enfrentar certas debilidades de um dirigente. E como efetivamente a impulsionaram? Para foguetório e mieras agitações, artificialmente, com passadas ruidosas, desprezando assim o trabalho fundamental, minuto, do dia a dia junto às organizações de massa, no alistamento eleitoral, na difusão dos problemas nacionalistas e da luta por soluções para os problemas básicos do município. Face a isso, a essa posição intervencionista da direção restrita em Niterói, como em outros municípios, a direção municipal não pôde agir com personalidade, elaborando uma tática eleitoral dentro das condições concretas locais. Influenciados e diretamente pressionados pelo camarada Maurício Grabois nos lançamos a apoiar um candidato inteiramente desligado da vida política local, desligado das massas e de suas necessidades, não tendo a preocupação de fortalecer a coligação estadual, o que a vida negou completamente depois, pois o referido candidato, de origem udenista, não tinha o apoio do seu próprio partido e a ausência do seu apoio a ele ou do PTB — um dos partidos da Coligação Nacionalista — não entraqueceria de nenhum modo a disposição de forças. Devemos, todavia, fazer auto-crítica e nos consideramos os mais responsáveis por essa atitude. A essa época, não entendíamos bem a essência de nossa posição e não reagimos aos métodos deformados da direção restrita estadual. No momento mesmo, para citar apenas mais uns poucos e expressivos fatos, a frente única nacionalista e democrática que se esboça e inicia no Estado, está sendo conduzida de forma errônea — clamorosamente errônea — sectária e deformada, os erros se acumulam e não se corrigem, não obstante as críticas insistentes e

vencimentes feitas dentro do Partido. Em decorrência, pois, são grandes os prejuízos causados até agora, os quais serão melhor avaliados posteriormente, com mais tempo e maior seriedade, e os companheiros mais responsáveis não têm a menor perspectiva de como dar um passo à frente e corrigir. Na capital do Estado, porém, outra é a orientação adotada na frente única e outros os métodos adotados, de acordo com o espírito da Declaração, sendo relativamente positivos até agora os resultados colhidos. — Pelo menos com referência aos aliados e ao desenvolvimento da campanha. Do mesmo modo, onde a Declaração vem sendo aplicada, os resultados não se fazem tardar e demonstram as imensas possibilidades que estão sendo desperdiçadas pelo isolamento monástico dos dirigentes mais responsáveis e por sua influência negativa sobre o processo de frente única e o próprio Partido. Apesar da legalidade, quase, em que vivemos — não disporo apenas o Partido do ato formal do registro, que o impede de aparecer nas faixas e tabuletas — a situação pode ser caracterizada nos escalões superiores do Partido — em particular da direção restrita — por uma atitude de expectativa e vacilação, de isolamento nos gabinetes ou na atividade inteiramente voltada para as tarefas orgânicas.

Do contrário do que afirma Maurício Grabois — por outro lado — cresce e se fortalece o Partido onde a linha política vem tendo mais viva aplicação e, em nenhuma época, houve tantas greves como no momento. Não há nenhuma tendência de amainamento da luta de classes nem de seguir a reboque da burguesia, como se fora esta uma força revolucionária consequente. O que há, na verdade, é ainda pouca ação política dentro do espírito da nova orientação, em particular dos dirigentes mais responsáveis e certo número de militantes, e daí os maiores entraves criados à Declaração. Esses obstáculos — vivamente estimulados pelas concepções sectárias e dogmáticas — pesam muito mais na situação do Estado do Rio do que as próprias dificuldades inevitáveis da luta. Na realidade, são as raízes sectárias e o pouco ou nenhum conhecimento dos problemas da realidade concreta, ao lado da passividade oportunista resultante dessas mesmas raízes — a pretexto, em alguns casos, na defesa de princípios e da conservação da pureza do Partido — que estão dificultando e mesmo impedindo um curso mais amplo nas lutas atuais e que levam a posições mais avançadas. Como, pois, o inimigo principal nas posições revisionistas? Se elas, no próprio Estado do articulista, não existem senão em limites inofensivos e de completa impotência para impedir o desenvolvimento das lutas e o fortalecimento do Partido? Perigo principal, sim, como ditada da própria realidade interna, são as manifestações esquerdistas e sectárias, que com tanto vigor e tanta obstinação se esforçam por tapar o sol com uma panela e negar que o Partido, dentro da nova linha, com uma aplicação justa, firme e não vacilante e dúbia, cumprirá sua tarefa revolucionária e abrirá caminho, com as forças aliadas, para as transformações radicais e necessárias exigidas pela presente etapa. Bandeira que, irresistivelmente, terá vitórias tanto maiores e avançadas quanto forem sendo superados os erros, métodos e concepções esboçados em nosso organismo político.

LUIZ ALVES SILVA (Sergipe)

Uma Carta de Aracaju

Lendo as teses para debates, segundo os NOVOS RUMOS de 15 de abril do corrente ano, resolvemos tomar parte, se nos permitirem.

Queremos falar sobre a «Frente Única Nacionalista e Democrática». Parece evidente que a classe operária tem que se colocar contra os piores inimigos do progresso nacional, mas a verdade é que as forças que apoiam o candidato nacionalista, como o P.S.D. e elementos mesmo do P.T.B. não inspiram confiança integral.

As coisas vistas no Rio, através do Congresso, é uma coisa, mas aqui no interior o panorama é outro. Aqui em Sergipe, por exemplo, o P.S.D. é um feudo político da família mais rica do Estado, Usineiros, fazendeiros e banqueiros.

O P.T.B. tem certa base popular, mas o seu presidente regional e latifundiário no município de Ondaína, e seu prestígio entre as camadas populares de corre da fama que tem de ser valente. Dizem que está arruinado, razão porque, nas últimas eleições, apoiou discretamente o candidato da U.D.N. — E' mais um candidato regional.

A U.D.N. é formada de pessoas ricas e pobres, mas a preocupação das últimas, que se tornarem ricos. Ficam coléricos quando falam nos bons negócios que fazem os homens do governo. Mas o ódio é apenas porque estão fora das negociações. E todos se desmancham de amores pelos Estados Unidos. Aqui é que é raça, dizem com ênfase.

Uma das coisas, porém, de muita importância é a unidade do Partido. Aqui em Aracaju o Partido está dividido entre udenistas e petedistas, cujos grupos se repelem e se chocam como se fossem duas forças econômicas em luta. As causas desse divisionismo é que devem ser encontradas.

E' culpa a nossa, ver, é do Partido que vem de há muito apoiando candidatos diferentes de diferentes partidos em diferentes lugares. O nordestino facilmente se inclina para o pessoalismo e para a intransigência. Esse matarizmo do Partido tem sido feito em troca de míngadas cadeiras de Vereadores e mesmo algum deputado. Mas a verdade é que a unidade do partido seria mais vantajosa do que a eleição de tão poucos membros do Partido.

Outra coisa que se nos atigira com características de quixotismo é a obsti-

ção pela legalidade do P.C.B. quando se deveria lutar para o registro de um outro partido. Para os estádios dos marxistas no Brasil parece que tudo está constituído, nas letras do P.C.B., quando já é ponto pacífico que do ponto-de-vista histórico o econômico o Partido é a classe operária.

Sabemos que na União Soviética a revolução foi feita com o Partido Bolchevique, nome esse que se manteve até o XIX Congresso do Partido. Na Polónia, que é hoje uma República Popular, que foi libertada com a U.R.S.S., que foi libertada pelo Exército Vermelho, o Partido Inúnciano com outro nome — Partido Operário.

Na Coreia do Norte o Partido vive sob o pseudônimo, digno, de Partido do Trabalho. Chegamos a conclusão que os marxistas brasileiros são mais clarividentes do que o próprio Lenine, que se vivo fosse teria que vir ao Brasil para adquirir novas experiências.

Já imaginaram os «teóricos» brasileiros se Fidel Castro fosse um sectário, e organizasse em Cuba um PCC com a bandeira em um tubo e um macê?

De minha parte confesso que não sei se Fidel Castro é isso ou aquilo, mas a verdade é que está fazendo em Cuba uma revolução, lutando contra o capital colonizador americano, lutando contra o colonialismo. Poderia algum, no momento, em um país latino-americano, pequeno, ir além de Fidel Castro?

Atual de contas e que é mais importante para o povo, uma reforma agrária feita sob qualquer bandeira partidária, ou um Partido Comunista de braços abertos a uma luta burguesa progressista, servindo de clipe de andame para ela subir, contentando-se com a míngua de egeer um vereador aqui ou ali?

Entendo que o Brasil precisa, no momento de uma força política organizada que não se preocupe com o imediato e que se ocupe e se preocupe mais com a educação política das massas, especialmente da classe operária, que continua dividida e desconfiada, apenas com a minoria de membros mais ou menos esclarecidos, mas que se envaidecem quando colocados em postos de liderança. A assimilação das ideias sofre a influência do tempo e do espaço.

LUIZ ALVES SILVA
Av. Pedro Calazans, 702 — Laranjeira
Siqueira — Aracaju.

Kruschiov: Política lanque de Duas Caras Condena Cúpula ao Fracasso

O presidente do Conselho de Ministros da União Soviética expôs na primeira reunião da conferência de cúpula a posição da URSS e as condições que ela julga necessárias para que as conversações possam realmente levar à coexistência pacífica entre todos os Estados. Nikita Kruschiov deixou bem claro que não é possível resolver os problemas existentes quando uma das partes, os Estados Unidos, persistem em arrotar-se o «direito» de praticar a espionagem e outros métodos de guerra fria contra a URSS. Nessas condições, disse Kruschiov, também a visita de Eisenhower à União Soviética deve ser adiada até que o presidente dos Estados Unidos possa ser considerado como hóspede amigo pelo povo soviético.

«Naturalmente, o governo soviético foi obrigado a dar o qualificativo adequado a estes atos e a demonstrar sua natureza traiçoeira, a qual é incompatível com a manutenção de relações normais entre os Estados, em tempos de paz, sem mencionar que estão em evidente contradição com a tarefa de amenizar a tensão internacional e criar as condições necessárias para o trabalho proveitoso da Conferência de cúpula.

«Primeiramente, o Departamento de Estado dos Estados Unidos deu a ridícula versão de que o avião norte-americano havia violado as fronteiras da URSS por acidente e que não tinha missão de espionagem ou sabotagem. Porém, quando fatos irrefutáveis provaram claramente a falsidade dessa versão, o Departamento de Estado dos Estados Unidos, no dia 7 de maio, e depois o secretário de Estado, no dia 9 de maio, declararam em nome

do governo dos Estados Unidos que o avião norte-americano realizou incursões dentro da União Soviética com propósitos declarados de espionagem militar, de acordo com um programa apoiado pelo governo dos Estados Unidos e pelo presidente pessoalmente. Dois dias depois, o próprio presidente Eisenhower confirmou que vôos de aviões norte-americanos sobre o território da União Soviética haviam sido e continuariam sendo realizados em execução de uma política deliberada dos Estados Unidos. O mesmo foi declarado pelo governo dos Estados Unidos, em nota ao governo soviético, a 12 de maio. Com isso o governo dos Estados Unidos violam as normas universalmente aceitas do Direito Internacional e os elevados princípios da Carta das Na-

ções Unidas, assinada também pelos Estados Unidos.

Não se pode negociar com espões

«O governo soviético e o povo da União Soviética receberam essas declarações dos principais estadistas dos Estados Unidos, com indignação. Agora, enquanto os chefes de Governo das quatro potências chegam a Paris para participar desta Conferência, apresenta-se a questão seguinte: é possível negociar com proveito quando o governo dos Estados Unidos e o próprio presidente, longe de condenarem este ato de provocação — a incursão do avião militar norte-americano na União Soviética — declaram que tais atos continuarão, sendo esta a política oficial dos Estados Unidos, a respeito da União Soviética? Como podem ser realizados acordos sobre os diversos problemas que aguardam solução, com o propósito de abrandar a tensão e eliminar a suspeita e a desconfiança entre os Estados, quando o governo de uma grande potência declara abertamente que a sua política é a de realizar incursões no território de um outro grande país, com fins de espionagem e sabotagem, e, por consequência, a de tornar ainda mais grave a tensão nas relações entre os Estados?

«Está claro que uma política desse tipo, cabível somente se os Estados se encontrassem em estado de guerra, condena antecipadamente ao completo malogro esta Conferência. Nos, naturalmente, tomamos nota dos propósitos declarados do governo dos Estados Unidos e declaramos, por nossa vez, que se as incursões de aviões norte-americanos no território soviético, se repetirem, nós derrubaremos esses aviões. O governo soviético se reserva — além disso — direito de exercer adequadas represálias. Reitera, portanto, aos Estados, que oferecem seu território para bases militares norte-americanas e que se convertem em cúmplices de atos agressivos contra a URSS, que também essas bases serão atingidas por essas represálias.

Honestidade

«Depreende-se que, para o êxito da Conferência, é necessário que os governos de todas as potências representadas nela, adotem uma política franca e honesta e declarem solenemente que não empreenderão ato algum contra outro, equivalente à violação da soberania dessas potências. Isso significa que se o governo dos Estados Unidos está realmente disposto a cooperar com os governos das outras nações, no interesse da manutenção da paz e do fortalecimento da confiança mútua entre os Estados deve, em primeiro lugar, condenar os inadmissíveis atos de provocação da Força Aérea dos Estados Unidos a respeito da União Soviética; e, em segundo lugar, abster-se de continuar tais atos e tal política contra a URSS no futuro.

«Até que o governo de Washington faça isto, o governo soviético não vê a possibilidade de negociar

proveitosamente com os Estados Unidos na Conferência de cúpula. Se, nas circunstâncias atuais, o governo soviético participasse de negociações claramente condenadas ao malogro, contribuiria para enganar as nações, o que não está nas suas intenções.

«Por outro lado é razoável ponderar que se o governo dos Estados Unidos declarasse que no futuro os Estados Unidos não violarão as fronteiras da União Soviética com os seus aviões; se os atos de provocação realizados no passado fossem deplorados e se os responsáveis diretos por tais atos fossem punidos, o que asseguraria à União Soviética igualdade de condições com as demais potências, eu, como chefe do governo soviético, estaria disposto a participar da conferência e a realizar todos os esforços para contribuir para o seu êxito.

«Como resultado dos vôos provocatórios de aviões militares norte-americanos, e especialmente como resultado do fato de que tais vôos de provocação tenham sido declarados «política nacional dos Estados Unidos da América em relação às nações socialistas», novas condições surgem nas relações internacionais.

«Naturalmente, em tais condições não podemos trabalhar na Conferência; não podemos, porque vemos as posições das quais se tem o propósito de falar conosco: sob a ameaça de vôos de reconhecimento agressivos. Sabe-se que os vôos de espionagem são empreendidos geralmente com o propósito de iniciar uma guerra. Portanto, rechaçamos as condições que os Estados Unidos da América estão criando para nós. Não podemos participar de negociação de espécie alguma nem sequer na solução das questões que já estão maduras: não podemos porque vemos que os Estados Unidos não têm desejo algum de chegar a uma solução.

«Por esta razão, a Conferência, nestes momentos, seria um inútil perda de tempo e um engano em relação à opinião pública de todos os países. Repito, não podemos, na presente situação, tomar parte de negociações. Consideramos necessário que os povos de todas as nações do mundo nos compreendam corretamente. A União Soviética não renuncia a seus esforços para chegar a um acordo. E estamos seguros de que acordos razoáveis são possíveis, porém, evidentemente, não neste momento.

«Para isso, contudo, é necessário, antes de mais nada, que os Estados Unidos condenem, repudiem a política de provocação em que reclusa a política de vôos sobre o nosso país, que eles praticaram e pretendem continuar praticando.

Acredita na paz

«Portanto, pensamos que se deve deixar transcorrer algum tempo para que as questões surgidas se amenizem, a fim de que os responsáveis pela determinação das políticas de um país, analisem o caso. Por essa razão, pensamos que talvez não haja melhor caminho do que o de adiar a Conferência dos chefes de Governo por seis ou oito meses, aproximadamente.

«A União Soviética, por sua parte, não diminuirá seus esforços para chegar a um acordo. Acredito que a opinião pública compreenderá a nossa posição. Compreenderá que estamos privados da possibilidade de participar destas negociações. Contudo, acreditamos firmemente na necessidade da convivência pacífica, porque, perder a fé na convivência pacífica, seria condenar a humanidade à guerra, significaria aceitar a inevitabilidade das guerras, e, nas atuais circunstâncias, sabem quais desastres provocaria uma guerra, para todas as nações de nosso planeta.

«Desejo dirigir-me ao povo dos Estados Unidos da América. Estive nos Estados Unidos e conheci ali diversos setores do povo norte-americano, e estou profundamente convencido de que todas as camadas do povo norte-americano não querem a guerra. A exceção é constituída por um pequeno grupo do Pentágono, apoiado por círculos militaristas, que se beneficiariam com a corrida armamentista, obtendo grandes lucros.

«Manifestamos a nossa gratidão ao presidente De Gaulle por sua hospitalidade e por dar-nos a possibilidade de realizar esta reunião em Paris, a capital da França. Apreciamos também os esforços do governo da Grã-Bretanha e do primeiro-ministro Macmillan, pessoalmente.

«Lamentamos que esta reunião tenha sido torpedeada pelos círculos reacionários dos Estados Unidos e pelos vôos de provocação de aviões militares norte-americanos sobre a União Soviética. Lamentamos que esta reunião não tenha dado os resultados esperados por todas as nações do mundo. Que a desgraça e a responsabilidade por isso recaia sobre os que têm proclamado uma política de banditismo em relação à União Soviética.

Cancelado o convite

«Como é sabido, o presidente Eisenhower e eu decidimos realizar uma troca de visitas. Em setembro passado eu fiz uma visita aos Estados Unidos. Ficamos satisfeitos com essa visita e com as reuniões e conversações que tivemos nos Estados Unidos. Por tudo isso manifestamos o nosso agradecimento.

«O presidente dos Estados Unidos ia devolver a visita ao nosso país. Nosso acordo era que viria visitar-nos no dia 10 de junho, e estávamos dispostos a prestar uma boa recepção a tão ilustre hóspede. Desgraçadamente, como resultado de atos provocatórios e agressivos contra a URSS, criaram-se tais condições que ficamos privados da possibilidade de receber o presidente com a cordialidade que o povo soviético recebe os hóspedes ilustres. No momento, não podemos manifestar cordialidade ao presidente dos Estados Unidos, uma vez que, como resultado dos vôos de provocação, com fins de reconhecimento, de aviões militares norte-americanos, surgiram condições claramente desfavoráveis para tal visita. O povo soviético não pode nem quer ser objeto de enganos.

«Por isso acreditamos que, no momento, a viagem do presidente dos Estados Unidos à União Soviética deveria ser adiada, devendo ser realizado um acordo acerca da data dessa visita, quando condições para ela se tenham estabelecido. Então, o povo soviético poderá manifestar a cordialidade adequada para o ilustre hóspede, representante de uma grande potência, com a qual, sinceramente, desejamos viver em paz e com amizade.



O verdadeiro motivo do fracasso da conferência de cúpula foi a política gangsterista dos Estados Unidos, mandando um avião de espionagem à URSS duas semanas antes da conferência e afirmando depois que continuaria usando de seu direito de espionagem. Na foto Kruschiov mostra fotografias dos objetos encontrados em poder do piloto Powers.

O motivo do fracasso

«Diario de la Marina» - Mal Que Durou Mais de 100 Anos

O «Diario de la Marina», de Havana, continua a sair. Já agora, porém, não mais sob a orientação de seus antigos proprietários. Os jornalistas e operários do jornal assumiram o seu controle.

A propósito desse fato, a imprensa de aluguel do Rio tem feito grande estardalhaço. Procura defender o direito, que os antigos donos do «Diario» julgavam ter, de sistematicamente combater, para isso divulgando as mais torpes mentiras, os interesses do povo cubano. E chamam a isso liberdade de imprensa...

Cremos ser oportuno apresentar alguns dados sobre o papel que tem representado, em Havana, o «Diario de la Marina».

1 O «Diario de la Marina» foi fundado durante a dominação espanhola (há 128 anos) e se dedicou a defender os interesses da Metrópole. Logicamente, essa orientação contrariava os sentimentos da imensa maioria dos cubanos, que já lutavam para emancipar-se da Espanha. Desde então, o jornal se transformou no símbolo do colonialismo.

2 Quando, a 27 de novembro de 1871, a Espanha lançou sobre sua história uma mancha indelével ao fuzilar oito estudantes de medicina, o «Diario de la Marina» teve participação destacada no vergonhoso episódio. Os estudantes foram acusados de riscar o túmulo de um jornalista espanhol enterrado no velho cemitério de Espada. Demonstrada sua inocência, foram absolvidos. No dia seguinte, o «Diario de la Marina» condenava, em editoriais incendiários, a sentença, e insuflava o Corpo de Voluntários — exército auxiliar integrado pelos piores elementos espanhóis — contra os estudantes. A campanha logrou êxito e o governador de Espanha determinou o fuzilamento dos jovens.

3 Quando, a 7 de dezembro de 1896, morria em combate contra as forças espanholas o general cubano Antonio Maceo — o mais querido e aguerrido chefe militar das forças cubanas que lutavam pela independência de Cuba — o «Diario de la Marina» festejou o acontecimento com editoriais em que se congratulava com as forças espanholas por «haverem pôsto fim à vida do negro que tanto luto levava aos lares espanhóis». (Referia-se aos soldados de Espanha mortos em combate contra as tropas libertadoras do general Maceo). Em suas manifestações de júbilo, o «Diario de la Marina» chegou a adornar o edifício para festejar «o feliz acontecimento», enquanto os cubanos choravam a morte de seu soldado mais estimado.

4 José Martí, o apóstolo da liberdade cubana, foi também alvo dos ataques do «Diario de la Marina», que em mais de uma ocasião o chamou de «aventureiro, ladrão de cavalo e bandido», termos com que os patriotas cubanos eram qualificados pelos oficiais do exército espanhol e pelos espanhóis recalitrantes.

5 Se o «Diario de la Marina» escapou da ira popular quando Cuba se tornou independente da Espanha (1898), foi devido à intervenção militar norte-americana, que impediu que os cubanos alcançassem sua plena soberania. O governo interventor concedeu toda classe de proteção ao jornal, para evitar sua destruição.

6 Durante a última guerra mundial, o «Diario de la Marina» ficou ao lado da Alemanha e Itália, aliados de Franco em 1936, chegando a escrever editoriais a favor de Hitler.

7 Durante a ditadura de Batista, o «Diario de la Marina» continuou a ser o porta-voz da reação e naturalmente se submeteu docilmente à censura estabelecida por

Batista, enquanto recebia mensalmente 16 mil dólares e publicava os telegramas do exército de Batista, os quais insultavam os rebeldes da Sierra Maestra, qualificando-os de «ladrões de cavalo e bandidos», exatamente como o fazia há 80 anos em relação aos cubanos que lutavam pela independência da Pátria.

8 Quando o governo atual de Cuba demonstrou estar fazendo uma verdadeira revolução, o «Diario de la Marina», fiel aos interesses a que tem servido durante os seus 128 anos de existência, começou a criticar as leis revolucionárias — reforma agrária, lei do inquilinato, aumento do salário mínimo para 85 dólares, etc. — apoiando os latifundiários, os contra-revolucionários que dentro e fora do país procuram frear o movimento revolucionário.

9 Durante os últimos meses, o «Diario de la Marina» passava por séria depressão econômica. Não se vendia e os anunciantes retiravam-lhe os anúncios. A gerência do «Diario», justificando-se por razões de economia, aumentou o preço da assinatura, de dólar e meio para três dólares.

A Sociedade Interamericana de Imprensa e outras organizações internacionais, que nunca condenaram a covarde e anticubana colaboração do «Diario de la Marina» com a ditadura de Batista, concederam a Pepin Rivero o título de «herói da liberdade de imprensa». Nada dizem, é claro, dos cheques que recebeu da ditadura de Batista e dos contra-revolucionários, e nem dos ataques que, através de toda sua longa história, tem desfechado contra o povo de Cuba.

10 No entanto, os cubanos, corrigindo o refrão de que «Não há mal que dure cem anos...», há muito consagraram a frase popular de que «o único mal que durou cem anos foi o «Diario de la Marina».





Trabalho e sorriso na mesa do Congresso

O líder bancário Fernando Tristão Fernandes presidiu os trabalhos da 3ª sessão plenária do I Congresso Sindical dos Trabalhadores do Estado do Paraná, que foi a maior manifestação de unidade das massas trabalhadoras daquela Região. Na foto, um aspecto da mesa composta com vários líderes sindicais

Congresso Sindical do Paraná revela

Salário de um Mês Não dá Para 15 Dias

Paranaguá é hoje uma cidade triste. Lá, trabalha-se muito mas não se consegue nem matar a fome dos nossos filhos. O custo da vida devora em 15 dias o salário que recebemos em um mês.

Foi o padreiro Daniel Ramos que disse essas palavras, pouco antes de se iniciar o I Congresso Sindical dos Trabalhadores do Estado do Paraná. Outras declarações semelhantes revelaram o tremendo estado de pobreza em que se encontram as massas trabalhadoras do Paraná, cujos representantes reuniram-se de 28 de abril a 1.º de maio corrente, no seu I Congresso.

Mas, se triste é hoje a situação dos trabalhadores paranaenses, o seu Congresso não foi de tristeza nem de desalento. Ao contrário, os trabalhadores debateram entusiasticamente os seus problemas, cheios de esperanças, confiantes em suas próprias forças para lutar e sair da situação de miséria em que se encontram. Dentre as suas resoluções a luta pela revisão dos atuais níveis de salário mínimo, pelo reajustamento geral de salários, e por outras reivindicações específicas do movimento operário e sindical, relacionando-as com a luta de todo o povo pela encampação do sistema de transporte coletivo de Curitiba, pelo tombamento físico e contábil e respectiva encampação da Companhia Telefônica Nacional e da Companhia Fôrça e Luz do Paraná, pela prioridade para os portos paranaenses para a exportação de produtos locais e importação de mercadorias para o Estado.

Declaração de princípios

Reafirmando a mesma posição nacionalista que vem sendo consagrada pelos trabalhadores de todo o país, o I Congresso Sindical dos Trabalhadores Paranaenses firmou a seguinte Declaração de Princípios:

- 1) Considerando que as soluções da grande maioria dos problemas que afligem os trabalhadores brasileiros serão encontradas com a política desenvolvimentista de caráter eminentemente nacionalista;
- 2) Considerando que somente no regime democrático o povo pode discutir e equacionar seus problemas;
- 3) Considerando que o capitalismo internacional é a maior obstáculo ao desenvolvimento nacional porque empobrece o nosso povo, com sua impiedosa exploração;
- 4) Considerando que o analfabetismo é o principal entrave ao amadurecimento político e social da nacionalidade;
- 5) Considerando que o regime feudal ainda existente em várias regiões brasileiras impede o progresso do povo, dificultando a industrialização do país;
- 6) Considerando que a solidariedade entre os povos subdesenvolvidos é o instrumento e a força capaz de fazer com que os países explorados cooperem para o desenvolvimento das nações não industrializadas;

Afirmamos que somos intransigentemente nacionalistas sem ser inimigos de nenhum

povo;

Que somos pela Petrobrás intocável e que esta deve assumir a distribuição e venda direta de seus produtos ao consumidor;

Que somos pela nacionalização da energia elétrica;

Que somos pela criação e instalação da indústria nacional de material ferroviário, naval, aeronáutico, rodoviário e de máquinas e implementos agrícolas;

Que somos pela ampliação das relações comerciais, diplomáticas, culturais e sociais com todos os povos do mundo;

Que somos pela autodeterminação dos povos e condenamos qualquer intervenção em Cuba e damos integral apoio à revolução de Fidel Castro;

Que condenamos os massacres raciais perpetrados pelo governo da União Sul-Africana e condenamos qualquer discriminação racial, política e religiosa;

Que somos pela defesa da escola pública, pois nela é que estuda o filho do povo, repudiando o projeto de lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de autoria do deputado federal Carlos Lacerda;

Que somos pela reforma agrária a fim de permitir integrar na sociedade brasileira quase vinte milhões de trabalhadores rurais;

Que somos pela ampliação e nacionalização do sistema de comunicações — serviços telegráficos, radiotelegráficos, telefônicos e radiotelefônicos e, portanto, pela encampação das companhias de capital estrangeiro;

Lider do PTB desabafa no Recife

Foi a CNTI Quem Apresentou o Projeto Divisionista

O deputado Oswaldo Lima Filho deu um desabafo diante de centenas de trabalhadores no Recife, declarando que vai retirar o projeto apresentado na Câmara, que introduz política partidária nos sindicatos. «O projeto, declarou o líder do PTB, foi apresentado por mim mas não é de autoria minha e nem do meu partido. Foi a CNTI (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria) quem nos apresentou a idéia, que foi por nós aproveitada, pensando tratar-se de uma reivindicação das massas trabalhadoras. Agora, diante das manifestações de repúdio que o referido projeto tem recebido de entidades sindicais de todo o país, resolvi retirá-lo». Essa declaração foi feita no Teatro Santa Isabel, na instalação do I Congresso dos Trabalhadores do Norte e Nordeste.

O conclave reuniu-se de 28 de abril a 1.º de maio corrente, e o seu ato de instalação contou com a presença de altas autoridades, entre as quais a do

Que somos pela mobilização de todo o povo contra os açambarcadores e sonegadores dos gêneros de primeira necessidade;

Que somos pela encampação dos frigoríficos estrangeiros;

Que afirmamos a nossa vontade férrea de, dentro do movimento sindical brasileiro, atuar efetivamente na luta pela liberdade econômica e social do povo;

Que somos incansáveis e intransigentes das liberdades democráticas expressas em nossa Carta Magna;

Que somos pela extinção da guerra fria, que tem dificultado a maior cooperação entre os povos;

Que somos pela cada vez mais crescente unidade da classe operária nacional, bem como da fraternidade universal dos trabalhadores;

Que somos pela regulamentação imediata da remessa de lucros, dividendos e «royalties» para o Exterior;

Que somos pela reforma da lei eleitoral, para que estenda o direito de voto ao analfabeto e liquide com as restrições antidemocráticas, ainda existentes;

Que exigimos ampla liberdade do direito de greve, de acordo com a nossa Carta Magna;

Que somos pela imediata reestruturação e consequentemente melhora da Previdência Social;

Que somos contra o engajamento dos órgãos representativos dos trabalhadores a qualquer partido político, evitando, destarte, a desunião da classe trabalhadora.

vice-presidente da República, sr. João Goulart; governador Cid Sampaio; vice-governador Pelópides Silveira; do prefeito do Recife, sr. Miguel Arraes; do Marechal Teixeira Lott, candidato nacionalista à presidência da República, e do ministro do Trabalho, sr. Batista Ramos.

Lott pela Reforma Agrária

A instalação do conclave foi precedida de um grande comício realizado na Praça Dantas Barreto que contou com a participação de dezenas de milhares de pessoas. O Marechal Lott, dirigindo-se à multidão de trabalhadores, manifestou-se favorável à reforma agrária, congratulando-se com o deputado Francisco Julião pela sua alivida-ção junto às Ligas Camponesas, pugnando pela mudança do atual regime de propriedade da terra e em defesa dos direitos dos lavradores. Acentuou ainda o Marechal Lott a necessidade

de ser desenvolvida a economia da Região Amazônica e de serem entregues aos lavradores as terras situadas à margem das estradas abertas com a construção de Brasília.

Congresso Sindical Nacional

Os representantes dos trabalhadores de todos os Estados do Norte e Nordeste do país discutiram durante três dias os assuntos mais polpantes do movimento operário regional e nacional, fazendo severas críticas ao Congresso Nacional pelo fato de o mesmo não ter aprovado, até hoje, os projetos de interesse dos trabalhadores, entre os quais o de regulamentação do Direito de Greve e da Lei Orgânica da Previdência Social. Após discutirem inúmeros outros problemas, notadamente o da elevação do custo da vida e do reajustamento imediato dos novos níveis de salário mínimo, decidiram os congressistas fazer um apelo às entida-

des sindicais de grau superior para que convoquem a um Congresso Sindical Nacional para o próximo mês de julho, conforme a resolução do II Convênio Sindical Nacional.

Conselho Sindical

A exemplo do que vem ocorrendo em outras regiões, os delegados dos trabalhadores do Norte e Nordeste resolveram também organizar o seu Conselho Sindical, órgão que tem a finalidade de congregando entidades sindicais de todas as categorias profissionais, coordenando as suas atividades em torno do programa de reivindicações e de atividades aprovado no Congresso. O Conselho é um poderoso fator de unidade, e a sua forma de organização será estendida aos Estados e municípios do Norte e Nordeste que terão, desta maneira, uma ação unida na luta pela conquista das suas reivindicações.

Indústria Farmacêutica em crise

Monopolizando a Matéria-Prima os Trustes Estrangeiros Asfixiam a Indústria Nacional

A indústria farmacêutica nacional sucumbirá, por certo, se o Governo não tomar providências que a protejam contra a exploração desenfreada dos trustes internacionais, que fornecem matéria-prima aos nossos laboratórios e com estes concorrem no negócio de venda de remédios às farmácias. Sua liquidação e a conseqüente tomada definitiva de nosso mercado pelos consórcios estrangeiros além de arruinar nossos pequenos e médios industriais prejudicará cerca de cinquenta mil pessoas que lhes servem como empregados.

Sem crédito, sem qualquer amparo oficial, sem meios para livrar-se da competição desleal dos grandes laboratórios estrangeiros amparados até pelo Banco do Brasil, os laboratórios nacionais, pode-se dizer, já estão agonizantes. E o reajustamento dos preços dos remédios servi-lhes-á apenas como paliativo, não pode ser apontado como solução para o complexo problema de sobrevivência de um ramo industrial sujeito aos sucessivos aumentos dos preços da matéria-prima, para os quais não se tem estabelecido qualquer controle oficial.

produziria os sais indispensáveis aos laboratórios nacionais, fregueses forçados dos grandes laboratórios estrangeiros, notadamente norte-americanos. Ninguém é ingênuo para acreditar que se pretenda evitar aumentos de preços de qualquer mercaderia, em sua última fase de circulação, quando, antes, não se procurou evitar a alta do custo de produção. O Governo, através da COFAP ou de outros órgãos mais responsáveis, pode, se quiser, controlar os preços da matéria-prima da indústria farmacêutica, como primeira etapa de um plano que iria, em etapas sucessivas, desenvolver-se para o fortalecimento da indústria farmacêutica que terminaria por libertar-se dos trustes internacionais, com a criação de departamentos de pesquisa e da não menos imprescindível indústria química de base.

Mas isto não interessa aos grandes consórcios estrangeiros que estão estrangulando os pequenos e médios laboratórios nacionais por isso que, a não ser os próprios industriais brasileiros, em seus entendimentos na COFAP e no Gabinete do ministro do Trabalho, ninguém falou da questão de encarecimento inexplicável da matéria-prima.

os resultados de seus inquéritos demonstrando, de um lado, um pequeno grupo de laboratórios estrangeiros, notadamente norte-americanos, em excelente situação, e de outro, a situação de penúria dos laboratórios médios e pequenos, todos nacionais, explorados pela que lhes fornecem a matéria-prima a preços exorbitantes.

Diz o IBGE, em sua nota, que «deverá ter atingido 24,7 bilhões de cruzeiros, no ano passado, o movimento de vendas dos 87 principais estabelecimentos da indústria farmacêutica, cifra que representa um aumento de 39,6% sobre o total do ano anterior.» Oculou, entretanto, que o valor total das vendas foi de 27 bilhões de cruzeiros. Verifica-se, com o conhecimento desse total, que 341 laboratórios nacionais venderam 2,3 bilhões de cruzeiros, quantia irrisória tendo em vista o número de firmas e em comparação com os 24,7 bilhões daquele pequeno grupo de empresas.

Preços de matéria-prima

Os preços da matéria-prima vêm subindo sem qualquer controle oficial, em ritmo mais acelerado que os preços dos remédios. Os grandes laboratórios, que também fornecem matéria-prima aos médios e pequenos, enquanto estes se arruinam vão lutando cada vez mais e o seu domínio em nosso mercado. Em reportagem anterior citamos, como exemplo, o maleato de propiridamina cujo preço subiu, de maio de 1957 a junho de 1959, de Cr\$ 13.564,00 para Cr\$ 30.157,00 o quilo; e a melonina que de janeiro de 1957 a maio do ano passado teve o seu preço, por quilo, majorado de Cr\$ 1.300,00 para Cr\$ 3.200,00. Podemos informar, ainda, que a glicerina que custava Cr\$ 50,00 o litro em junho de 1958, já estava sendo vendida à razão de Cr\$ 194,44, em lata de deztoito litros. O gomenol que em 1958 era vendido a Cr\$ 350,00 o quilo teve seu preço elevado para Cr\$ 700,00, em junho do ano passado, e já atinge a Cr\$ 750,00 atualmente. Um milhão de ampolas de 5 cc, para remédios injetáveis, que até 1958 custava Cr\$ 550,00, passou a custar Cr\$ 1.150,00 o ano passado e terá ainda seu preço majorado.

Até o óleo de amendoim, veículo utilizado pela indústria farmacêutica, subiu e continua subindo assustadoramente. A firma norte-americana Anderson Clayton & Cia. Ltda. fornecia o «Óleo Lírio Neutro» (de amendoim) à razão de Cr\$ 52,11 o litro, em janeiro do ano passado. Aumentou para Cr\$ 98,33 em março deste ano e em abril já vendia à razão de Cr\$ 131,11 o litro. E nada justifica tal majoração.

Os aumentos de preços da matéria-prima são tão constantes que já hoje podemos afirmar que o quilo de Vitamina B1 custa Cr\$ 9.500,00, produto que em reportagem anterior apresentávamos com o preço de Cr\$ 8.500,00 o quilo.

E não se diga que o constante aumento da matéria-prima é decorrente da inflação, da desvalorização de nossa moeda. Se fosse por isto, apenas, as majorações seriam bem menores, correspondendo à taxa de desvalorização do cruzeiro. Lembremos o exemplo da Vitamina B1 que serve para demonstrar que o aumento dos preços da matéria-prima não decorre de fatores incontraláveis, mas da pressão dos grandes consórcios estrangeiros sobre os nossos laboratórios: em setembro de 1957 a Vitamina B1 era vendida a Cr\$ 3.200,00 o quilo. Os laboratórios estrangeiros Merck Sharp & Dohme e Roche, que a forneciam aos laboratórios nacionais, combateram entre si para elevar o preço para Cr\$ 8.500,00 o quilo. Todavia, entraram no mercado outros concorrentes estrangeiros, holandeses, suíços e japoneses. A firma Nichimen do Brasil Ltda., japonesa, no dia 30 de outubro de 1957 vendia a mesma vitamina ao preço de Cr\$ 3.000,00 o quilo. Merck Shar & Dohme montou seu estabelecimento em São Paulo, dizendo que ia fabricar vitaminas no Brasil e pediu ao Governo proteção para sua «indústria nacional». Deste modo, afastou os concorrentes do mercado e passou a elevar o preço do produto, que já custa Cr\$ 9.500,00 o quilo e irá para deztoze mil cruzeiros. E em verdade, não está fabricando coisa nenhuma. Importa vitamina, realiza aqui apenas a última fase de fabricação e impõe o preço que quer. Claro está que se fatores incontraláveis determinassem os aumentos absurdos dos preços da matéria-prima, a firma japonesa Nichimen do Brasil Ltda. não poderia ter vendido a vitamina a três mil cruzeiros o quilo, no momento em que Merck Sharp & Dohme, em 1957, já pretendia aumentar o preço de três mil e duzentos para oito mil e quinhentos cruzeiros. Cabe, pois, ao Governo exercer controle sobre os preços da matéria-prima, não se tratando, a sério, os preços dos remédios.

Aumento ou congelamento

Para os grandes consórcios estrangeiros e para a própria COFAP, o que interessa é a discussão simplista do problema, dentro do dilema: aumento ou congelamento dos preços dos remédios. Não que o congelamento estivesse nas cogitações das autoridades como meio de evitar o aumento, mas porque estas pretendiam fingir que estavam defendendo o povo, que não queriam novas majorações de preços. O debate aceso dentro desse dilema desviaria a opinião pública do problema complexo que poderia ser examinado, como ainda pode, em benefício da população e da indústria nacional, e solucionado em etapas diversas.

Ora, se as autoridades da COFAP e do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio quisessem, realmente, evitar altas exageradas, iriam examinar a questão em profundidade, estabelecendo o controle dos preços da matéria-prima, paralelamente à elaboração de um plano para fundar, no Brasil, uma grande indústria química de base, que

Quadro falso do IBGE

Desde o ano passado que se discute, mesmo na imprensa, que, de modo geral, recebe polpudas matérias pagas dos grandes laboratórios estrangeiros, o problema da indústria farmacêutica, mas sempre dentro do dilema: aumento ou congelamento dos preços dos remédios. E quando mais se intensificava o debate, o IBGE distribuiu uma nota aos jornais, dizendo-se baseado em seus «Inquéritos Econômicos», dando um quadro falso do panorama da indústria farmacêutica em nosso país, com dados relativos, apenas, a oitenta e sete dos quatrocentos e vinte e oito laboratórios. Dados colhidos num pequeno grupo de empresas poderosas que, realmente, não precisariam de qualquer aumento, não poderia refletir a realidade e servir, apenas, para fortalecer argumentos dos que, por safadeza, evitavam discutir a questão da matéria-prima e da indústria química de base e indicavam a segunda ponta do dilema, fingindo combater as poderosas empresas. Deveria, pois, o IBGE divulgar

Historia da URSS

EPOCA DO SOCIALISMO

URSS, AVANÇADA ECONÔMICA E SOCIAL

EDITORIAL GRZILALO

Já saiu em português

Sob o patrocínio da Academia de Ciências da URSS. 1 volume, 830 páginas, em brochuras.

Cr\$ 650,00

Temos em nosso Departamento de «Atualidades Soviéticas»: edições recentes e atualizadas sobre filosofia, economia, história, medicina, educação, ciência e técnica, agrobiologia, ballet, novelas e clássicos da literatura.

Livraria das Bandeiras Ltda.

Rua Riachuelo, 342 — Loja 2

Fone: 36-4871 — São Paulo.

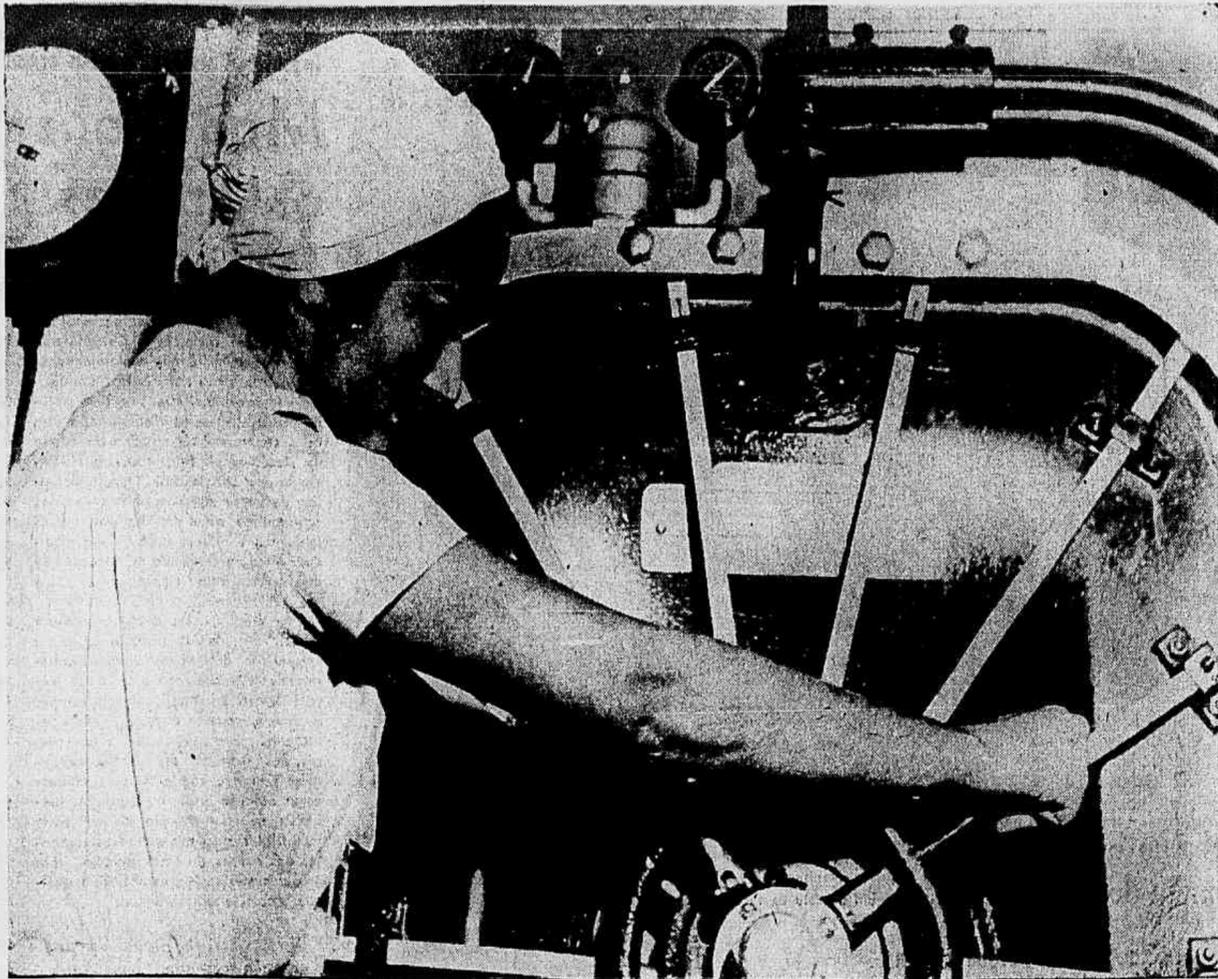
Atendemos pelo Reembolso Postal.

NOVOS RUMOS



Anjo da Guarda

O recém-nascido da foto veio ao mundo num parto difícil, prematuro. De dentro da incubadeira, seu único contacto com a vida externa é a mão carinhosa de enfermeira



Pau prá tôda obra

Elas são conhecidas como aquelas figuras de branco que percorrem com passo leve, dia e noite, os corredores dos hospitais, que estão sempre à cabeceira do doente, atendendo-o, animando-o. Este é um lado da vida da enfermeira; o outro, está nos laboratórios, onde ninguém as vê. Ali elas empregam os conhecimentos técnicos adquiridos nos cursos, manejam os microscópios, preparam drogas, lidam com o aparelhamento científico mais moderno.

“Anjos Brancos” Não Dormem



O valor do trabalho

O valor e o sacrifício de Florence Nightingale simbolizam a vida das «irmãs de branco» em todo o mundo. Devotam ao seu trabalho, à sua missão toda sua vida. Um simples embalar de instrumentos esterilizados significa muito para a enfermeira, pois ela sabe que do seu trabalho dependem muitas vidas humanas.



Carinho e devoção

Enquanto o médico faz a visita ao berçário, examinando os recém-nascidos, a dedicada enfermeira o acompanha, atende às suas instruções. Depois, o médico se vai, e é ela, o Anjo de Branco, quem toma a si a delicada responsabilidade de cuidar da vida da criança. São noites e dias numa vigília que enobrecer.